Diário de Lisboa

Novembro 1977
Quarta-feira

ANO 57.º
N.º 19 507
6 escudos

16

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Tiraram 30 episódios à "Gabriela"

Os telespectadores portugueses não verão 30 dos 160 episódios que constituem o popular folhetim «Gabriela», cuja transmissão a RTP hoje conclui. Com efeito, e segundo informação colhida pelo «DL» directamente no Brasil, a já célebre telenovela tem mais 30 episódios dos que a TV portuguesa transmitiu.

Em contacto com a administração da RTP, fomos informados de que tal facto deve-se à TV Globo, que terá enviado apenas os episódios que a nossa televisão tem transmitido, adiantando ainda a hipótese de a congénere brasileira o ter feito em termos de comercialização para o exterior. Sobre o facto de a RTP ter anunciado, no início das transmissões, que iriam ser exibidos 160 episódios, fomos informados ter-se tratado de «lapso».

De qualquer modo é muito estranho que a «Gabriela» fosse exibida na íntegra num Brasil com um regime ditatorial e seja exibido truncado no «democrático» Portugal. É muito estranho!

A este propósito registamos parte da carta de um nosso leitor, acerca dos «cortes» na telenovela: «Porque é que sem mais nem menos se faz ao público telespectador uma comunicação lacónica praticamente à última da hora informando que a Gabriela termina na quarta-feira, quando toda a gente se afeiçoou à telenovela e segue religiosamente (por assim dizer) e cada vez com mais interesse uma telenovela com tão boa qualidade? De quem é a responsabilidade de tal determinação? Por que é que não ter a coragem de justificar tal falta de respeito ao telespectador? Quem tem medo da Gabriela? Como é possível que um país com um regime autoritário que pratica a censura e não só autorize a produção, exibição e até a exportação de uma telenovela com as características políticas e críticas que Jorge Amado lhe soube dar tão magistralmente, num país com um regime dito democrático como o nosso que conquistou as 'liberdades democráticas' ao acabar com a censura, se vá agora praticar um crime sim, um crime, uma monumental fraude como este, indo retirar a tesoura censória do esquecimento imposto pelas conquistas de Abril?»

HOJE NO 5.º TRIBUNAL MILITAR TERRITORIAL

Bombistas no banco dos réus

À hora a que encerramos a nossa edição está a começar, no 5.º Tribunal Militar Territorial, o julgamento dos implicados na rede bombista.

Escoltados por uma força da Polícia do Exército, os réus no processo da rede bombista chegaram esta manhã ao 5.º TMT de Lisboa

De entre os réus que se sentarão nos bancos do tribunal do Jardim do Tabaco, salientam-se Mota Freitas, antigo comandante da PSP do Porto, ontem transferido do Regimento de Infantaria de Aveiro, onde se encontrava preso, para o Depósito Geral de Adidos, onde ficará durante o decorrer do processo e Ramiro Moreira, cujo depoimento à Polícia Judiciária hoje voltamos a publicar em destacável.

Ausentes alguns dos principais mentores e responsáveis da rede bombista, nomeadamente Joaquim Torres, João Veríssimo, Abílio de Oliveira, Décio Sottomayor e Manuel Macedo, que escaparam para o estrangeiro quando a notícia da sua provável prisão foi divulgada antes de esta se efectuar.

Ao fim da manhã de hoje um forte dispositivo militar protegia as instalações do Tribunal, com o apoio de forças dos pára-quedistas, enquanto se encontravam já dentro do Tribunal os réus presos, para ali levados debaixo de forte escolta constituída por elementos da Polícia do Exército e por batedores da PSP.

Documento

Diário de Lisboa — Lisboa, 18 de Novembro de 1977

UM ANO DE TERROR

«ninguém será poupado, seja civil, doutor ou general»

BOMBISTA AO GRAVADOR

Destacável "DL"

Dado o interesse manifestado por inúmeros leitores e amigos, aquando da divulgação, em primeira mão, do relato-confissão por Ramiro Moreira da actuação da rede bombista que durante cerca de um ano semeou o terror no nosso País, o «DL» publica hoje novamente na oportunidade do início do julgamento em destacável de oito páginas esse espantoso depoimento que tira dúvidas ao carácter criminoso e conspirativo dos seus objectivos contra a democracia portuguesa

SOCIALISTAS AFIRMAM

"PS continua a ser partido dos trabalhadores"

«Somos socialistas e queremos continuar a sê-lo porque queremos permanecer defensores dos interesses dos trabalhadores e da construção do socialismo em Portugal» — palavras de um «Manifesto» de militantes do Partido Socialista, principalmente ligados ao sector do Trabalho, esta manhã divulgado em conferência de Imprensa.

Presentes dirigentes intermédios do PS como Nuno Brandão e Filipa Homem Cristo, da Comissão Nacional do PS da JS, António Janeiro, Videira Santos e José de Figueiredo, das direcções sindicais dos Escritórios de Lisboa e dos Seguros do Sul, e Arlindo Velez e Diamentino Nunes, delegados sindicais dos Metalúrgicos e da Caixa Nacional de Pensões.

O «Manifesto» apresentado por estes militantes e que foi aprovado numa reunião nacional de trabalhadores socialis-

Continua na pág. 20

Governo concede quinze dias para acordo com a oposição

Até ao fim da manhã de hoje nenhum dos partidos parlamentares tinha recebido o documento-base para as negociações Governo-Oposição que o Primeiro-Ministro se comprometeu ontem a entregar, sob reserva. Na agenda do Primeiro-Ministro também não figuravam quaisquer encontros com os partidos nem junto destes havia qualquer convocação para encontros com o Governo. Aguardava-se, no entanto, uma iniciativa governamental até ao fim do dia.

O documento-base, que constitui uma proposta que expressa os pontos de vista do Governo sobre uma solução para os problemas político-económicas nacionais, foi ontem aprovado pelo Secretário Nacional do PS e por um Conselho de Ministros extraordinário, devendo ser amanhã objecto de uma exposição do Primeiro-Ministro à Assembleia da República, após o que será tornado público.

A ida do Primeiro-Ministro ao hemiciclo de S. Bento será ainda motivo para uma informação geral sobre as conversações havidas nos últimos tempos com os partidos parlamentares, devendo ser dado destaque às negociações com o Fundo Monetário Internacional, suspensas no final da se-

mana passada depois do Governo ter falhado nas suas tentativas para obter o consenso da Oposição para um acordo com aquele organismo internacional.

Com a reabertura dos contactos com a Oposição com base no documento agora apresentado, pretende o Primeiro-Ministro conseguir um acordo até ao fim do mês em curso, já que no princípio de Dezembro deverão ser retomadas as negociações com o FMI e, até 15 do mesmo mês, terá de estar aprovado o Orçamento Geral do Estado sobre o qual prevalecem numerosos pontos de divergência não só entre o Governo e os partidos como até com o próprio Fundo, que pretende ver as suas propostas

Continua na pág. 20

post-scriptum

Malvina dá lugar a Elisabeth

A diferença que vai da Malvina à Elizabeth

REBELDE: (que se revolta, desobediente, insurrecto, indisciplinado, teimoso, difícil, pessoa que se belea). Foi esta a palavra escolhida pelo locutor da RTP, para definir a personagem de Malvina, no snob «serão» a favor da casa dos «pobrezinhos» da Radiotelevisão Portuguesa. Descarada bofetada no rosto daqueles que com Malvina acompanharam a transformação da cidade de Ilhéus.

Servindo-se de um órgão de comunicação que é do Povo, pretende-se, assim, descaradamente, alienar esse mesmo Povo, deturpando uma personagem que tem sido a mola real da Gabriela.

Malvina nunca foi rebelde. O seu activismo sempre se definiu pelas posições conscientes que tomou, no lugar e na hora certa, pois sabia que, com essas posições contribuia para abreviar a chegada da mudança em que acreditava.

Se negativa foi a pergunta, não menos foi a resposta da Elisabeth, quem sabe se em comum acordo; (eu tentava dar nas vistas, chamar a atenção. Eu precisava de amor e era essa a maneira de conseguir que os outros se apercebessem que precisava de ser amada). Pobre Jorge Amado, em que turvas águas navega a tua barca. Retiram-te as ideias e ficam as más intenções.

Facto é que, essa era a outra face da Malvina, pois sempre acreditou na chegada do seu príncipe, em paralelo com a mudança e transformação da sua cidade, mas ficar por aí, com aquele «e pronto», só mesmo da Elizabeth qualquer coisa.

Maravilhosas expressões, com aquele olhar no amanhã e firmes fisionomias, perante a agressividade da ditadura «compadria», quem irá esquecer Malvina?, tanto mais que os «compadres» também abundam por estas bandas.

Não há ditadores que possam impedir que um seu elemento se aperceba das diferenças sociais existentes entre si e o seu semelhante, muito menos quando esse elemento resolve tomar uma posição para que essas diferenças sejam destruídas.

Foi esta uma das muitas coisas que nos disse o escritor. É de igual modo parte do muito que nos diz a telenovela. Ninguém tem o direito de deturpar esta realidade.

César Salvado
— LISBOA

Quando termina a chacina sobre a caça

Centenas de coelhos e outros animais mortos diariamente e durante todo o ano, pela calada da noite, é o triste panorama que no concelho de Salvaterra de Magos vamos assistindo, perante a passividade das autoridades competentes.

Mas ultimamente o problema toma aspectos alarmantes pois a meia dúzia de energúmenos deste concelho e, em especial da vizinha freguesia de Marinhais, que durante o dia se fazem passar por pessoas respeitosas, perderam todo e qualquer respeito pelas reservas onde, por lei, a caça pode habitar e reproduzir passivamente durante um período mínimo de três anos.

Agora perguntamos nós: para quando uma acção eficaz das autoridades a acabar com estes indivíduos?

Para quando o despertar das autoridades que não conseguem ver que ao destruir sadicamente a caça se está a destruir a riqueza nacional, a natureza, um meio turístico e que, para além disto, tudo põe em risco o seu próprio emprego?

Quando deixam os tribunais de ser benevolentes para com estes chacinadores e fazem cumprir a lei, como o fez recentemente a comarca de Benavente, e muito bem?!

Esperamos que muito em breve este flagelo termine, pois, para tal, as autoridades contam com o apoio dos caçadores que se prezam de o ser.

Nuno Alvarez
— TOMAR

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 36 87 40

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

"Ainda é fecundo o ventre" ... que pariu o fascismo

...«Creio em Deus Todo Poderoso e com a sua ajuda destruirei toda a terra, de Oriente a Ocidente» — parece ter sido assim o primeiro «credo» do imperador dos Tártaros, arrancado às trevas do paganismo por uma embaixada vaticana, a qual, à falta de meios mais persuasivos para converter o grão-mongol, lhe mostrou um painel evocativo dos suplícios do inferno, para onde fatalmente iriam penar na vida eterna todas as almas não redimidas pelo baptismo.

Afloravam-nos o espírito estas reminiscências de antigas idades enquanto cabeceávamos nas Cortes de S. Bento, ao zumbir nos nossos ouvidos o fluir melífluo do discretear «centrista» e «social-democrata» acerca da caracterização do «fascismo», em glosas leves e graciosas sobre o tema ba «liberdade», de dedo professoral estendido para os homens do outro extremo das bancadas, tantos deles privados dessa mesma liberdade, durante muitos anos, e por aquele mesmo fascismo acerca do qual alguns «mestres» equívocos, ostentando títulos duvidosos, se permitiam dar-lhes lições.

Dir-se-ia, evocando ainda o nosso tártaro assustado, que muita gente se converteu recentemente à democracia por causa dum susto igual ao do mongol a quem os Padres da Igreja mostraram as penas do inferno.

Dir-se-ia também que quem entra naquela casa deixa cá fora a esperança da razão, tão retorcida e aérea é boa parte da argumentação ali produzida, como se o nível da realidade estivesse sempre abaixo ou acima daquelas estranhas locubrações esquizofrénicas. Não sei quem disse que o parlamentarismo burguês estava para a ciência como a astrologia para a astronomia; fosse quem fosse, suspeito que tinha razão.

Tomemos, por exemplo, os srs. deputados Lucas Pires (CDS) e Meneres Pimentel (PSD). O primeiro não vislumbra «nem através dos longos óculos que julgam lobrigar toda a história, tanto para trás como para diante, como é que o fascismo pode ser considerado como o principal risco da Democracia Portuguesa». O segundo, preocupado embora com a «defesa da democracia», nunca poderá dar o seu voto «a uma lei que, destinando-se formalmente a proibir organizações de ideologia fascista, viesse realmente a violar os direitos fundamentais de liberdade de expressão e de associação, ofendendo o são pluralismo de opinião e de pensamento».

Ao primeiro, qualquer pessoa desprevenida sobre as práticas de S. Bento diagnosticaria logo uma incurável cegueira de gota serena. Ao segundo, até o «cabeça de aeroporto», que é o miúdo mais insensato da minha rua, estaria em condições de lhe lembrar que não pode haver liberdade para os inimigos da liberdade.

O SISTEMA «NEM-NEM»

Salvo erro, o primeiro a enfocar e definir com rigor este sistema foi um sagaz gaulez que dá pelo nome de Roland Barthes. Logo depois das batatas fritas, «ni-ni» era um dos mitos fundamentais da vida quotidiana francesa.

Na Assembleia da República portuguesa, «nem-nem» é sempre dos mais apreciados «morceaux» de retórica balanceada, isto é, da mecânica da dupla exclusão que constitui um dos traços distintivos da perplexidade pequeno-burguesa.

«Nem fascismo, nem social-fascismo», «nem ditaduras de esquerda, nem de direita», «nem Madeira, nem Alentejo», etc. Contentíssimos com a sua inocente descoberta, assim a modos que uma espécie de dialéctica **ad usum** mongoloide, o bem-aventurado povo do CDS e do PSD não repara que o juízo — seja qual for — é sempre determinado pela totalidade de que faz parte, e que a própria ausência de sistema, quando levada ao grau de profissão de fé, procede de um sistema perfeitamente definido (na ocorrência uma variante assaz banal da ideologia burguesa).

Como diz um simplório meu conhecido, os «nem-nem» dão a triste ideia de passar por este mundo para ver andar os carros eléctricos. E assim é, de facto apesar de todo o seu furor militante. Na verdade, não se podem formular juízos sobre valores tão grandiosos como a Liberdade e a Democracia sem uma certa ideia prévia do Homem e da História, do Bem, do Mal, da Sociedade, etc.

O FASCISMO EXISTIU

...Ontem, na Assembleia da República, no decorrer do debate de três projectos de lei — apresentados pelos grupos parlamentares do CDS, PSD e PCP — sobre a regulamentação do preceito constitucional que proíbe genericamente em Portugal a existência de organizações fascista, assistimos a repetidas tentativas da direita para minimizar o sistema político dos grande monopólios, que durante 48 anos mergulhou a nossa pátria no terror e nas trevas.

Abalançando-se à tarefa de substituir o combate ao fascismo pelo projecto de «defesa da democracia», Lucas Pires, o CDS, explicaria tranquilamente à assistência que «as democracias ocidentais conseguiram resolver o problema do fascismo desprezando-o» e que «os riscos da democracia não se cingem ao fascismo de direita e menos ainda a um fascismo morto».

Esta argumentação seria fortemente rebatida por Lino Lima, do PCP, ao lembrar que a expressão «totalitarismo» foram utilizada pelo próprio fascismo e largamente usada, durante a «guerra fria», pelas centrais da contra-informação controladas pela CIA, com o objectivo de armar ideologicamente o capitalismo na sua luta contra a URSS e os países socialistas.

Na opinião do grupo parlamentar comunista, a utilização deste conceito representaria «uma revisão da Constituição, que apenas fala em ideologias fascistas», e tanto o PSD como o CDS, ao tentarem a sua adopção num texto legal, pretenderiam «ilibar organizações fascistas».

Anteriormente, Carlos Brito, do PCP, e António Esteves, do PS, lembraram à Assembleia que o fascismo existiu, de facto, e que, como Brecht não se cansou de avisar depois da última guerra, «ainda é fecundo o ventre de onde saiu a besta imunda».

O fascismo, recordou Carlos Brito, «é a ditadura terrorista dos monopólios, associados ao imperialismo, e dos latifundiários». Em Portugal, acrescentou, «não é possível falar de fascismo sem falar em salazarismo, corporativismo, colonialismo, belicismo e racismo».

O debate deste problema prosseguirá amanhã, prevendo-se que baixem à Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias apenas os projectos do PSD e do PCP, para discussão na especialidade, esperando-se a apresentação de propostas de alteração do grupo parlamentar socialista.

Na fase preambular da sessão, a Assembleia aprovou ontem, apenas com as já esperadas abstenções do PSD, um voto de protesto do PCP contra o recrudescimento do terrorismo na Madeira, perante a passividade do Governo Regional.

ES

FOLHA OFICIAL

Legislação hoje publicada no «Diário da República», primeira série:

Assembleia da República: Resolução n.º 293/77: Dá assentimento à viagem oficial do Presidente da República à República Federal da Alemanha, nos dias 12 a 15 do próximo mês de Dezembro.

Presidência do Conselho de Ministros: Resolução n.º 294/77: Estabelece normas tendentes a resolver a grave situação em que se encontra o sector do turismo.

Ministério do Plano e Coordenação Económica: Declaração: De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério.

Ministério das Finanças: Decreto n.º 146/77: Autoriza a Direcção-Geral do património a celebrar escritura para a aquisição de um imóvel situado na Avenida dos Estados Unidos da América, na importância de 179 600 000$00; Despacho Normativo n.º 223/77: Fixa as condições que as caixas económicas terão de satisfazer para poderem participar no sistema de poupança-crédito.

Ministério dos Assuntos Sociais: Decreto-Lei n.º 482/77: Determina que a Escola de Enfermagem de D. Ana Guedes, no Porto, passe a constituir um estabelecimento oficial dependente do Ministério dos Assuntos Sociais. Decreto-Lei n.º 483/77: Determina que a Escola de Enfermagem de Calouste Gulbenkian, em Braga, passe a constituir um estabelecimento oficial dependente do Ministério dos Assuntos Sociais.

Ministério dos Transportes e Comunicações: Decreto-Lei n.º 484/77: Cria a Navis — Navegação de Portugal, EP, e aprova os seus estatutos e os da CNN e CTM; Declaração: De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério.

O SEU VELHO TELEVISOR VALE MUITO DINHEIRO

na troca de um

LOEWE OPTA

CONSULTE-NOS

RAIO DE SOL
LARGO DE D. ESTEFÂNIA 12-D · TEL. 548856 · LISBOA

GALERIA TRIANGULO
AV. ALMIRANTE REIS 166-A · TEL. 571978 · LISBOA

ponto a ponto

O primeiro acto partidário de Sá Carneiro pós-Conselho Nacional veio hoje a público: um artigo da sua autoria no órgão oficial do PSD, «Povo Livre». Sá Carneiro fala da «crise»: «O presidente do Partido era o visado, mas era o PSD que se pretendia atingir.» E agradece o apoio manifestado por todos, que fez com que continue no PSD «a dar tudo quanto possa».

O problema das relações de Portugal com Israel foi ontem abordado pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, João Lima, em entrevista com o embaixador judaico em Lisboa. Em foco a aproximação Cairo-Telavive que poderá contribuir para desbloquear a posição de Portugal.

Nobre da Costa, ministro da Indústria e Tecnologia, seguiu hoje para Paris a convite do seu homólogo francês. No programa de visitas programadas sobressaem contactos com a Régie-Renault onde deverá ser concluída a primeira fase das negociações em curso com vista à conclusão de um acordo para a instalação em Portugal de uma fábrica de automóveis.

Anuncia o diário da manhã «O Dia» estar criada uma Comissão Nacional de Apoio à reintegração do ex-general Spínola, estando a circular em todo o País listas de recolha de assinaturas de apoio a tal iniciativa. Aquele diário da manhã explica como surgiu a iniciativa: «Na sequência de algumas iniciativas levadas a efeito por militares do activo junto do EME as quais não surtiram qualquer efeito.»

COSTA DO MARFIM VAI ENTRAR NO "CLUBE" DOS PRODUTORES AFRICANOS DE PETRÓLEO

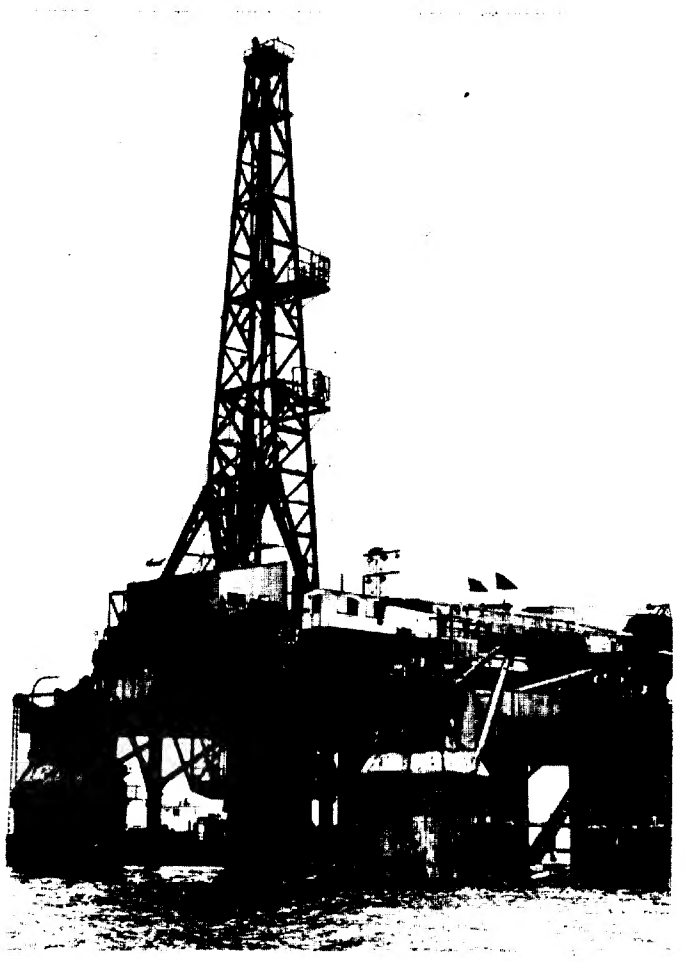
PHILIPPE DECRAENE

ABIDJAN — Dois factos susceptíveis de estimular muito sensivelmente a economia da Costa do Marfim, que, desde a independência, atravessa uma contínua fase de prosperidade, são a subida dos preços pagos aos plantadores de café e cacau e o anúncio oficial da descoberta de petróleo ao largo de Assinie. A entrada da Costa do Marfim no clube dos países africanos produtores de petróleo, terá decerto, em breve, repercussões económicas muito importantes.

Cheios de prudência, os meios económicos competentes insistem, como é evidente, no facto de não haver, de momento, nenhum **boom** petrolífero em perspectiva no país. Mas a certeza de que a sociedade Petroci, associada a um grupo americano, trouxe à luz reservas substanciais de «ouro negro» cria um clima psicológico favorável, como o provam estas palavras que recentemente nos dizia um dos membros do governo: «Mesmo que as cotações do café baixassem, em consequência do regresso do Brasil e da Guatemala ao mercado mundial, as reservas de petróleo permitir-nos-iam encarar com confiança o futuro.»

Os naturais da Costa do Marfim sentem uma grande necessidade desse sentimento de confiança. O reajustamento ministerial deste ano não teve, ao que se diz em Abidjan, outra razão de ser. Do mesmo modo, a subida dos preços do café e do cacau é motivada pela preocupação dos dirigentes da Costa do Marfim em deter a baixa do nível de vida verificada desde 1973. Tanto num caso como noutro trata-se de decisões pessoalmente tomadas pelo presidente Houphouet-Boigny, porque, segundo os rumores públicos, só o chefe do Estado é que pensa nos menos favorecidos, nos mais duramente atingidos pela inflação geral que persiste no país.

Os plantadores de café e de cacau, que formam, no Sul, uma classe particularmente numerosa de pequenos proprietários relativamente abastados, só teriam recebido até agora 180 francos CFA (3,60 francos franceses) por quilo de café ou de cacau. Claro que no mercado mundial, os preços destes dois produtos tropicais tinham subido de modo espectacular e o café atingira — recorde absoluto — 1800 francos CFA, antes de descer de novo para 1000 francos CFA. Mas a Costa do Marfim, país cuja economia está, no entanto, situada sob o signo do capitalismo liberal, a Caixa de estabilização dos preços dos produtos agrícolas paga aos plantadores a quem compra a totalidade das suas colheitas, um preço fixado pelo governo. Desde 28 de Setembro último, este preço foi fixado em 2,50 francos CFA por quilo mais 39 por cento.



Ao contrário do que se passa tanto no Uganda, onde os lucros extraídos da alta do café alimentam o cofre pessoal do marechal Idi Amin, como no império Centro-Africano, onde esses mesmos lucros servem para financiar a preparação da sumptuosa coroação do marechal Bokassa, as reservas da Caixa de estabilização são utilizadas na Costa do Marfim para financiar importantes trabalhos de infra-estrutura de utilidade pública ou de desenvolvimento agrícola ou industrial.

Esta Caixa deve, de resto, cobrir as despesas de apanha, manutenção, comercialização e armazenamento das colheitas (33 francos CFA na época em que o café era pago a 180 francos CFA ao produtor), a remuneração aos exportadores (3 francos), os direitos de saída (uns 60 francos), etc. A Caixa deve, por fim, juntar reservas consideráveis a fim de fazer face às eventuais descidas das cotações. Depois de uma destas últimas baixas a mais grave — o café desceu para 50 francos CFA o quilo.

(Le Monde)

política

de A a Z

MUDANÇA DE CENÁRIO

Não será difícil prever as respostas dos «partidos» e dos «parceiros sociais» ao documento que o dr. Mário Soares preparou e que, na sua dupla qualidade de Primeiro-Ministro e de secretário-geral do PS, submeteu, respectivamente, ao Secretariado Nacional do Partido Socialista e ao Governo. Nestas instâncias aprovado, o documento que será dado aos destinatários para o apreciarem, será apresentado e posto à discussão pelo Primeiro-Ministro no lugar próprio. E, para o Primeiro-Ministro, esse lugar próprio é a Assembleia da República.

Não será difícil alcançar o que Mário Soares pretende: dar à discussão a maior publicidade, pôr cada um, e todos, perante a responsabilidade das suas opiniões, das suas atitudes, dos seus votos.

A decisão é correcta, mas é uma habilidade política. Tem vantagens e tem desvantagens. E, desde já, revela até que ponto se desgastou a possibilidade de negociações entre **governo** e **partidos**, entre **governo** e **parceiros sociais**, no plano em que foram encetadas. Surge a necessidade de ter como juiz a opinião pública. A ela, na realidade, se faz apelo. Não só como um último recurso, reconheçamo-lo. Estamos, igualmente, perante uma diligência eleitoral.

O País precisa de saber como os **partidos** se comportam para, amanhã num amanhã que se aproxima, em consciência votar. O País precisa de saber quem tem empenho em construir um «País novo», e quem, objectivamente, pela palavra e pela acção, trabalha para um «regresso», se converte em cúmplice de quantos conspiram para a «desforra».

Muitos têm a **democracia** nos lábios, mas só por ambição política e pessoal se movem, só por pessoal interesse agem. Para muitos, o caminho da sua ambição passa pelo arrastar da «crise», o agravamento das contradições, a divisão e o desespero dos portugueses. E para uma situação que se deteriora, com alarmante celeridade, não se vê solução. Nem esta, a que Mário Soares parece querer cingir-se, a de levar os nossos problemas instantes ao tribunal da Assembleia da República.

Todavia, é legítimo esperar que os **grupos parlamentares** dos vários partidos), vão repetir os argumentos e alinhar pela atitude das suas directorias respectivas. Só que, pela força do voto de milhares de cidadãos eleitores, o PCP e a UDP, e os «independentes», terão assento, como o Partido Socialista, em igualdade com os **partidos** que querem impor no Portugal libertado o **apartheid político:** o CDS e o PSD. Mário Soares propõe-se fazer uma comunicação ao conjunto dos deputados. A todos caberá, no diálogo, conseguir um consenso. Ou — radical solução — dar a palavra ao Povo.

Não há tempo a perder.

O DRAMA EM CENA

A divisão das forças democráticas e as dificuldades da vida democrática num país que emergiu para a Liberdade de uma longa noite de opressão, de silêncio e de obscurantismo, explicam o que se passa, mas não a duração desta «crise».

A «crise» começou por ser uma «crise **de** governo».

Tudo se agravou por a «crise **de** governo» não ter sido resolvida nesse plano. Isto é: remodelando o «Governo constitucional», podando-o de ramos inúteis, substituindo inutilidades e incompetências, concentrando poderes, estreitando a coordenação, descentralizando, modernizando, desburocratizando. Por se ter recusado a solucionar a «crise **de** governo», viu-se o Primeiro-Ministro envolvido numa «crise **do** Governo». Esse é um dos aspectos da «crise política». E com «crise política» e sem um «Governo coeso e operacional», é extremamente improvável «vencer a crise e salvar a Revolução».

Agricultura e pesca, indústrias transformadoras da produção agrícola, conservas, cortiças — estão em **crise**. A indústria está em **crise**, a nacionalizada e a privada. Os **pacotes** arruinaram o comércio, os pequenos industriais, o artesanato. O ensino vive o seu momento caótico. A Imprensa está em **crise**; a actividade editorial também. Em **crise** as nossas economias domésticas pelas subidas dos preços assaltadas. A chave, signo e símbolo, é: **crise**.

Por mais excelentes discursos que nos façam e que se façam, uns aos outros surdamente se aplaudindo ou em gritaria se descompondo, os nossos excelentíssimos políticos terão que arregaçar as mangas. E sem demora. Governar é trabalhar.

Menos intrigas. Menos manobras. Menos discursos. Importa trabalhar ou dar lugar a quem queira trabalhar com competência, imaginação, coerência, dedicação e com respeito pelo projecto nacional que o Povo escolheu.

E importa admitir que fora dos **partidos**, que além das muralhas que separam as diferentes cidadelas partidárias, existe Povo, trabalhadores, técnicos, artistas, criadores, produtores, cidadãos. O drama que está em cena não é só o da **incompetência**, tem, também, o nome de **partidarite**.

E a **incompetência** e a **partidarite** revelam-se, a cada passo, no decurso de **um processo de crise** (que, aliás, transcende **este** Governo) como factores multiplicadores. A **incompetência** e a **partidarite** são multiplicadores da **crise**.

CLARIFICAÇÃO URGENTE

Não se poderá reconstruir a vida nacional, dar alicerces sólidos às instituições democráticas, fazer cumprir a Constituição, vencer a **crise**, sem um esforço sério de clarificação e de justiça. A mentira, a mistificação, o equívoco, a ambiguidade, as conivências e as cumplicidades que se revelam em casos como os do terrorismo bombista e noutros campos de criminalidade, da droga e do contrabando aos tráficos de divisas e de valores que no interesse do património nacional deveriam ser acautelados, não podem eternizar-se. A Justiça não pode estar entregue a indivíduos estranhos, pela vida e pela mentalidade, aos ideais na Constituição consagrados. A defesa antifascista do Estado, a defesa da Democracia, não pode estar entregue, ou ser controlada, por aqueles que se comportam como adversários do «25 de Abril» e da Constituição. Os meios de Comunicação Social não poderão continuar a ser utilizados com objectivos de intoxicação e de desestabilização. Urge pôr o fascismo fora da lei, mas é ainda mais urgente pôr o fascismo fora das mentalidades e à margem das cumplicidades.

Casos como o do «bombismo». Casos como o do sucessivamente protelado esclarecimento das circunstâncias em que o general Humberto Delgado foi assassinado. Casos como os das reintegrações de fascistas notórios. Casos como o do esquecido processo do almirante Henrique Tenreiro. Pela sua natureza, e pelo escândalo que os rodeia, carecem de uma clarificação.

A mentira e o silêncio não são materiais de construção democrática.

Pub

ATENÇÃO, SANTARÉM!

LUÍS DE PINA

Está hoje, a partir das 18.30 h., na livraria TEXTO MÚSICA (ex-Apolo) para autografar o seu livro

«A AVENTURA DO CINEMA PORTUGUÊS»

APROVEITE!

distribuidora O SECULO

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO SUL

Os Corpos Gerentes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul, vêm publicamente manifestar o seu total apoio à Manifestação do dia 19, exortando todos os trabalhadores Químicos a integrarem-se na mesma.

CONTRA OS DESPEDIMENTOS!
PELO DIREITO AO TRABALHO!
CONTRA A REPRESSÃO!
PELAS LIBERDADES SINDICAIS!
CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA!
PELA DEFESA DAS CONQUISTAS ALCANÇADAS!
PELA RECUPERAÇÃO ECONÓMICA AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES!
PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL!

TODOS AO MARQUÊS DE POMBAL, ÀS 15 HORAS!

A Direcção

Pub

CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

EDITAL

Abastecimento de água ao Parque de Campismo

ESEQUIEL LINO, Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra

FAZ SABER que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada de construção de um reservatório de Betão Armado no Parque de Campismo

A base de licitação é de 1 291 839$00
O depósito provisório é de 32 300$00

Alvará exigido – 3.ª subcategoria da I categoria ou 3.ª subcategoria da V categoria. A classe será a correspondente ao valor da proposta.

Local dia e hora para entrega das propostas – até às 17 horas do 20.º dia a contar da publicação no "Diário da República" do anúncio do concurso público correspondente, na Secretaria Técnica da Câmara Municipal de Sesimbra.

Local, dia e hora do acto público do concurso – Na primeira Sessão pública da Câmara Municipal de Sesimbra que se realizar após o termo da recepção das propostas.

Local e horário de exame do processo – Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Sesimbra durante as horas normais de expediente.

Para constar se publica o presente edital e outras de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Sesimbra, 10 de Novembro de 1977.

O Presidente da Câmara,
Esequiel Lino

CONFEDERAÇÃO DO COMÉRCIO AFIRMA:

"Negociações com o FMI não recuperam economia do País"

«Derrocada da esmagadora maioria do comércio português» será a consequência da aceitação «incondicional, pura e simples» por parte do Governo das exigências do Fundo Monetário Internacional — alertaram ontem, em conferência de Imprensa, os dirigentes da Confederação do Comércio Português.

Apesar de voltarem a afirmar que estão «abertos ao diálogo» sublinharam que as «actuais negociações com o FMI não vêm de encontro à recuperação económica do País», visto conduzirem já em 1978 a um aumento de desemprego, inflação de 30 por cento; desvalorização «deslizante» do escudo, até um «plafond» de 15 por cento; agravamento global dos impostos (taxa de aumento de 15 por cento, com excepção do Imposto Profissional, que não excederá um agravamento de dez por cento).

Depois de apresentar este «panorama» para o próximo ano, os responsáveis da Confederação divulgaram uma plataforma mínima para «garantir a sobrevivência do comércio» em que exigem uma «garantia formal» de que toda a legislação que interesse ao comércio não será promulgada sem que a Confederação seja ouvida, o pedido de publicação do Código dos Preços e a inclusão dos custos dos transportes nas margens de comercialização; a aplicação ao comércio de esquemas de ajuda concedidos pelo Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais; uma definição clara dos critérios de selectividade do crédito a conceder pela Banca e a montagem de um efectivo mecanismo de repressão ao contrabando.

Outra das medidas preconizadas por aquela Associação patronal seria a contenção «imperiosa» da tendência de «empolar excessivamente a retribuição salarial atribuída aos menores», o que, segundo ela, poderá levar a que «não sejam criados mais postos de trabalho para o primeiro emprego».

De entre os ramos de comércio que mais sofreriam com as restrições impostas pelo FMI, estão os electrodomésticos, pois trata-se de uma mercadoria totalmente importada não podendo ser imediatamente substituída pelo mercado nacional.

A aceitação pelo Governo destes pontos «considerados minimamente indispensáveis para que uma plataforma de acordo possa ainda ser alcançada», não evitará «pesados sacrifícios». A aceitação incondicional das medidas do FMI acarretará a falência de 40 por cento do comércio. Recordamos que esta tomada de posição surge antes da divulgação do documento-base do Governo para negociação com os partidos e forças sociais que deverá ser ainda hoje ou amanhã entregue para estudo aos partidos da Assembleia e parceiros sociais.

QUE SE PASSA COM O OURO?

Banco de Portugal promete explicar

O Banco de Portugal tornará pública, durante o dia de hoje, uma nota de esclarecimento acerca de um telegrama de ontem, France Press, que indicava estar aquela instituição bancária a «vender ouro em face do rompimento temporário das negociações com o Fundo Monetário Internacional para financiamento da sua dívida externa».

Aquela agência noticiou, baseada em «algumas informações que circularam ontem na Bolsa de metais de Londres», considerava que tais vendas «explicariam a acentuada baixa de cotação do ouro registada na sessão de segunda-feira». Segundo refere, a onça (cerca de 28 gramas de peso) teria descido para 162,25 dólares, ou seja, menos três dólares do que no fecho da véspera (165,357).

Entretanto, o Fundo Monetário Internacional anunciou ontem, na capital norte-americana, que distribuirá cerca de mil milhões de dólares, dos seus depósitos de ouro oficiais, às nações membros que contribuiram originalmente para o Fundo. Os EUA, maiores contribuintes, receberão a maior percentagem. Segundo o FMI, os 5,25 milhões de onças de ouro, serão distribuidas aos membros, proporcionalmente às quantias com que contribuiram inicialmente.

"ALBATROZ"

Importante exercício aeronaval de 18 a 21 ao longo da costa Sul

Segundo um comunicado conjunto do Estado-Maior da Armada e do Estado-Maior da Força Aérea, entre 18 e 22 de Novembro decorrerá ao largo da costa, entre Lisboa e o Algarve um exercício aeronaval em que participam forças da Armada e da Força Aérea, subordinadas respectivamente ao Comando Naval do Continente e ao Comando da 1.ª Região Aérea.

O exercício tem o nome de código «Albatroz» e destina-se essencialmente «a aperfeiçoar procedimentos de cooperação aeronaval, no âmbito do planeamento e condução coordenada de operações», e «permitirá ainda avaliar da capacidade dos meios logísticos de apoio directo necessários à execução dessas operações». Pressupõe o exercício «Albatroz» uma situação de ameaça exterior à integridade territorial e terá a sua fase principal a 21 de Novembro, na praia do Martinhal, no Algarve. A operação consta do estbelecimento de uma testa de ponte que possibilite o desembarque de forças terrestres, que posteriormente realizarão operações em terra. Durante a conquista da testa de ponte aviões da Força Aérea efectuarão a patrulha da área, procedendo ao seu reconhecimento e bombardeamento simulado antes do desembarque. No decorrer do trânsito para a área da operação anfíbia, serão realizados outros exercícios de cooperação aeronaval, nomeadamente de busca e salvamento e de ataque aéreo a alvos de superfície.

Estarão empenhados neste exercício, 2 fragatas, 4 corvetas, 1 navio de apoio, 1 draga-minas, 2 lanchas de desembarque, 1 esquadrão de botes de assalto, 1 batalhão de fuzileiros reforçado, 1 unidade de mergulhadores-sapadores, 1 esquadrão de anfíbios, 2 aviões Hércules C 130, 1 aviocar, 1 esquadrilha de aviões Fiat G 91, 1 esquadrilha de F 86, 2 helicópteros Puma SA 330 e 8 helicópteros Alouette III.

No dia 21 os chefes dos Estados-Maiores da Armada e da Força Aérea assistirão às fases de preparação para o assalto e desembarque na zona da praia.

OS MORTOS DO TARRAFAL

Aumenta o apoio à trasladação

Como oportunamente noticiámos, os antifascistas que, no Tarrafal, perderam a vida nos anos do fascismo, entre nós liderado por Salazar, vão ter um monumento no cemitério do Alto de S. João.

Entretanto, está a tratar-se da trasladação para Portugal dos restos mortais de todos quantos ali ficaram longe das suas famílias.

Podemos hoje noticiar que se está a alargar o apoio a essa patriótica iniciativa. Efectivamente, um número crescente de conhecidas personalidades vêm dando o seu patrocínio a esse gesto ditado pelo espírito do 25 de Abril de 1974.

Contam-se, entre as últimas adesões, as seguintes:

Alexandre Cabral, Alfredo Rodrigues Xisto, Álvaro do Carmo Vaz, Álvaro Seiça Neves, D. António Ferreira Gomes (Bispo do Porto), António Galhordas, António Horácio Simões de Abreu, António Modesto Navarro, António Salvado, António da Silva Salvador, Aquilino Ribeiro Machado (presidente da Câmara Municipal de Lisboa), Arménio Losa, Armindo Rodrigues, Baptista Candeias, Carlos Candal, Dinis Jacinto, Domingos Carvalho, Egipto Gonçalves, Emídio Santana, Ernesto Morais Ferreira, Fernando Francisco Pereira, Fernando Lopes Graça, Fernando Luso Soares, Fernando Pereira Santos (director adjunto do «Diário de Lisboa»), Florinda Machado Pereira, Francisco Sousa Tavares (director de «A Capital»), Henrique Barahona Fernandes, Humberto Lopes, Ilse Losa, Isaura Pereira Manso, Jacinto Baptista (director do «Diário Popular»), Jaime Gralheiro, J. Santos Simões, João Gomes (director do «Diário de Notícias»), Joaquim da Fonseca Trindade, José António Tavares da Cruz, José Henriques Vareda, José Magalhães Godinho (provedor de Justiça), Prof. José Morgado, José Rodrigues, José Saramago, José Viana, Liberdade Natália Oliveira Sousa, Lília da Fonseca, Lobão Vital, Ludgero Pinto Basto, Manuel Afonso, Manuel Serra, Manuel de Sousa Baridó, Manuel Valadres, Mário Soares (Primeiro-Ministro do Governo Português), Miguel Urbano Rodrigues (director de «O Diário»), Maria das Dores Cabrita, Mário Castelhano, filho Nuno Rodrigues Santos, Orlando Gonçalves, Papiniano Carlos, Pedro Bordalo Pinheiro, Raul Rego (director de «A Luta»), Rogério Paulo, Rui Grácio, Ruy Luís Gomes, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco da Conceição, Vasco da Gama Fernandes (presidente da Assembleia da República), Veríssimo de Carvalho Sim Sim, Vítor de Sousa Gomes Pereira e Virgínia Moura.

A subscrição pública aberta com o objectivo de cobrir os encargos com a transladação e a construção do monumento às vítimas do Tarrafal continua a merecer significativo acolhimento. Todas as adesões, bem como contribuições devem ser endereçadas para a União dos Resistentes e Antifascistas Portugueses (Rua Alexandre Braga, 6, 1º Esq., Lisboa).

Pub

TRESPASSA-SE

CAFÉ - CERVEJARIA - RESTAURANTE - SNAK BAR

Em funcionamento, em GRÂNDOLA — R. D. Nuno Alvares Pereira, 55, 59 e R. Almeira Garrett n.º 2 situado no melhor ponto da vila — ESTRADA NACIONAL cruzamento para SINES e todo o ALGARVE

Telef. 42478 — Só trata com os próprios

Conselho do Plano prepara entrada em funcionamento

O primeiro encontro da Comissão Instaladora do Conselho Nacional do Plano, visando a preparação, num prazo de dois meses, da reunião inaugural daquele órgão, terá lugar amanhã.

Recorde-se que o Conselho Nacional do Plano, órgão consultivo da maior importância na estrutura do Plano, é presidido por Salgado Zenha, tendo como vice-presidente, Alfredo de Sousa (PSD), Carlos Carvalhas (PCP) e Pedro Vasconcelos (CDS). Constituem-no cerca de 60 pessoas, entre representantes do Governo, regiões autónomas e administrativas, associações sindicais e sectores cooperativo, público e privado.

Na reunião, marcada para amanhã, da Comissão Instaladora participarão além do presidente e vice-presidentes, os quatro representantes nomeados pelo Governo, a saber: António Guterres, Herlander Estrela, Alfredo Bruto da Costa e Teresa Ambrósio, três deles deputados do Partido Socialista.

No mesmo período de 60 dias o Governo deverá publicar a Lei Orgânica dos Serviços de Apoio Administrativo e Técnico do Conselho Nacional do Plano.

LIBERTAÇÃO CUSTOU 5600 CONTOS

Pesqueiro "Polar" regressou a Aveiro

AVEIRO, 16 — Chegou ontem de manhã a esta cidade o pesqueiro aveirense «Polar», de 550 toneladas, que no dia 19 de Setembro havia sido surpreendido a pescar, e imediatamente apresado, nas águas de Marrocos, perto de Agadir. O «Polar», que na altura era propriedade da empresa de pesca Manuel das Neves, pertence presentemente à «Sociedade de Pesca Silva Vieira».

Foi este armador, aliás, que se deslocou a Marrocos, de onde regressou no passado domingo, para tratar da libertação do navio, para o que teve de pagar uma multa de 5600 contos às autoridades marroquinas.

Segundo Silva Vieira, que aproveitou a viagem para tratar de outras questões ligadas ao ramo que explora, estão bem encaminhadas as negociações para a criação de uma sociedade particular de pesca com capitais portugueses e daquele país. Dos pontos fundamentais do acordo a estabelecer destaca-se, de acordo com as declarações deste armador da Gafanha da Nazaré, a possibilidade dos seus sete barcos poderem operar nas águas económicas marroquinas e, por seu turno, de seis barcos da frota daquele território receberem tripulantes portugueses num total de 300 pessoas, incluindo capitão, motorista e pescadores.

Entretanto, um outro pesqueiro português, o «Comandante Roncon» do armador Lurdino Tendinhas, de Olhão, foi apresado, pelas mesmas razões do «Polar», em águas económicas marroquinas, juntando-se assim a um outro que, pelos mesmos motivos, se encontra no Senegal, e de cuja libertação parace estar a tratar o secretário de Estado das Pescas da Guiné-Bissau, Joseph Turpin.

CRÉDITO À PREVIDÊNCIA

Anunciadas aos sindicatos "medidas enérgicas"

..O ministro dos Assuntos Sociais, dr. Armando Bacelar, recebeu ontem a direcção do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Norte, do Sul e Ilhas e deverá ouvir amanhã a Associação Nacional de Farmácias.

O dirigente sindical Elias Diamantino classificou a reunião de «proveitosa» e concluiu ter ficado com a ideia de que «irão ser tomadas medidas enérgicas de forma a resolver o problema». Na cidade do Porto e Coimbra a suspensão de crédito aos beneficiários da Previdência está a praticar-se, tendo a ANF marcado para o próximo dia 21 o início em Lisboa, do corte de crédito à Previdência.

«Manobra concertada da direita» é como o Sindicato dos Profissionais de Farmácia classifica a atitude da Associação, «e não é por acaso que aparece numa altura em que as forças reaccionárias voltam a conspirar abertamente contra a democracia. E também não é por acaso que o processo começou no Porto, onde se pretendem repetir as manifestações fascistas».

«Queremos também denunciar o papel que 'O Comércio do Porto' e o 'Jornal Novo' desempenharam neste processo, tentando criar uma onda de indignação contra a Previdência, o Governo e a democracia» — conclui ainda o responsável daquele Sindicato.

Milhares de professores do Porto protestaram contra o desemprego

Os professores do Porto desceram à rua e manifestaram-se na Praça da Batalha

PORTO, 16 — «Queremos trabalhar, queremos ensinar» e «Direito à Educação diz a Constituição» — foram as palavras de ordem mais insistentemente gritadas, ontem ao fim da tarde, nas ruas do Porto, durante a manifestação de professores que reuniu milhares de pessoas numa demonstração de luta e de consciência reivindicativa.

A concentração efectuou-se na praça da Batalha por haver uma disposição legal que proibe que as manifestações se aproximem do edifício do Governo Civil e ali foram feitas várias intervenções. Fizeram-se assim, críticas duras à política do MEIC, tendo sido denunciado «o mais escandaloso processo de colocações que poderá, a curto prazo, vir a desenvolver uma das maiores crises, do ensino vividas em Portugal». Na verdade, disse um orador, são inúmeras das reclamações que chegam diariamente ao sindicato por causa das colocações.

EXIGEM OS "14 PRESOS ANTIFASCISTAS"

Saída de Monsanto e regresso a Beja

Até ao fim da manhã ainda não tinham sido transferidos para a cadeia de Beja os 14 «presos políticos antifascistas» detidos no estabelecimento prisional de Monsanto. Recorde-se que estes homens, presos há 13 dias em condições que consideram «que em relação à maioria dos detidos não respeitaram totalmente a lei», remeteram à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais um requerimento nesse sentido, esperando que a solicitada transferência se efectue de um momento para o outro.

Aliás, esse direito de forma alguma lhes pode ser negado, como há dias acentuava uma fonte ligada à DGSP ao assinalar que, sempre que o detido o requeira «por motivos de preparação de defesa», terá possibilidade de regressar a Beja.

Os 14 detidos, acusados de «ofensas corporais e desobediência às autoridades» por ocasião de um comício eleitoral naquela cidade, aquando da candidatura de Ramalho Eanes à Presidência da República, vincam em documento de que foram enviadas cópias ao Presidente da República, ao Presidente da Assembleia da República, ao Primeiro-Ministro, Conselho da Revolução, ministro da Justiça e director-geral dos Serviços Prisionais, para além da sua qualidade de «presos políticos antifascistas», que a sua detenção em Monsanto «é claramente inconstitucional, pois nenhum processo pode ou deve ser desaforado da comarca a que pertence», e que «as pseudo justificações dadas pelas autoridades não convencem ninguém. Além disso perguntam que poder político é este que tem medo do povo?».

Nova empresa pública de navegação

Com o objectivo de tornar possível que a Marinha de Comércio nacionalizada desempenhe o seu papel no relançamento da economia nacional, o Governo acaba de criar, com o Decreto-Lei n.º 484/77, de 16 de Novembro, a Navis (Navegação de Portugal, EP), companhia que vai assegurar a coordenação económica da Companhia Nacional de Navegação (CNN) e da Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos (CTM).

A Navis, para além de assegurar a coordenação e a supervisão da gestão das empresas públicas que operam no sector da navegação marítima, orientando a sua reestruturação, optimizando a exploração dos meios disponíveis, garantindo uma correcta distribuição de tráfegos entre os operadores e assegurando o desenvolvimento harmonioso do complexo empresarial público naquele sector da navegação marítima poderá ainda exercer directamente a indústria de transportes marítimos e todas as actividades afins e complementares.

Segundo o «Diário da República» de hoje, a Navis pode, para a prossecução do seu objecto, participar em sociedades já constituídas, mediante autorização do Ministério dos Transportes e Comunicações, e celebrar com outras empresas nacionais ou estrangeiras os acordos que se revelarem vantajosos para a realização do seu objecto social.

SANTA APOLÓNIA

Deficiência de frenagem causa 59 feridos

Um comboio de passageiros procedente do Porto esteve ontem envolvido num acidente, ocorrido no momento exacto em que chegava à Estação de Santa Apolónia. O desastre deu-se às 16.35 aparentemente por deficiência no sistema de frenagem, que levaria o comboio a embater no pára-choques da plataforma da gare. O número de feridos foi de 59 (36 foram tratados no posto clínico da CP, na própria estação e 10 receberam assistência no Hospital de S. José, tendo os restantes 13 sido assistidos no Hospital de Trabalho). Apenas dois casos inspiraram cuidados médicos especiais, o de um bebé de três meses e o de uma senhora que se encontrava no segundo mês do período de gravidez, respectivamente o pequeno Filipe José Antunes Fernandes e a passageira Natália Vieira Pinto, de 29 anos. O elevado número de feridos, sem gravidade, ficou a dever-se à circunstância da maioria dos passageiros se encontrar já de pé, pronta a sair do comboio, quando se deu o embate.

II Encontro Nacional da UMAR

(UNIÃO DAS MULHERES ANTIFASCISTAS E REVOLUCIONÁRIAS)
COM DELEGAÇÕES DE MULHERES DA **ALBÂNIA, ESPANHA, ITÁLIA E ALEMANHA**

Dia 4-12-1977 — 10 horas — VOZ DO OPERÁRIO

MULHERES! UNIDAS, NÃO DEIXAREMOS MORRER O 25 DE ABRIL

O SECRETARIADO

Pub

SINDICATO DA FUNÇÃO PUBLICA — ZONA CENTRO

CONVOCAM-SE TODOS OS TRABALHADORES E DELEGADOS SINDICAIS PARA AS REUNIÕES A REALIZAR

ORDEM DE TRABALHOS:

I — Informações
II — Proposta reivindicativa salarial

REUNIÕES DAS SECÇÕES DISTRITAIS

Aveiro	Dia 17 – quinta-feira	21.30 h.	Sindicato dos Gráficos
Coimbra	Dia 18 – sexta-feira	21.30 h.	Salão do Inatel
Leiria	Dia 18 – sexta-feira	21.30 h.	Escola do Magistério
Guarda	Dia 19 – sábado	15 h.	Esc. Prep. Gen. João Almeida – a conf.
Viseu	Dia 19 – sábado	15 h.	Rua Chão do Mestre, 4

REUNIÕES LOCAIS

Lamego	Dia 19 – sábado	15 h.	Casa da Cultura
Fig. da Foz	Dia 17 – quinta-feira	21.30 h.	Sindicato da Construção Civil
Arganil	Dia 16 – quarta-feira	17.30 h.	Serviços Florestais
S.J. da Madeira	Dia 18 – sexta-feira	21.30 h.	Sindicato dos Chapeleiros – R. Brasil, 646
Alcobaça	dia 16 – quarta-feira	18 h.	Lar Residencial de Alcobaça
Alcobaça	Dia 16 – quarta-feira	17 h.	Centro de Estudos Fruteiros
Oliv. Azeméis	Dia 18 – sexta-feira	18.30 h.	Salão da ARCA
Mira	Dia 17 – quinta-feira	16 h.	Lagoa – Casa do Guarda Florestal
Cantanhede	Dia 16 – quarta-feira	18 h.	Salão do Liceu Novo
Cantanhede	Dia 16 – quana-feira	13.30 h.	Hospital

Participa na reunião mais próxima do teu local de trabalho

ENTRADA RIGOROSAMENTE RESERVADA AOS SÓCIOS COM QUOTAS EM DIA (Permitida a entrada com a quota de Setembro)

DESEMPREGO AMEAÇA TRABALHADORES DA ECA

Governo pretende devolver a empresa aos antigos patrões

A política de recuperação capitalista do Governo prossegue a todo o vapor. Desta vez o alvo é a ECA (Empresa de Concentrados de Alvalade) que desde o 25 de Abril tem estado a ser gerida por uma Comissão Administrativa. Estreitamente ligada à União Seara Vermelha aquela empresa desempenha um papel fundamental no escoamento do tomate cultivado nas cooperativas e pelos seareiros da região.

Entretanto os antigos patrões a quem o MAP pretende devolver a empresa fizeram exigências que no caso de se concretizarem lançam no desemprego dezenas de trabalhadores. Como porta-voz do patronato o sr. Glória Pereira, antigo administrador da ECA, impõe condições nomeadamente a concessão de um empréstimo de cerca de 250 mil contos a longo prazo, sem juros e sem amortização nos primeiros dez anos. Impõe ainda o despedimento de dezenas de trabalhadores. Se a empresa for devolvida sem o empréstimo os patrões afirmam que declararão «falência fraudulenta» o que significa o desemprego para a totalidade dos trabalhadores. Por outro lado exigem a criação de duas comissões de trabalhadores, uma para o pessoal efectivo de antes da intervenção estatal da empresa e outra para o eventual. Isto quer dizer que os patrões tencionam passar a maioria do pessoal à condição de eventual.

Por outro lado os trabalhadores da ECA e os produtores de tomate propõem que a empresa seja transformada em cooperativa com a garantia do Estado lhe prestar apoio técnico e financeiro.

Neste processo tem-se feito sentir a mão do sr. António Barreto que pressionou a Comissão Interministerial, nomeada em 14 de Abril de 1977, para elaborar um Relatório de Desintervenção, no sentido de apressar os trabalhos visto que a devolução da empresa tinha de se concretizar no mês de Novembro. A Comissão Interministerial aguardou durante meses o resultado da auditoria à ECA mandada efectuar pelo Governo em fins de Dezembro de 1976 pois queria apresentar um relatório fundamentado. Aliás a CI sempre considerou que a indemnização pedida pelos antigos patrões da ECA, na ordem dos 260 mil contos, era bastante exagerada e que os números apresentados não condiziam com os constantes do Relatório da Cessação de Intervenção.

Suspensa Comissão Liquidatária do Ex-Grémio da Lavoura de Sesimbra

De acordo com um despacho conjunto dos ministros da Agricultura e Pescas, do Comércio e Turismo e do Trabalho, publicado no «Diário da República», foi suspensa do exercício das suas funções a Comissão Liquidatária do Ex-Grémio da Lavoura de Sesimbra.

O despacho, que explica a suspensão daquela Comissão Liquidatária pelo facto de «existirem indícios de eventuais irregualridades», nomeia outra comissão composta por Jorge Pulido Martelo (bancário), Libanio Rodrigues Lopes (agricultor) e António Manuel Pinhal dos Santos (contabilista), a qual deverá elaborar, no prazo de 60 dias, um relatório sobre as actividades da comissão suspensa.

Trabalhadores rurais presos e espancados no Alentejo

. Sem conhecimento da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, a GNR do Lavre, povoação que pertence a este concelho, actuou talvez por livre arbítrio, prendendo e espancando trabalhadores só porque estes andavam a fazer inscrições de parede.

Na verdade António Santos e Custódio Simões, trabalhadores agrícolas, militantes do PCP, no uso de liberdade de expressão a que qualquer cidadão tem direito manifestavam-se através da pichagem contra a «lei Barreto» e o avanço do fascismo quando foram intimados pela GNR a apresentarem-se no posto local. Aqui, na presença de Armando Veiga, conhecido fascista do Lavre, que chegou a ameaçá-los de morte foram submetidos a um interrogatório.

No dia seguinte um outro trabalhador agrícola, de nome António Luís, quando passava em frente do posto da GNR, no Lavre foi igualmente detido, interrogado e espancado pelo praça Rosado.

Os trabalhadores afirmam que foram submetidos a um interrogatório de tipo pidesco no qual os homens da GNR teceram considerações contraditórias com o regime de democracia pluralista em que vivemos. Também o presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, alheio ao acontecimento, achou a atitude da GNR «muito estranha».

A propósito realizou-se no Lavre uma concentração de repúdio pela prisão e a maneira como os trabalhadores foram tratados no posto da GNR.

Leilão de achados

. Objectos de ouro e prata, relógios, canetas, óculos, malas, carteiras, porta-moedas, sombrinhas e chapéus de chuva, etc, são leiloados a partir do próximo dia 23 na secção de achados da PSP, Rua dos Anjos, 56-A. Trata-se de Achados não reclamados durante o prazo de depósito previsto por lei.

"Domus" da Quinta da Lomba desliga-se da Unicoop

Os sócios do supermercado cooperativista Dómus, da Quinta da Lomba, no Barreiro, constituídos por uma grande maioria da população local, preocupados com o conhecimento que tiveram da situação dramática em que se encontra a cooperativa-mãe, Unicoop, ao que parece perto da falência, e receando que tal falência, a verificar-se, arraste o Dómus para o encerramento, reuniram-se no Grupo Recreativo local com a finalidade de eleger uma comissão que terá como missão a elaboração de um projecto de estatutos que permita desligar aquela secção da Unicoop agora em perigo.

Afirmou-nos um dos sócios do Dómus que só desta maneira será possível salvar uma cooperativa que tão bons serviços tem prestado à população da Quinta da Lomba e manter assim os postos de trabalho que lhe competem.

DE 22 A 24 DE NOVEMBRO

Mesa-redonda sobre formação profissional

A Secretaria de Estado da População e Emprego vai realizar de 22 a 24 de Novembro, uma mesa-redonda subordinada ao tema «Planificação e Metodologia da Formação Profissional».

A iniciativa conta com a colaboração do programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no âmbito do «Bureau International du Travail», que fará deslocar a Lisboa o director do Organismo de Coordenação da Formação Profissional na América Latina, que orientará a mesa-redonda.

Serão abordados aspectos de planificação da formação profissional, seu financiamento e política de investimentos neste campo e, ainda, metodologias de intervenção nas acções de formação profissional (qualificação, aperfeiçoamento, reciclagem, reconversão e aprendizagem) em escolas, centros ou empresas.

Cooperativa de consumo reabre em Carnide

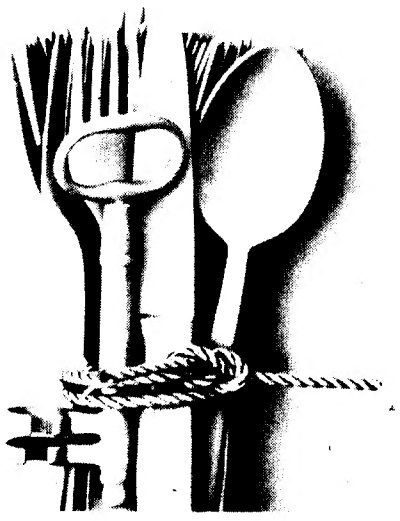
Fundada em 1918, a Cooperativa de Crédito e Consumo de Carnide, após pausa na sua actividade, reabriu as portas à população da área.

Com instalações remodeladas e adaptadas às novas necessidades, a cooperativa apela aos associados e moradores de Carnide para que visitem a sua sede, à Rua Neves e Costa, 8-10. Às sextas-feiras, a partir das 18.30, haverá diálogo entre os elementos da direcção e a população de Carnide.

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL



CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convocam-se todos os sócios ao abrigo do Artigo 32.º dos Estatutos para os efeitos do disposto na alínea c) do Artigo 31.º, para uma ASSEMBLEIA GERAL a realizar no Teatro Vasco Santana (Metro Entrecampos) no dia 24 de Novembro (Quinta-Feira) pelas 15.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 – ORÇAMENTO SUPLEMENTAR PARA 1977
2 – ORÇAMENTO GERAL PARA 1978
3 – INFORMAÇÕES

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
MARIA MANUELA BARRETO

NOTA: 1 – Para a admissão na Sala é necessário teres a quotização em dia;
2 – Estão à disposição no Sindicato e serão entregues à Assembleia no próprio dia os projectos de Orçamento a apresentar.

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

Realiza-se na sala de reuniões da sede do Sindicato, quinta-feira dia 17 de Novembro, pelas 15.30 horas, uma assembleia de delegados sindicais para discutir o seguinte:

1 – ANÁLISE DA SITUAÇÃO POLÍTICA/SINDICAL
2 – PREPARAÇÃO DA JORNADA DE LUTA DO DIA 19 (CONTRA OS DESPEDIMENTOS E O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA).

A Direcção

MANIFESTAÇÃO DO DIA 19

A fim de se integrarem na Jornada de Luta, convocam-se todos os trabalhadores para, neste dia, se concentrarem pelas 15.00 horas, junto da Sede do Sindicato, de onde partiremos em direcção ao Marquês de Pombal pelas 15.30 horas.

PARTICIPA! LUTA CONTRA OS DESPEDIMENTOS!
CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA!
PELAS LIBERDADES SINDICAIS!
PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL!

A Direcção

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.ª Vara
ANÚNCIO

. . Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª publicação deste anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: «pagar ao autor a quantia de 126 000$00, e dentro do mesmo prazo confessar ou negar a firma aposta nas letras».

Acção Ordinária n.º 8382 1.ª secção
Autor: João Paulo de Aboim Borges, residente em Lisboa.
Rèu: Carmen Idalina Cabrera, solteira, maior, cabeleireira, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua do Lobito, n.º 174 rés-do-chão, Cascais.

Lisboa, 22 de Outubro de 1977
O CORREGEDOR,
(Victor Manuel Leite Marreiros)
O ESCRIVÃO DE DIREITO
(Joaquim Alves Filipe)

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA
3.º Juízo
ANÚNCIO

. . Pelo 3.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, 2.ª Secção-Proc. n.º 1473, correm éditos, TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o Réu . . . LIBERTO FIGUEIRAS FRANCO, casado, ausente em parte incerta com o último domicílio conhecido em Portugal, em PORTIMÃO, para, no prazo de VINTE DIAS, decorrido o prazo dos éditos, contestar, querendo, os pedidos de divórcio e o de concessão do benefício de assistência judiciária, que lhe move sua mulher FELISBELA PEREIRA FRANCO, doméstica, residente na Rua D. Luís de Noronha n.º 20-3.º F-Dt.º em LISBOA.

A autora pede que seja decretado o divórcio entre ambos, baseando o pedido na alínea f) do art.º 1778.º do Código Civil e o de concessão do benefício de assistência judiciária na carência de meios económicos.

O duplicado da petição, encontra-se à sua disposição neste Juízo e Secção.

Lisboa, 4 de Outubro de 1977
O CORREGEDOR
(a) . . **Fernando Marques Cordeiro**
O ESCRIVÃO
(a) . . **José Vaz de Oliveira**

MAP vai mudar de casa

Para resolver o problema das instalações do Ministério da Agricultura e Pescas, o Governo autorizou a Direcção-Geral do Património a celebrar escrituras para a aquisição, pela importância de 179.600 mil contos, de um imóvel situado na Avenida dos Estados Unidos da América, em Lisboa.

O encargo, a custear no corrente ano por conta da verba inscrita no orçamento do Ministério das Finanças e nos anos seguintes por conta de verbas a inscrever nos orçamentos do mesmo Ministério, será satisfeito em três prestações anuais.

Comércio de máquinas agrícolas descontente com o Governo

A Associação do Comércio Automóvel de Portugal (ACAP), num comunicado ontem emitido, afirma que o comércio de máquinas agrícolas em Portugal está a ser travado por medidas administrativas do Governo «que não se enquadram na legislação em vigor».

A actual situação desse comércio — informa o comunicado — foi esclarecida numa reunião em Bolonha entre a ACAP e a UNACOMA (Unione Nazzionale Construttori Macchine Agricole), por ocasião da Feira de Máquinas Agrícolas efectuada naquela cidade italiana.

Durante a reunião constatou-se que as medidas adoptadas pelo Governo português «levam a que não seja autorizada desde Julho qualquer nova importação daquele tipo de máquinas. Um representante da UNACOMA chegou mesmo a afirmar estranhar o facto de um país como Portugal, «tão dependente da importação de produtos alimentares, estar a dificultar a importação de máquinas agrícolas as quais podem contribuir a curto prazo para a diminuição desse grau de dependência externa».

CADETES DA MARINHA JURAM BANDEIRA

'Agora tudo é mais pesado de responsabilidades"

«Tereis de vencer as dificuldades, resistir às críticas mordazes, opor-vos a manipulações. Não deveis permitir que se disfarcem incompetências e irresponsabilidades e deveis rejeitar, com determinação, as atitudes cómodas ou servis, interpretando assim os sentimentos e a vontade do povo português e zelando intransigentemente pelos interesses nacionais», afirmou o capitão-de-fragata Jorge Gorjão, numa exortação dirigida aos novos oficiais finalistas da Escola Naval, que ontem receberam as suas espadas, entregues pelos embaixadores de Moçambique e do Brasil, Armando Panguene e Carlos Fontoura, vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Melo Egídio, almirante Souto Cruz, brigadeiro Sachetti (Força Aérea) e embaixatriz de S. Tomé, Maria da Graça Amorim. Assistiram à cerimónia os conselheiros da Revolução da Marinha, comandante Vítor Crespo, Almeida Costa e Martins Guerreiro.

Noutra passagem da sua alocução, o capitão-de-fragata Jorge Gorjão, lembrou aos novos oficiais que as suas carreiras vêm entroncar-se «num momento decisivo em que as Forças Armadas vão iniciar um novo período da sua vida» e sublinhou: «Como sabeis não foram ainda definidas as grandes linhas da política de defesa nacional, mas a Armada servirá sempre o País, usando os meios de que dispõe, preparando-se para a utilização de meios mais modernos, encarando com realismo as dificuldades e as carências, mas sem perder de vista as missões que não deixarão de ser cumpridas.»

. Por sua vez o contra-almirante Rui do Carmo Fernandes, comandante da Escola Naval, usando da palavra no acto solene de abertura do ano lectivo naquele estabelecimento, coincidente com o juramento de bandeira dos aspirantes do curso Pero da Covilhã, salientou a importância da acção da Marinha na investigação, exploração e controlo da nossa zona económica exclusiva e o papel sem precedentes que o mar irá desempenhar na vida das nações e dos homens, desde as potencialidades das riquezas que encerra até à posição cada vez mais privilegiada no plano de defesa.

Lembrando estar encerrado um período de 500 anos de História portuguesa, convencionalmente designado por «Ciclo Império», mas que «para o povo deste País verdadeiramente nunca o foi», o contra-almirante Rui Fernandes disse que «agora tudo é mais pesado de responsabilidades, porque tudo se passa em momento dramaticamente determinante do futuro da nossa Pátria» e que «se falharmos na solução das tarefas exigidas pela transformação da sociedade portuguesa, no início de um novo caminho da sua História a alternativa virá, inexorável, e ela será a frustração e tristeza de um povo que se esquece no marasmo da mediocridade».

"O NATAL DOS TRABALHADORES"

USL promove concurso infantil

Integrado na Festa do Natal para os filhos dos trabalhadores que a União dos Sindicatos de Lisboa vai efectuar no dia 10 de Dezembro, no Pavilhão dos Desportos, promove aquele organismo um concurso infantil, subordinado ao tema «O Natal dos Trabalhadores». Podem concorrer todas as crianças de idade não superior a 13 anos. Os trabalhos (poemas e artes plásticas) devem ser identificados com nome, idade e morada do concorrente, podendo cada criança candidatar-se com um número ilimitado de trabalhos. Um juri constituido para o efeito premiará os dez melhores trabalhos em cada modalidade. A Comissão Organizadora editará um postal com o poema e o trabalho de artes plásticas que obtenham o primeiro prémio. Prevê-se ainda a possibilidade de organizar uma exposição dos melhores trabalhos.

Os pequenos poetas e artistas poderão enviar as suas produções para a União dos Sindicatos de Lisboa, Avenida Miguel Bombarda, 96, 1º,Dto., Lisboa. Mãos à obra, meninos, que o tempo urge e o prazo para entrega dos trabalhos termina já no próximo dia 22.

Delegação da AR em Belgrado

. Uma delegação da Assembleia da República chefiada pelo seu presidente, Vasco da Gama Fernandes, foi ontem recebida em Belgrado por Eduard Kardelj, membro da presidência colectiva da Jugoslávia. A reunião serviu para as duas partes trocarem impressões sobre o estado actual das relações entre os dois Estados. Um telegrama da ANOP fala da satisfação mútua pelo desenvolvimento da amizade que caracteriza as relações luso-jugoslavas.

Por outro lado — diz a mesma informação — foram evocadas as experiências adquiridas pelos dois países na luta pela democracia e contra o fascismo. Tanto Kardelj como os deputados portugueses, falando aos jornalistas, classificaram de benéficas as trocas de experiências sobre as diferentes vias e formas de construção da sociedade democrática, na Jugoslávia e em Portugal. Durante a reunião, Kardelj informou detalhadamente os parlamentares portugueses sobre os resultados obtidos na edificação da autogestão socialista na Jugoslávia.

Entretanto, decorreram também conversações políticas entre a delegação portuguesa e uma delgação de parlamentares jugoslavos, dirigida por Kiro Gligorov, presidente da Assembleia Jugoslava — noticia ainda a ANOP. Ao saudar os visitantes portugueses, Gligorov sublinhou o facto de ser o primeiro encontro entre delegações parlamentares dos dois países, o que contribui para o desenvolvimento das relações de amizade entre Portugal e a Jugoslávia e para o aprofundamento da cooperação mútua.

No mesmo encontro, Vasco da Gama Fernandes declarou que a Jugoslávia representa um modelo para o mundo, pela sua luta em favor da paz, da liberdade e da independência e que, para Portugal, a cooperação com a Jugoslávia se reveste do maior interesse.

Gligorov congratulou-se pelo interesse de Portugal a favor do não-alinhamento.

Pesquisa de petróleo na área emersa do continente

. Segundo o eng. Jorge Faria, director do Gabinete para a Pesquisa e Exploração de Petróleo (GREP), deverão iniciar-se nos princípios do próximo ano, em Portugal, a prospecção e pesquisa de petróleo na área emersa do continente junto do litoral.

Esta nova fase de prospecção de petróleo segue-se aos trabalhos de pesquisa ainda em curso na plataforma continental cujos resultados não revelaram, até ao presente, a existência de jazigos comercialmente exploráveis.

De salientar, por outro lado, o facto dos seis grupos de empresas que, a partir de 1973, passaram a operar em Portugal não se mostrarem interessadas, em virtude dos resultados negativos até agora obtidos na plataforma continental, em prosseguir os trabalhos de pesquisa no nosso País.

Sessão agitada na Assembleia da Madeira

FUNCHAL, 16 — O Líder parlamentar do CDS na Assembleia Regional, Baltasar Gonçalves, abandonou ontem a sessão da AR após uma discussão com o chefe do grupo parlamentar do PSD, Alberto João Jardim.

A discussão que levaria o deputado centrista a abandonar os trabalhos da Assembleia, relacionava-se com a organização do Instituto dos Bordados, Tapeçarias e Artesanato da Madeira, que vem substituir o Grémio. Concretamente, o representante do CDS contestava a «intromissão» de oito representantes do Governo Regional no Instituto.

A certa altura, Baltasar Gonçalves diria mesmo que «muitas das asneiras que se diziam na Assembleia Regional partiam justamente do deputado Jardim».

UMA PALAVRA «MALCHEIROSA»

Outro facto insólito na sessão de ontem da AR, foi a do deputado Crisóstomo Aguiar, do PSD, ter dito «merda», argumento que não foi bem aceite pelo presidente Emanuel Rodrigues.

Na circunstância, o presidente disse que não podia permitir palavras obscenas na Assembleia, aludindo à palavra que acabara de ouvir e que lhe «cheirava mal».

EM 2 E 3 DE DEZEMBRO

Algarve em luta pela Constituição

. O dia 2 de Dezembro será jornada de luta no Algarve e, no dia seguinte, em Portimão, haverá uma manifestação para protestar contra o aumento do custo de vida, os despedimentos, o desemprego e as desintervenções. Lutar pela defesa da Reforma Agrária, das nacionalizações e pelo cumprimento da Constituição e da independência nacional são também objectivos dos trabalhadores das empresas intervencionadas algarvias.

Pub

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

PLENÁRIOS GERAIS DE PROFESSORES

Dia 18 as 20 horas, Pavilhão dos Desportos
O. T. PONTO ÚNICO: Lei de Bases e Tabela Salarial
O PLENÁRIO TERMINA OBRIGATORIAMENTE ÀS 24 HORAS

DIA 23 ÀS 21 HORAS, VOZ DO OPERÁRIO
O. T. — 1 Proposta reivindicativa
a). Desemprego/Colocacões
b). Fasos
c). Contagem de tempo de serviço
2 Medidas a tomar

A entrada no plenário faz-se mediante a apresentação da quota de Agosto ou meses seguintes.

A apresentação de propostas faz-se na sede do Sindicato até às 18,30 h do dia anterior à realizacão dos plenários.

A distribuição do material para debate processa-se através das zonas, tal como se fez para os comunicados à população.

Lisboa, 14 de Novembro de 1977

Pel'A DIRECÇÃO
(Assin. ilegível)

Pub

TFP zona norte

sindicato dos trabalhadores da função pública · zona norte

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do n.º 3 do Art.º 26.º e a pedido da Direcção, conforme alínea a) do n.º 2 do Art.º 25.º dos Estatutos, convoco uma ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA para o próximo dia 19 de Novembro, às 14 e 30 horas, repartida pelos locais abaixo indicados e com a seguinte:

Ordem de Trabalhos

1 — **Informações;**
2 — **Discussão e aprovação da proposta reivindicativa relativa à LEI DE BASES E TABELA SALARIAL**

LOCAIS: PORTO — Pavilhão do Académico — Rua Costa Cabral.
BRAGA — Salão do Inatel — Avenida Central, 77
BRAGANÇA — Liceu Nacional
VIANA DO CASTELO — Salão do Inatel, Rua de S. Pedro, 8.
VILA REAL — Escola do Magistério Primário.

Porto, 10 de Novembro de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

NOTAS: 1. As Assembleias terão início à hora marcada com a presença da maioria de sócios, ou meia hora depois com qualquer número de sócios.
2. Os sócios deverão apresentar-se com o cartão do Sindicato e a quota correspondente ao mês de Setembro.

Pub

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO PORTO

Circular n.º 84/77

QUATRO DESPEDIMENTOS CONCRETIZADOS PELO PATRONATO REACCIONÁRIO

CAMARADAS:

Há mais de um mês que temos vindo a protestar contra a suspensão arbitrária de quatro trabalhadores da firma Oliveira e Ferreirinhas, que a gerência desta empresa por questões meramente políticas levara a cabo.

Nem as exigências dos trabalhadores tomadas em plenário, nem a tentativa do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, para que num diálogo com a gerência da empresa se pudesse encontrar uma solução para o conflito foram aceites o que «quer dizer, hoje, depois de concretizados os despedimentos que a gerência da empresa havia apostado com os seus parceiros da CIP na concretização destes despedimentos».

Urge esclarecer dos motivos que deram origem às suspensões e posteriormente aos despedimentos.

Em Fevereiro deste ano deram os quatro trabalhadores — 3 da Comissão Sindical e 1 do Secretariado da Comissão de Trabalhadores — uma entrevista ao boletim da classe «O METALÚRGICO» em que referiam as más condições de trabalho em termos de higiene e segurança e ainda outras considerações sobre o ambiente de trabalho, que naturalmente a gerência não gostou, porque, foi uma denúncia que abalou profundamente a pouca perspicácia de gerentes junto do Patronato Reaccionário.

No entanto, dados obtidos, especialmente, no que se refere aos riscos de doenças profissionais e através de um relatório de estudo de riscos de doenças profissionais realizado na empresa em Fevereiro de 1977, concluímos de que tudo quanto se disse era verdade, verdade esta que não interessa à «ZELOSA» Gerência da OF.

No relatório do estudo realizado, que atrás referimos, aponta-se o seguinte:

....«A verdade é que até hoje nem a entidade patronal nem o médico do trabalho pediram à Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais qualquer estudo das condições de higiene do trabalho, o que dado os enormes riscos encontrados (principalmente de SILICOSE e de SURDEZ) é de lamentar» **sic.**

Daqui se conclui a verdade das afirmações dos trabalhadores em causa, pois é o resultado das apreensões dos trabalhadores que dia a dia labutam na empresa.

Daqui se conclui que o estudo então realizado não foi a pedido nem do médico do trabalho nem da gerência, mas do técnico de Segurança da Empresa.

Lamentavelmente a gerência procura esconder as verdades com despedimentos, que é o mesmo que dizer, fugir às responsabilidades dos seus deveres como gerentes na criação de melhores condições de higiene e segurança no trabalho.

Não nos esconde no entanto que na apreciação dos resultados no que se refere aos riscos de Silicose, concluiu-se que a Empresa Oliveira e Ferreirinha, Lda., **se situa entre as mais empoeiradas da Indústria Nacional.**

Não nos esconde também a gerência que estes despedimentos têm como objectivo principal o desmantelamento das Organizações dos Trabalhadores. São ordens do Patronato Reaccionário que estão a ser cumpridas fielmente.

O reaccionarismo primário não perdoa a quem lhes faz frente, e, tarde ou cedo, procuram vingar-se das conquistas que os trabalhadores conseguiram através da sua luta.

Os trabalhadores, no entanto, estão atentos, e na altura devida saberão dar a resposta adequada aos exploradores sem escrúpulos, que nesta hora e com o apoio governamental procuram esmagar quem tudo produz.

Os trabalhadores quando manifestam as suas razões sabem porque o fazem.

Está provado que o risco de Silicose e da Surdez abrange um grande número de trabalhadores da empresa. A surdez como se pode ver no relatório pode atingir pelo menos 360 trabalhadores, o que corresponde a 34 por cento dos trabalhadores da Empresa, não contando com os trabalhadores de algumas secções também mencionadas no relatório, mas que se não dá o número exacto (por falta de ficha de identificação).

A Silicose é um dos grandes riscos dos trabalhadores, pois o empoeiramento como atrás referimos na OF situa-se entre os piores, o que quer dizer que os trabalhadores ao fim de poucos anos de trabalho ficam impedidos de trabalhar com a terrível doença de **pó nos pulmões**.

No que toca à iluminação nos postos de trabalho, também aqui se conclui que não são respeitados os valores mínimos de iluminação recomendados, o que pode conduzir a graves doenças nos olhos.

Por tudo o que aqui referimos, que são verdades, será que a gerência da OF considera insultuosa a reportagem do jornal «O METALÚRGICO»?

A nossa luta continuará, as verdades terão que ser ditas. O Sindicato dos Metalúrgicos do Porto não pode deixar de manifestar a sua repulsa pela actividade arbitrária da gerência da Oliveira e Ferreirinhas, que mais uma vez mostrou a face com que descaradamente atropela os Direitos dos Trabalhadores.

A Liberdade de Expressão utilizada pelos quatro trabalhadores é um direito que lhe assiste, que assiste a qualquer cidadão português.

Denunciaremos de todas as formas a repressão posta em prática pela gerência da Oliveira e Ferreirinhas sobre os membros das Organizações dos Trabalhadores.

Continuaremos a afirmar a verdade sobre as péssimas condições de trabalho na Oliveira e Ferreirinhas.

Exigimos a reintegração dos Trabalhadores agora despedidos.

Exigimos que seja cumprida a vontade dos trabalhadores democraticamente expressa em Plenário.

PELO DIREITO AO TRABALHO!
NÃO AOS DESPEDIMENTOS!
PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO!
POR UMA VERDADEIRA SEGURANÇA NO TRABALHO!
PELA GESTÃO DEMOCRÁTICA NAS EMPRESAS!

Porto, 7 de Novembro de 1977. **A DIRECÇÃO**

MORADORES

Plenário esta noite no Vasco Santana pela legalização das ocupações

..Promovido pela «Comissão de Luta pelo Direito á Habitação» realiza-se hoje, no Teatro Vasco Santana, às 21 horas, um plenário de Comissões de Moradores com visita a definir as formas de luta que levem o Governo a cumprir o preceito constitucional do direito à habitação.

A iniciativa vem na sequência da luta desenvolvida pelas Comissões de Moradores que têm dispendido esforços tendentes à anulação dos decretos em vigor 198-A/75, 293/77 e 294/77, sobretudo estes últimos que permitem os despejos de milhares de famílias pobres das casas que ocuparam depois do 25 de Abril, muitas delas devolutas há dezenas de anos. Pretende-se ainda que o Governo faça sair uma legislação consentânea com os interesses dos inquilinos porque até agora só os senhorios têm sido beneficiados.

A referida Comissão de Luta foi eleita no passado 15 de Outubro, num plenário que decorreu no Vasco Santana com a participação de 34 Cmissões de Moradores, 25 elementos de Juntas e Assembleias de Freguesias e 140 ocupantes, num total de cerca de 430 pessoas. Constituída por representantes de nove Comissões de Moradores, por ocupantes e por dois elementos de Assembleias de Freguesia. No de formação da «Comissão de Luta pelo Direito à Habitação» destacam-se as Comissões de Santo Condestável, Santa Isabel, Alcântara, Ameixoeira e Dois de Maio, que pelo seu dinamismo tiveram um papel preponderante em todo este processo.

A curto prazo a Comissão de Luta propõe-se suster os despejos. Com este objectivo foi apresentada na última Assembleia Municipal uma proposta de amnisfia visto que o decreto 294/77 pressupõe acção-crime contra todos os que ocuparam casas.

No decorrer da sua actividade a Comissão de Luta, através da FEPU; conseguiu que na Assembleia Municipal fosse prolongada para mais 90 dias a disposição do Parágrafo 1 do Art. nº 5 do citado decreto. Propoe-se ainda contactar com os Grupos Parlamentares na Assembleia da República no sentido de que sejam tomadas em conta as ocupações posteriores a 14 de Abril e também alertar a opinião e os órgãos do poder para a situação desumana criada por aquele decreto que atira para a rua milhares de famílias. Entre as diligências feitas destaca-se um pedido de audiência ao ministro da Justiça a quem foi entregue um manifesto divulgado pela Comissão de Luta.

«Estamos dispostos a desenvolver uma acção que conduza à solução destes problemas típicos de uma sociedade capitalista. Partimos do facto consumado. Agora que os ocupantes estão nas casas há que legalizar a sua situação. A legislação publicada pelo Governo só tem vindo a agravar a situação das pessoas. Aponta com o poder coercivo contra os ocupantes - aliás nós não consideramos que sejam ocupantes mas sim inquilinos - e protege os senhorios.», salienta um membro da Comissão de Moradores de Santo Condestável.

O mesmo porta-voz afirma ainda que como as primeiras ocupações se revestiram de um carácter espontaneísta as Comissões de Moradores decidiram enquadrá-las a fim de contribuir para a correcção do processo. Por outro lado a Comissão de Luta surge no momento em que as Comissões de Moradores e a população sentem necessidade de encetar novas formas de luta dado que as diligências até aqui efectuadas não solucionaram o problema.

«Os nossos objectivos imediatos são não permitir que os ocupantes «entre aspas» saiam das casas mas que lhes sejam feitos os contratos de arrendamentos a que têm direito...», acrescenta um membro da Comissão de Luta.

Pub

STAL

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

CONVOCATÓRIA

A pedido da Direcção Nacional e nos termos estatutários convoco um Conselho de Secretariados extraordinário, a realizar no dia 20 de Novembro corrente (domingo) pelas 10 horas na nova Sede do Sindicato, em Santarém, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Apreciação da "Proposta Reivindicativa Comum dos Sindicatos representativos dos trabalhadores da Administração Central, Regional e Local"

2 — Formas de luta adequadas para actuação conjunta com os demais Sindicatos subscritores da proposta

Santarém, 14 de Novembro de 1977

P'lo Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Adriano Castro

Pub

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DE PORTUGAL

AOS TRABALHADORES TÊXTEIS

DECISÕES APROVADAS NA REUNIÃO GERAL DE SINDICATOS DE 12-11-77

CONSIDERANDO QUE,

1 — Os Trabalhadores têxteis, assim como o conjunto das Classes Trabalhadoras do nosso País, verificam que de há uns tempos a esta parte a política colocada em prática pelo actual Governo tem levado ao sucessivo agravamento das condições de vida do Povo Português e bem ainda, a uma situação de crescente dependência nacional, a qual compromete a sua liberdade e a consolidação da Democracia consagrada na Constituição da República Portuguesa:

2 — Os Trabalhadores Têxteis, assim como o conjunto das Classes Trabalhadoras do nosso País, verificam que o patronato, agora de um modo mais descarado, regressa à sua velha prática utilizando os métodos repressivo, por vezes ainda mais fortes que antes do 25 de Abril de 1974, despedindo e castigando arbitrária e prepotentemente, para além de noutros casos espancar e perseguir os trabalhadores mais activos perante a cobertura que lhe vem sendo dada pelo actual Governo no plano das Leis do Trabalho:

3 — Os Trabalhadores Têxteis verificam ainda, que apesar da PRT que o Governo impôs ser uma PRT de miséria, o patronato têxtil, utilizando todo um processo de boicote e desgaste constante, não está a cumprir essa Portaria ao não aplicar as tabelas salariais em muitos casos, não pagando os retroactivos na quase totalidade as empresas, para além de tentar despromover directamente vários trabalhadores:

4 — Os Trabalhadores Têxteis, sentem hoje mais do que nunca o agravamento do custo de vida, a falta de poder de compra e a ameaça do desemprego, reflexo evidente de toda uma prática política que começando no patronato reaccionário, vai encontrando cedências, cobertura e apoios na política do próprio Governo.

Assim, e perante tão gravosa e insustentável situação, os SINDICATOS DE TODO O SECTOR TÊXTIL, BEM COMO A SUA FEDERAÇÃO, REUNIDOS EM COIMBRA, A NÍVEL NACIONAL, NO DIA 12.11.77, DECIDEM:

I — Denunciar e combater a política do actual Governo, que não só está a atraiçoar dia a dia os legítimos interesses dos Trabalhadores Portugueses, mas também a comprometer seriamente a Independência Nacional bem como a pôr em perigo a consolidação da Democracia no nosso País;

II — Denunciar a crescente repressão patronal sobre os trabalhadores nas empresas e o boicote levado a cabo até ao momento pelo patronato no respeitante ao cumprimento da PRT e face a estas manobras reaccionárias, lutar pela sua aplicação, principalmente nos seus aspectos mais favoráveis aos trabalhadores, sem prejuízo da luta a desenvolver por melhores condições salariais e outras a nível das fábricas, de âmbito regional, distrital e nacional, as quais se devem encaminhar no sentido da eliminação de muitas das injustiças actualmente existentes, bem como na unificação de facto do nosso CCTUV;

III — Apoiar as Grandes Jornadas de Luta anunciadas para os dias 18 e 19 de Novembro, respectivamente no Porto e em Lisboa, assim como todas as lutas a desenvolver a nível local, regional ou distrital;

IV — Reafirmar mais uma vez o propósito de lutar pela aplicação das resoluções aprovadas no Plenário da CGTP-IN realizado no dia 8 de Outubro de 1977, e ainda as resoluções aprovadas na Reunião Geral de Sindicatos do dia 13.10.77;

V — Denunciar toda a conspiração fascista levada a efeito por forças reaccionárias que mais não pretendem que esmagar os trabalhadores através duma desestabilização com vista à tomada do poder político.

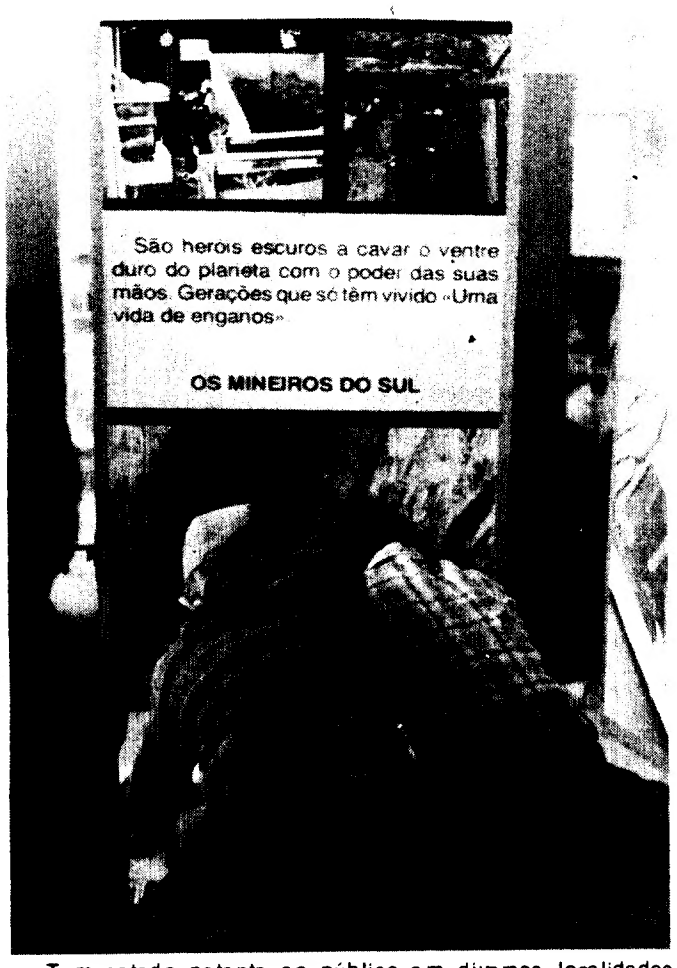
Denunciar ainda a política reaccionária da CIP que recorre já a inconstitucionalidades, exigindo a alteração de leis fundamentais que só aos trabalhadores dizem respeito;

VI — Lutar pelo reforço da Unidade Sindical na defesa das conquistas do 25 de Abril, nomeadamente contra os despedimentos, contra a devolução das empresas ao patronato sabotador, contra a degradação económica, pela defesa da Reforma Agrária, contra o aumento do custo de vida e contra as exigências do FMI que comprometem seriamente a Independência Nacional.

— PELA APLICAÇÃO DA PRT!
— PELA CONQUISTA NA PRÁTICA DO CCTUV!
— CONTRA OS DESPEDIMENTOS — PELO DIREITO AO TRABALHO!
— CONTRA AS EXIGENCIAS DO FMI!
— CONTRA A APLICAÇÃO DO «PACOTE 2»!
— CONTRA A CONSTITUIÇÃO FASCISTA!
— PELO REFORÇO DA ORGANIZAÇÃO E UNIDADE SINDICAL!
— UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Porto, 12 de Novembro de 1977

OS SINDICATOS DO SECTOR
O SECRETARIADO



Tem estado patente ao público em diversas localidades do concelho do Barreiro uma exposição fotográfica sobre «Os Mineiros do Sul», produzida e realizada pela Comissão Dinamizadora Fotográfica de Aljustrel. Desde a inauguração, em Março deste ano, a exposição foi já visitada por cerca de 175 mil pessoas, designadamente estudantes, e percorreu dezenas de cidades e vilas, onde foi acolhida com grande interesse.

Estranham os mentores desta iniciativa, face ao seu interesse cultural evidente, que as entidades governamentais responsáveis a tenham praticamente votado ao desprezo, depois da concessão de um benévolo subsídio (via Inatel) que se revelou desde o início mais do que insuficiente para cobrir integralmente as despesas. Aliás, os responsáveis do Inatel puderam inteirar-se directamente do teor da exposição quando esta foi inaugurada... mas não voltaram a dar notícias, apesar de anteriormente se ter esboçado um compromisso no sentido de facilitar a deslocação do material exibido.

Apesar das dificuldades, os organizadores pensam já em levar avante nova exposição, desta feita sobre a Reforma Agrária. E o que falta em financiamento sobeja no apoio e solidariedade dos trabalhadores. Presentemente, a exposição encontra-se em Vila Chã, nas instalações do União Futebol Clube local.

Reforma Agrária presente na manifestação do dia 19

«Tendo presente as grandes provas de solidariedade e apoio sempre recebidos das zonas de Lisboa e Setúbal em defesa da Reforma Agrária e considerando que é preciso reforçar cada vez mais a unidade na acção de todos os que querem defender as conquistas de Abril, a Constituição e a Democracia — decidem os Secretariados Distritais das UCP's e Cooperativas enviar uma delegação de trabalhadores das UCP's e Cooperativas Agrícolas do Alentejo e destes Secretariados, para participar na grande jornada de luta do dia 19, como representação dos trabalhadores agrícolas do Alentejo ao lado dos seus irmãos de classe de Lisboa e Setúbal.»

Esta é uma das manifestações de apoio e adesão mais recentemente recebidas pelas organizações que convocaram a manifestação para sábado, 19: a dos Secretariados das UCP's e Cooperativas Agrícolas dos Distritos de Beja, Évora e Portalegre. No comunicado distribuído através da CGTP-IN, os representantes dos trabalhadores agrícolas do Alentejo informam que «apesar da incompetência e da sabotagem criminosa do Ministério do Barreto e Portas e dos CRRA's realizámos com êxito as sementeiras de Outono e estamos prestes a atingir o plano apontado na segunda conferência da Reforma Agrária.

Também os Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas de Évora, Beja e Portalegre enviaram uma mensagem de saudação e solidariedade às jornadas dos dias 18, no Porto e 19, em Lisboa.

Outra manifestação de adesão a salientar é a da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio. No comunicado sob o título «Os Trabalhadores do Comércio exigem uma Nova Política», a Federação afirma: «É para exigir uma política que respeite os seus direitos e as grandes conquistas da Revolução que os trabalhadores do comércio estarão presentes, juntos com todos os outros trabalhadores deste País, nas grandes manifestações do Porto no dia 18 e de Lisboa, no dia 19.»

APELO DAS CT's DA CIL

O Secretariado das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa divulgou um apelo a todos os trabalhadores e à população de Lisboa para que participem na grande jornada de unidade e luta do dia 19, com concentração na Praça Marquês de Pombal às 15 e 30, «a fim de reafirmar que quem manda aqui não é o FMI, para lutar e resistir contra os despedimentos e a repressão que se abate sobre os trabalhadores para dizer não ao aumento do custo de vida, para não permitir que a reacção ataque a Constituição, para defender enfim, o próprio processo democrático».

Além dos setenta sindicatos de Lisboa e Setúbal que expressaram já a sua adesão à manifestação de sábado próximo, muitas outras organizações continuam a aderir à jornada de luta. Contam-se entre elas a Comissão de Trabalhadores da Rodoviária Nacional — CEP 7, Laranjeiro; Comissão de Moradores da Freguesia da Graça; trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos; Comissão Coordenadora Intercomissões de Trabalhadores do Grupo CUF; Comissão de Oradores da Freguesia da Encarnação; Comissão Unitária de Mulheres contra a alta do custo de vida; Comissões de Moradores da Freguesia de Vialonga e Partido Revolucionário do Proletariado.

Repressão volta às desintervencionadas

A repressão voltou às empresas desintervencionadas e devolvidas ao patronato sabotador. Esta realidade, denunciada várias vezes pelos trabalhadores que estão a vivê-la, foi ontem confirmada em conferência de Imprensa por elementos das comissões de trabalhadores de algumas das empresas desintervencionadas e devolvidas aos patrões. Os representantes dos trabalhadores solidarizaram-se com as organizações que convocaram a manifestação do próximo sábado e fizeram um apelo a todos os trabalhadores portugueses para que nela participem.

Das empresas que se encontram na situação descrita, foram citadas as seguintes: «Luís Pedro Mendonça», «Pablos», «Mármores do Condado», «Copam», «Sanimar», «Metalúrgica Duarte Ferreira», «Joaquim Francisco dos Santos» e «Mundet».

Na «Luís Pedro Mendonça», nove meses após a desintervenção, a situação continua sem ser resolvida ainda que seja grande o prejuízo para a economia nacional, nomeadamente para os CCT/TLP, empresa que absorve a maior parte do material produzido na LPM. A falência da «Pablos» lançou no desemprego 570 trabalhadores. A «Mármores do Condado», a maior empresa nacional deste sector, está votada ao abandono, por o Governo não substituir os gestores por parte do Estado que se demitiram. Na «Copam» — monopólio devolvido ao patronato — despedem-se e suspendem-se trabalhadores, o mesmo acontecendo na «Sanimar». Na «Metalúrgica Duarte Ferreira» mais de 600 trabalhadores foram despedidos. Na «Joaquim Francisco dos Santos» o número de despedimentos ascende a 410, tendo a empresa sido devolvida ao patrão por imposição do Governo que para tanto recorreu a grande aparato policial. Os trabalhadores da «Mundet» recorreram para o Supremo Tribunal Administrativo, pedindo a anulação da resolução do Conselho de Ministros que determinou a devolução da empresa ao patronato.

O Secretariado das Comissões de Trabalhadores das Empresas Intervencionadas acrescentou ainda a informação de que na J. Pimenta se verificaram nove despedimentos e 28 suspensões; na Auto-Reconstrutora do Barreiro, 84 despedimentos; três despedimentos na Guérin; dois despedimentos na DMC; 21 na TMG; 25 na Mondorel; oito na FA Caiado; um suspenso na Facar; um despedido nas Construções Técnicas; dois na Iberol/Copaz; na Maiombe, 18 trabalhadores foram impedidos de entrar pelo patrão Galvão de Melo; sete trabalhadores foram suspensos na Mondorel depois de ter sido declarada a greve. Os trabalhadores despedidos ou suspensos são na maioria delegados sindicais ou membros das comissões de trabalhadores.

Os representantes dos trabalhadores destas empresas reafirmaram a sua disposição na luta contra a repressão e os despedimentos, bem como a sua disponibilidade de contribuir para, em conjunto com todos os trabalhadores, o esforço colectivo necessário à saída da crise em que o País se encontra.

Fábrica de chapéus paralisada

Encontra-se paralisada desde sexta-feira a Empresa Industrial de Chapelaria, de S. João da Madeira, devido à falta de cumprimento pela entidade patronal das normas de regulamentação do trabalho que os operários desejam ver aplicadas.

A adesão é total, excluindo, naturalmente, os trabalhadores em férias. Uma reunião ontem efectuada na subdelegação local do Ministério do Trabalho não permitiu superar o conflito, pelo que a paralisação se mantém.

Os trabalhadores exigem a aplicação da tabela mais favorável prevista pelas normas contratuais, ao passo que a administração se limita a pagar os vencimentos de uma tabela inferior, excluindo, inclusivamente, as mulheres.

REAL COMPANHIA VELHA

Varapaus suspendem plenário

Indivíduos estranhos à empresa boicotaram na segunda-feira um plenário de trabalhadores da Real Companhia Velha, irrompendo pela sala onde deveria iniciar-se a reunião e ameaçando os circunstantes com varapaus.

O plenário destinava-se a debater o futuro da empresa, que se encontra sob intervenção estatal e cuja situação é fonte de preocupações para os trabalhadores. Por outro lado, pretendia-se clarificar notícias publicadas por alguns jornais de direita e que, aparentemente, visam o regresso à empresa do antigo administrador Silva Reis.

Os indivíduos que levaram a cabo o boicote não são reconhecidos pela comissão de trabalhadores como assalariados da companhia, tendo-se deslocado em camionetas ao local do plenário, provenientes das explorações agrícolas durienses da empresa. O clima de confusão e violência latente naquela ocasião levaram a CT a suspender os trabalhos.

Segundo nos informou um elemento da comissão de trabalhadores, grande parte das pessoas que ali se deslocaram foram arregimentadas por quadros simpatizantes do ex-administrador Silva Reis e ludibriados por uma falsa questão levantada em 1975». Tratava-se da hipótese de separação entre as quintas agrícolas e a sede-armazém, com a criação de duas empresas distintas. Esta possibilidade foi ultrapassada na altura, aparecendo agora como argumento destinado a «provocar a cisão entre os trabalhadores» — afirma a CT.

REPÚDIO

O plenário viria a realizar-se ontem de manhã, sem incidentes e na presença de um representante do Governo. Por 265 votos a favor e 4 contra os trabalhadores da Companhia deixaram claro o seu repúdio pelo «comportamento e pelas manobras intimidatórias do antigo administrador Silva Reis», e manifestaram apoio incondicional à sua CT no que diz respeito ao futuro da empresa.

O plenário foi, apenas, a continuação do que fora boicotado na véspera.

Trabalhadores receiam cisão da Sanimar

Parece estar para breve a cisão da empresa Sanimar, dado que foi já feita escritura notarial para esse efeito, tendo o presidente da assembleia geral da empresa convocado uma assembleia de accionistas para ratificar o processo de cisão.

No comunicado em que divulgam esta informação, os trabalhadores despedidos e suspensos da Sanimar manifestam o seu receio por esta medida, que poderá provocar a inviabilização da actual Sanimar e o consequente processo de falência que irá arrastar para o desemprego os seus trabalhadores. Temem ainda os trabalhadores que nessa assembleia de accionistas seja dada «carta branca» a Virgílio Esteves, a quem o Governo devolveu a empresa, para que aquele, a curto prazo, possa declarar falência.

No comunicado denuncia-se também o clima de «campo de concentração» que Virgílio Esteves instaurou após quatro meses de devolução da empresa, com violação diária dos direitos dos trabalhadores e a provocação dos trabalhadores progressistas por indivíduos contratados a prazo, que o patrão utiliza para criar o seu ambiente de terror.

O número de despedidos e suspensos ultrapassa os vinte e há ameaças de que não ficará por aqui. Entre outras medidas «humanitárias» o patrão expulsou dum refeitório improvisado trabalhadores que ali costumavam comer e castigou com dois dias de suspensão sem vencimento três operárias que estavam a conversar. «Mas o que mais preocupa estes senhores», conclui o comunicado dos despedidos e suspensos da Sanimar, «foi terem encontrado pela primeira vez na sua corrupta vida, homens sem preço, e começam a recear que o seu exemplo frutifique. E há-de frutificar.»

Na «Luís Pedro Mendonça», empresa intervencionada também devolvida ao antigo patrão, este tenta substituir os trabalhadores em greve, em manifesta violação da Lei do Direito à Greve.

SOLTAS

PREVIDÊNCIA

Realizam-se nos próximos dias 22 e 24, respectivamente no Porto e em Lisboa, os plenários regionais dos trabalhadores da Previdência para ratificação de uma proposta apresentada pelos sindicatos, que preconiza uma paralisação de duas horas com vista a desbloquear as negociações do contrato colectivo de trabalho do sector.

EDP

A comissão de trabalhadores da EDP-Electricidade de Portugal, em moção agora divulgada, congratula-se com a aprovação pela Assembleia da República do protesto contra as afirmações dos presidentes das Câmaras Municipais de Alfândega da Fé e Macedo de Cavaleiros, que manifestaram a intenção de atentar contra as instalações do Pocinho e o abastecimento de energia a Lisboa.

TABAQUEIRA

Desmentindo notícias difundidas por certos órgãos de comunicação, o núcleo socialista da Tabaqueira EP comunica-nos, «com orgulho», que está solidário com a comissão de greve democraticamente eleita, desde a primeira hora.

SEGUROS

Os trabalhadores de seguros do sul só aceitarão a integração da sua «Caixa» no esquema geral da Previdência desde que se criem condições que permitam o controlo efectivo dos dinheiros da Previdência por parte dos utentes, com a garantia da manutenção do actual esquema de assistência, e desde que os restantes trabalhadores abrangidos pelo esquema geral possam colher alguns benefícios dessa integração. A decisão foi tomada em assembleia geral.

LANIFÍCIOS

O Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul exigiu junto do Ministério dos Assuntos Sociais a imediata demissão do presidente recém-nomeado da Caixa de Previdência dos Lanifícios, por lhe não reconhecer «capacidade» para tal cargo. A nomeação foi feita sem prévia consulta dos sindicatos interessados e incidiu sobre um «oportunista repudiado pelo Sindicato dos Escritórios do Distrito de Coimbra», no dizer daquele Sindicato.

AMBAR

Os principais sindicatos representativos dos trabalhadores da Ambar emitiram um comunicado conjunto em que denunciam «o clima de repressão e ameaça existente na empresa para todos os que não concordam ou não aceitam as imposições da gerência», nomeadamente os que se opõem ao despedimento de alguns dos seus colegas, cuja reintegração tem sido recusada.

UMA DESTRUIÇÃO PURIFICADORA

Juan Goytisolo e a tortura espanhola

Nas mitologias astecas, os deuses machos são de natureza unívoca: eles representam uma força elementar — a chuva, a guerra, o fogo, o Sol — excluindo toda e qualquer ambiguidade. Em contrapartida, as deusas são, por definição, ambivalentes; a sua representação é dual: são sempre portadoras do outro, do contrário. Entre elas, a mais perturbadora é a deusa Tlazolteotl, ao mesmo tempo deusa da pureza e da imundície, deusa abutre que devora o lixo, os cadáveres e os excrementos a fim de purificar a terra. Tlazolteotl também servia de padre confessor e de psiquiatra do mundo asteca: antes de partirem para o combate, os guerreiros iam contar-lhe os seus erros e os seus sonhos, a fim de poderem enfrentar o inimigo livres do peso do pecado e do desejo — que são, em toda a sociedade repressiva, sinónimos.

Juan Sem Terra parece escrito sob o signo dessa deusa da noite asteca: as palavras de Juan Goytisolo sujam e purificam sem deixar de devorar o que encontram à sua passagem, entre outras coisas a matéria corrupta da realidade e os sinais que a representam. A relação de **Juan Sem Terra** com o real é homóloga da relação que se estabelece com o texto narrativo: a empresa de destruição que a apoia ou antes, que a imobiliza numa sucessão fictícia de instantes. A ortografia, a sintaxe, toda a estrutura do discurso são concebidos de tal modo que excluem a progressão dramática.

Raramente a língua espanhola — uma das mais académicas e explicitantes que existem — se propôs uma forma narrativa que tão radicalmente negue as leis da sucessão. Próxima, em tal aspiração (como em muitos outros aspectos) à condenação temporal de alguns grandes poemas de Octavio Paz, **Juan Sem Terra** continua, no entanto, a ser um romance tributário daquilo que renega. Essa dívida, esse apoio dado ao que se rejeita, nota-se, com efeito, na introdução de um estilo racionalista, bem espanhol; adjectivos e metáforas que pertencem ao corpo (ao cadáver) da linguagem que Goytisolo calca aos pés e que outros escritores de língua espanhola de além-mar abandonaram definitivamente. Mas esse estilo, assume-o Goytisolo para melhor o combater, e reside aí um dos segredos do seu romance torturado e torturador, impuro e purificador.

Se Juan Goytisolo é, sem dúvida, o maior romancista espanhol vivo, é porque ousou assumir a totalidade dos constrangimentos verbais da língua espanhola, ousou ser sua vítima para melhor os designar, engoliu palavras que detesta para melhor as expulsar. Jonathan Swift fez, no seu tempo, o mesmo.

Swift-Goytisolo, Joyce-Goytisolo: exilados condenados a viver com a língua das suas opressões, a digeri-la, a expulsá-la, a pisá-la, a resignar-se com o facto de, uma vez entregue à terra, essa terra-língua alimentar a terra, renascer, odiada, transfigurada. Mas é esse o problema: onde termina o ciclo de transformação e onde começa a morte? Onde termina o exílio e onde começa o suicídio?

O tríptico

Juan Sem Terra parece encerrar um tríptico do qual **Papéis de Identidade** teria formado o primeiro painel, e **Don Julian** o segundo. Nos três romances, Álvaro, o jovem-velho narrador, o Dedalo de Goytisolo, sonhador e clown que se metamorfoseia, dá-nos uma parte da sua autobiografia secreta. **Papéis de Identidade** é o seu **Retrato do Artista Quando Jovem**, talvez o grande **bildungsroman** da Espanha franquista.

Em **Don Julian**, Álvaro afiava as armas da sua vingança, ressuscitando o lendário traidor que, em 712, abriu as portas da Andaluzia ao invasor mouro. Do alto de um terraço de Tânger, Goytisolo escrevia o seu **Ulisses**, imaginando uma segunda invasão árabe da Espanha cristã descendente dos godos.

A utopia pré-histórica

O primeiro romance podia ser tão ameno e triste como uma página de Chateaubriand; o segundo, tão alegremente feroz como uma página de Sade. Ambos foram classificados na altura — facilidade da evidência — como tentativas de hispanicídio. E, na verdade, ruína das ruínas, a prosa de Goytisolo passava como um incêndio pelos escombros de um país casado com a morte. Como destruír as ruínas? Como matar o morto? Goytisolo começou a incendiar as fachadas de papelão, as aldeias. Pontemkine da Espanha franquista.

Num dos mais extraordinários requiens em prosa do nosso tempo, Juan Goytisolo celebrou a morte de Franco como a morte de uma parte da sua vida e da vida de numerosos espanhóis: incrível era um mundo sem Franco, esse pai indesejado, essa sombra que, durante quarenta anos reduziu ao silêncio as crianças, depois os jovens em que elas se tornaram, depois os homens que tinham aprendido a ler sem ler, a ver sem olhar, a morrer sem ter vivido, ao longo dessa coexistência paralela entre um ditador e uma geração de seres condenados a ele e por ele.

Há uma estranha coincidência entre a morte de Franco e a vida de **Juan Sem Terra**. Título de um exilado, exílio de todas as expulsões de Espanha desde o Juan Sem Terra original: o judeu expulso em 1492. Liberto de Franco mas integrado num todo histórico, a terra que falta a Juan já não é a Espanha mas sim a utopia, um lugar não situado no espaço porque a sua realidade se situa no tempo, não um tempo determinado mas todos os tempos reunidos. O tempo da origem que prefigura todos os futuros e torna caduca, num único gesto ritual, a sucessão dos calendários.

A biografia de Goytisolo é profundamente «original», no sentido estrito da palavra: **Juan Sem Terra** decorre no eterno presente do mito, e esse mito é o da utopia impossível no espaço mas possível no tempo original, idêntico ao texto que o concebe. A terra é terror, e os gestos textuais de Goytisolo participam simultaneamente do que rejeitam (o terror da terra, o espaço que nega a utopia), opondo-lhe as utopias do corpo livre de antes da história, de antes das leis: sodomia, falolatria, coprofilia, incesto, zoofilia. Operações corporais perversas e pervertidas do ponto de vista da terra, ritos que não são sintomas de uma decadência mas o regresso a um estado selvagem, pré-histórico, a um tempo anterior ao tempo.

O corpo ocupa o centro deste tempo ritual. As verdadeiras personagens de **Juan Sem Terra** são nomes do corpo. Em **Conjunções e Disjunções**, Octávio Paz traça de modo soberbo a curva cultural da separação do rosto e das nádegas (divórcio entre a alma e o corpo) e ilustra tudo isso com uma gravura escandalosa de Posada, artista mexicano do princípio do século. **Juan Sem Terra** circula entre os dois extremos de um Quevedo que, no século dezassete, redigia uma litania no estilo provocador do humor barroco, e a farsa funambulesca de Buñuel no **Fantasma da Liberdade**. A vergonha do corpo tem a sua imagem mais impressionante nessa cena de Buñuel: os convivas de um jantar comem às escondidas mas defecam em público.

Um deserto sem oásis

Juan Sem Terra é a negra utopia do corpo dissimulado pelos interditos: um tirar de véus que é consagração mas também condenação. Juan Sem Terra vai combater os moinhos de vento das boas maneiras sexuais incarnadas pelo casal heterossexual, reprodutor e consumidor dos objectos elogiados por «Madame Express». No entanto, a ética de Goytisolo apoia-se naquilo que recusa: à intolerância da ortodoxia sexual, opõe ela a intolerância da heterodoxia sexual. Atitude profundamente espanhola e que provém do desejo de querer sempre viver na mais exaltada expectativa do destino.

Este último corpo exige ser incarnado noutra personalidade: é pois necessário ser outro, optar por outra cultura, ocasionalmente a cultura árabe que, para Juan Goytisolo, representa o prazer sexual sem entraves. Álvaro, o narrador, escolheu mudar de corpo e de personalidade, seguindo nisso aqueles que, antes dele, escolheram a metamorfose: Fra Turmeda, monge medieval convertido ao Islão; T.E. Lawrence, que só teve existência vestido de árabe; o padre de Foucauld que morreu vestindo o traje dos seus assassinos, na esperança vã de os converter.

Um espectro avança para a figura solitária, perdida no deserto, de **Juan Sem Terra**: é um espectro dual, que devora para melhor purificar, que se alimenta de imundícies para melhor criar. Chama-se Tlazolteotl, a deusa da noite asteca: a companheira de Juan Sem Terra, a sua Eva coberta de excrementos e de esperma.

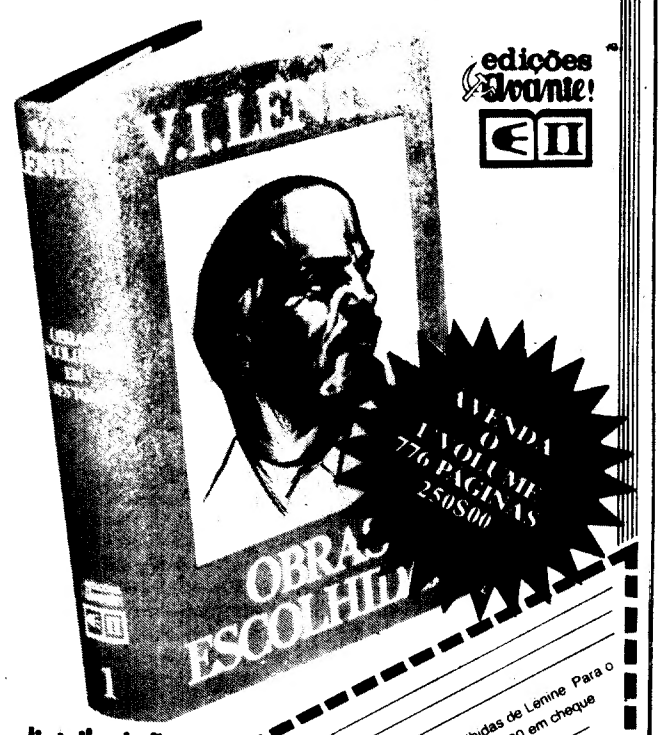
(Le Monde)

finalmente em português

OBRAS ESCOLHIDAS de LÉNINE

3 volumes

tradução rigorosa



distribuição CDL

NOME
MORADA
LOCALIDADE
Desejo receber o Volume 1 das obras escolhidas de Lenine. Para o respectivo pagamento envio esc. ____ $00 em cheque
Vale do correio n.º ____
para CDL
Departamento venda directa
Rua Pedro Nunes 9-A
Lisboa 1

CURSOS DE INGLÊS NA TV

ANO PROPEDÊUTICO

Publicações Alfa informa que de colaboração com a BBC editou os cursos **On we go** — 3 volumes e 3 cassetes para o curso médio e **People you meet** — 1 volume e 2 cassetes para o curso adiantado.

À venda nas livrarias de todo o país.

Distribuição de **Publicações Europa-América.**

Para mais informações – **Publicações Alfa**
Av. António Augusto de Aguiar, 150-5.º Esq.
LISBOA

Publicações Alfa – representantes oficiais em Portugal dos cursos de inglês da BBC-LONDRES.

Abel Dias, fotógrafo e amador teatral, com a sua acompanhante

Cornélia: mais bacalhau

O bacalhau, quase uma «invenção» gastronómica do nosso companheiro de trabalho Stau Monteiro, voltou a merecer as atenções da plateia da «Cornélia» na sua última sessão reservada a concorrentes, constituindo «inspiração» para dois dos candidatos a um pódio que por quatro pontos não foi beliscado. Com aquele se divertiram os pares A e C (Ventura Martins, jornalista, acompanhado por uma amiga de plástica e presença que muitos admiraram, e Abel Dias, fotógrafo e amador no Teatro «Tico-Tico», igualmente emparceirado com uma jovem que impressionou) na prova da «quadra» e um tema adrede: «A ilusão não tem fim».

Aliás, foi na apresentação-desenvolvimento da quadra que os concorrentes sepultaram as suas legítimas aspirações, já que o juri, raramente contestado, foi parco nas suas pontuações. Até aí, «Paquita» (pela segunda vez na «Cornélia», situação idêntica a Ventura Martins, anteontem com outra «partenaire»), não tinha hipotecado a sua candidatura ao pódio, o que não havia sucedido com Abel Dias que tinha falhado 23 pontos possíveis nas «velas» (um «aniversário» com sabor a aleatório), Francisca Meneses e o pai (Carlos Meneses) arrebataram a assistência na «Dança ritual do fogo», de Manuel de Falla, enquanto Abel Dias arrecadava 73 pontos na «dança», com «Bonny and Clyde» (gravura acima).

O período final da sessão foi dramático, com o lugar de Rui Guedes ameaçado pela «Paquita», concorrente que já dera provas suficientes da arte de representar. Faltavam-lhe 69 pontos para desbancar o autor do hino do CDS quando entramos na prova de teatro. Todos aguardavam a concretização do brilharete. Mas não: «Paquita» e Carlos Meneses não foram além dos 65, menos 10 que Abel Dias. E tudo ficou como dantes.

Ordem da sessão: «Paquita», 607 pontos (menos 3 que Rui Guedes), Abel Dias, 592 (a companheira falhou dois «bonecos»), Ventura Martins, 579. Os «chatos» de «O Chato» (para que não se esqueçam) não compareceram.

Agora, resta-nos a prova tira-teimas de segunda-feira, a «finalíssima» com Vasco Raimundo, Fanha, Rui Guedes.

ALGARVE: QUEM CONHECE?

5. Leite com problemas

Pecuária: mencionemos, em breves linhas, esta fonte de economia do Algarve. Sobre o assunto, iremos de 1578 a 1975. Tratar-se-á, mais uma vez, de uma panorâmica que o leitor entendido poderá (e deverá) completar. Assim entendidos, aproximemo-nos dos animais que, de diversas maneiras, contribuem para a nossa alimentação... Com o leite, por exemplo, cuja produção continua a ser escassa. Porquê...?

. Enquanto na região serrana «o pastoreio do gado miúdo conservou ao longo dos séculos valor notável, na orla quase não se desenvolveu, e se na maioria das explorações se criaram sempre algumas cabeças, a pecuária manteve posição muito secundária».

Fazem excepção «os animais de trabalho, algumas grandes explorações de beira-serra ou situadas junto da costa, que compreendem matos e marismas ou incultos arenosos (ovinos e bovinos), e as criações à manjedoura, com estabulação quase permanente, de bovinos. A escassez de terrenos de pasto e de alimentos é, aliás, muito antiga, naturalmente tanto quanto o sistema agrícola. Afectava os próprios animais de trabalho, a julgarmos pela utilização do almargem de Tavira, coutada concelhia cujo arrendamento para sementeiras, entre 1578 e 1588, suscitou dos moradores vivos protestos».

Bovinos, muares (mais sóbrios e rústicos) e burros (nas pequenas explorações) constituíram ao longo de séculos «a principal força de trabalho coadjuvante da dos homens: lavram a terra, fazem girar os engenhos, debulham os cereais, asseguram os carretos. Todos os possíveis alimentos se lhes reservam: palhas dos cereais e leguminosas, «bandeira» e espigas de milho, ervas e subprodutos verdes da horta e, no Outono e no Inverno, as folhas de figueira (colhidas, secas e armazenadas nos palheiros); na engorda dos bovinos usaram-se também os resíduos da destilação do figo».

Acentua-se no estudo do Gabinete de Planeamento da Região do Algarve que «a valorização dos bovinos nos matadouros urbanos de Lisboa, Andaluzia e Gibraltar estimulou a criação sub-regional como animais de carne, à imagem do que sucedia nas explorações com sapal e na serra».

Atente-se na pormenorização seguinte:

. «Na Quinta da Mata Rota reservou-se-lhes uma folha, num sistema trienal, na segunda metade do século XIX, ao mesmo tempo que os contratos de parceria agrícola precisam cláusulas que lhes concernem: por vezes o cultivador abonava o gado, que seria avaliado para o senhorio participar, com metade, nesse valor e nas despesas, lucros e perdas; mais frequentemente, o gado era entregue pelo senhorio ao meeiro, que dele cuidava e assegurava parte dos gastos, em troca da participação nos lucros prováveis mas também nas perdas. Trata-se, no entanto, de poucas cabeças, como na Quinta de Baixo, em 1872: 2 bois, 5 vacas, 1 bezerra e 2 bois de trabalho».

Este mesmo tipo de pequena criação doméstica «dominou nos ovinos e caprinos: existiam porém, alguns rebanhos, uns associados a grandes propriedades, outros alimentando-se dos pastos (dos donos ou alheios, estes por arrendamento ou clandestinamente) e das ervas das bordas dos caminhos e da beira-mar. Mas as posturas são rigorosíssimas com o gado miúdo, o que não surpreende porque propostas pelas vereações, formadas por proprietários de terras muito semeadas e arborizadas: quando aquelas se confirmam ou se renovam, multiplicam-se os pedidos de licença de criação de pequenos rebanhos de cabras e de ovelhas, por vezes significando apenas oficialização dos existentes».

Só a valorização do gado «justifica os riscos de multas, em dinheiro e dias de prisão do pastor, particularmente elevadas para o gado caprino (8 vezes as do ovino) encontrado de noite, em qualquer época do ano, em hortas, pomares, fazendas arborizadas, vinhas sementeiras de cereais praganosos, leguminosas e milho, mas ainda pesadas quando em terras de mato, restolhos, relvados sem árvores, taludes, valetas e bermas de estradas e valados de propriedades particulares».

No concelho de Tavira «o gado caprino só podia transitar fora dos terrenos do seu proprietário se o rebanho não era superior a dez cabeças (e respectivas crias quando ainda em idade de lactação),, embarbilhadas, sob a responsabilidade de um pastor com mais de 18 anos e mediante a concessão de licença camarária, a qual se passaria com fiador e testemunhas. De igual modo, a sua apascentação em propriedades alheias implicava uma licença escrita, passada pelos respectivos donos, com identificação dos terrenos e dos beneficiários e assinaturas reconhecidas notarialmente. Aliás, nos meados do século XIX, a Câmara obrigara a deslocação de todo o gado caprino para a serra, de 15 de Setembro ao fim do ano. Tratar-se-á de uma medida esporádica ou da sobrevivência de movimentos transumantes regulares para o século XVI e para o concelho de Loulé?»

. A primeira hipótese «pode corresponder a im Verão excpecionalmente precoce e seco, responsável pela falta de alimentos (...) No retorno, os rebanhos pastariam nas folhas destinadas às sementeiras da Primavera e em seguida nos 'restolhos', primeiro das leguminosas e depois dos cereais. Naquele sentido falam as dificuldades levantadas em Tavira à deslocação dos gados da serra para o Baixo Algarve, apenas permitida quando da passagem para outro concelho, feiras, mercados e matadouros. Tais dificuldades respondem aos movimentos clandestinos do fim do Verão, quando faltam na serra pastos e água e nos campos meridionais abunda a folhagem das amendoeiras e figueiras, cujo aproveitamento os criadores serranos negociavam com os agricultores locais, interessados na estrumação das suas terras e na possível destruição das ervas daninhas». (...) Estes movimentos descendentes registam-se ainda «nos anos cinquenta».

(...) «A criação de gado grosso e miúdo teve sempre pequena importância no Baixo Algarve, pela falta de áreas de pasto e pelos prejuízos que causava aos arvoredos e culturas mimosas». Este facto «foi apontado nos cinquenta no Inquérito Agrícola como factor da insuficiente estrumação das terras e dos medíocres rendimentos cerealíferos, a corrigir com a multiplicação dos efectivos e, portanto, com o cultivo de forragens e respectiva ensilagem. Mas a evolução não respeitou tal esquema, já que se intensificaram as plantações, estendeu-se o regadio, motorizaram-se os transportes e mecanizaram-se alguns trabalhos, nomeadamente a elevação de água de rega, as lavouras e as debulhas».

De atentar:

. «Apenas no sector bovino leiteiro se verificou notável multiplicação dos efectivos, em relação com os consumos urbanos de leite e a organização do seu comércio pelas associações de produtores e, depois, pelas cooperativas. O número de cabeças aumentou, sobretudo nas várzeas do concelho de Castro Marim, anteriormente exploradas por ovinos e bovinos para carne.

(...) Mas «a criação de gado leiteiro não permite satisfazer a procura e o consumo regionais de leite. Por um lado, verificam-se desfasagens estacionais entre os máximos da oferta (desde Março até Junho) e da procura (durante todo o Verão), em relação com a maior disponibilidade de pastos verdes e forragens e com a presença dos veraneantes».

Adianta-se, depois de outras consdierações, que os ganhos com o leite eram escassos. Os criadores de Olhão, por exemplo, venderam os animais, «uma vez perdida a esperança na oficialização dum preço justo para a sua produção (apenas de 3$82/kg em 1972, incluindo subsídios)» (...) «O desequilíbrio entre custos de produção e preços de venda do leite continua a constituir importante e complexo problema socio-económico, aliás sentido em todo o País, que se traduz naturalmente no descontentamento dos pequenos criadores, no abandono do sector, na diminuição da oferta do leite e no agravamento das dificuldades de abastecimento público, tradicionalmente precário».

Atenção para um «final» que deve merecer a atenção dos responsáveis:

«Mas também para a maior empresa do Algarve Oriental – com duas centenas de vacas (50 por cento das quais leiteiras), vastas extensões de pastos naturais, importante cultivo de forragens (uma centena de hectares por ano, dos quais 1/5 de regadio), 660 m3 de silos em trincheira e instalações de ordenha mecânica muito modernas, aliás ainda não em funcionamento, por a sua capacidade (60 vacas por hora) ser bastante superior aos actuais efectivos – a criação parece continuar a não ser compensadora, mesmo com o preço do leite no produtor no princípio de 75 (5$50 da classe 'A', com refrigeração e ordenha mecânica), dado o custo das rações, mão-de-obra e outros factores».

A produção de leite no Algarve não chega para as necessidades regionais. Aliás, e nomeadamente no momento presente, a falta de leite faz-se sentir em todo o País. Milhares e milhares de crianças não podem ser fotografadas, no dia-a-dia, como este rapazito

Ordenha tradicional...

...e ordenha mecânica. Um problema, no entanto, subsiste nas zonas leiteiras algarvias: o produto não compensa, e, por tal motivo, vai faltando no mercado

PUBLINTER

Novo centro comercial na zona do Campo Pequeno

Foi ontem inaugurado na Avenida Júlio Dinis, próximo da estação de «Metro» do Campo Pequeno, um novo centro comercial com quatro pisos e cerca de 50 estabelecimentos. Trata-se do «Arco-Íris», concebido em linhas modernas e representando um investimento de largos milhares de contos.

O «cocktail» inaugural atraiu centenas de convidados, que tinham à sua disposição um bar, um «tea-room» e um restaurante, o «Zeus», especializado em cozinha grega.

As lojas são dos mais diversos ramos: pronto-a-vestir, instituto de beleza, perfumaria, florista, «baby-shop», tabacaria, livraria, discoteca, agência de bilhetes, «sandwich-bar» e charcutaria, entre outros. Por menor em tempo: a discoteca, excepcionalmente provida de novidades, chama-se «Vira o disco e toca o mesmo».

O investimento criou 250 novos postos de trabalho.

Leite em pó tem novos preços

Os novos preços de leite em pó instantâneo entraram hoje em vigor, de acordo com a portaria dos Ministérios da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo.

Assim, o quilo de leite meio gordo passa a custar no fabricante 100$00, vendendo-se ao público a 128$00. Para o magro os preços são respectivamente 118$00 e 150$00.

Os preços especulativos que vinham sendo praticados na venda do leite, de que as crianças são os grandes consumidores, levantaram enormes protestos, o que obrigou a uma decisão por parte das entidades responsáveis.

NUMA CRÓNICA DO "DL" DE 1968

Jovem de Penafiel reconhece o drama do pai emigrante

Em 1968, nas edições «Prelo», saiu um volume colectivo de crónicas da autoria de jornalistas do «Diário de Lisboa» entre os quais Pedro Alvim, Mário Castrim, Fernando Assis Pacheco e Manuel de Azevedo. O volume chamava-se «O Homem na Cidade» e despertou interesse em certos meios, a ponto de algumas das crónicas serem incluídas em selectas escolares. Uma dessas velhas crónicas jornalísticas (Notícia de 7 Linhas, de Manuel de Azevedo) deu agora origem a um emocionante caso, no Liceu de Penafiel, quando uma das jovens alunas reconheceu nesse texto a tragédia de seu próprio pai.

O nosso prezado colega «Diário Popular», com o título «Durante uma aula de português uma jovem estudante do liceu de Penafiel foi protagonista de um drama invulgar», noticiava ontem o seguinte:

«Uma jovem estudante do 3.º ano foi protagonista de um drama que causou profunda emoção entre alunos e professores do Liceu Nacional de Penafiel.

O drama desenrolou-se durante uma aula de Português, em que a professora Alice Elfriede Nemeth, apresentou um ponto sobre a emigração, baseado num trecho da «Colectânea 3» de Júlio Martins e Jaime Mota.

O referido trecho — extraído do livro «O Homem na Cidade», editado em 1968 — intitula-se «Notícia em sete linhas» e nele se faz alusão ao acidente mortal de que foi vítima um emigrante português quando trabalhava na construção de uma ponte sobre o Reno, na Alemanha Ocidental.

Apresentado o tema para análise e desenvolvimento, uma das alunas rompeu em choro convulsivo, evidenciando tão impressionante mal-estar que se tornava impossível acalmá-la para a realização do trabalho.

O seu choro tornar-se-ia, aliás, contagiante e levaria à anulação do ponto, quando, instada pela professora, a referida aluna explicou o motivo da sua comoção, ao dizer:

— Esse emigrante era meu pai!

O efeito desta revelação foi de tal ordem, que as lágrimas brotaram de todos os olhos e toda a turma se ergueu espontaneamente, para acarinhar a pobre moça, que sofrera, abruptamente, a abertura de uma chaga adormecida.

Por fim, a professora suspendeu a aula, ficando sozinha com a jovem durante o tempo que se lhe afigurou necessário para acalmar com palavras de compreensão.

A jovem estudante, hoje com 15 anos, vive em Paredes com uns tios. O seu nome, não o conseguimos apurar. Mas o do pai, esse sabe-se: era Francisco António Gomes, cuja morte deu ensejo à notícia de sete linhas que suscitou, numa aula de Português o drama impressionante cuja descrição poderia ocupar todas as páginas de um livro.»

Para conhecimento do leitor eventualmente interessado em conhecer a crónica em questão, publicada pelo «DL» em Fevereiro de 1968, aqui a reproduzimos:

Notícia de 7 linhas

Deixou a mulher e os filhos e foi tentar a sorte pelo mundo.

O Francisco, o António, o Gomes, o Francisco António Gomes, o português de quem as agências internacionais há dias falaram. O homem simples, humilde, trabalhador anónimo, foi um dia notícia de jornal.

O Francisco não era apenas simples, mas também pai de dois filhos. O António não era apenas humilde: acreditava na sorte e tinha esperança. O Gomes não fôra só tentar a sorte: tinha 32 anos e coragem para viver a grande aventura da sua vida.

O Francisco António Gomes — podia ser Manuel, José, Silva, mas era Francisco, António Gomes — tinha juventude, coragem e esperança. Era português, a um tempo desesperado e descobridor de mundos.

E correu mundo. E venceu.

Construiu pontes, deu o seu esforço, melhorou a vida e aumentou a comodidade dos outros, lá longe. Também mandou uns francos aos seus, que ficaram cá. Para isso foi, afinal. Para melhorar a vida dos outros, lá longe, e da dos filhos e da mulher, na terra natal.

O Francisco teve sorte. Arranjou trabalho, ganhou francos, aumentou a esperança, ajudou os outros lá longe, ajudou os seus, na terra que o viu nascer, mas que não sabia que ele podia e sabia construir pontes.

Mas ele sabia. E lá estava o António no tabuleiro da ponte de Givors, sobre o Reno. Cheio de juventude. Cheio de alegria, e caminho da vitória.

«Quando tiver conseguido... lá para o mês de...» E o Gomes trabalhava com firmeza, audácia e confiança, olhando o Reno prateado.

Foi nessa altura que o Francisco António Gomes caiu. E com ele desabaram os sonhos, a esperança e o futuro que sonhara para os dois filhos que ficaram com a mãe.

A ponte ficou a mirar-se nas águas que levaram o corpo e o depositaram, serenamente, na margem por momentos perturbada na rotina.

O nome deste português que soube desafiar a sorte e encontrar o descanso eterno num berço líquido e prateado, deixou de ser anónimo, humilde e simples.

O sacrifício deste herói do quotidiano não foi de todo inútil. O seu corpo inerte, lavado pelas águas do Reno, foi envolvido por uma notícia de sete linhas, ao fundo da página 13 de um jornal da tarde.

MANUEL DE AZEVEDO

Pub

COOPERATIVA DE ENSINO ALMADA NEGREIROS

(C.E.A.N.) S.C.A.R.L.

RELATÓRIO DA COMISSÃO DIRECTIVA

Senhores Accionistas

1 Em conformidade com as determinações legais estatuárias, vimos a submeter à vossa apreciação o relatório, o balanço e conta «Ganhos e Perdas» referentes ao exercício do ano de 1976

A **PATRIMÓNIO**

Em virtude de não termos conseguido contactar nenhum dos proprietários da anterior firma «Francisco Peres Lda», a situação do património da C E.A.N é idêntica a de 1975

B **COMPRAS**

1 No objectivo de melhorar a qualidade das aulas práticas, nomeadamente na cadeira de **Físico-Químicas** comprou-se material de vidro e de electricidade para Física além de reagentes vários para Química

2 A fim de tornar mais eficientes as actividades não docentes, foram adquiridos: um aspirador e uma máquina de calcular «Facit»

oáquina de calcular «Facit»

C **EXCEDENTE DE EXPLORAÇÃO**

Em virtude, do exercício realizado em 1976 juntamente com o excedente positivo de 1975 ter sido insuficiente para cobrir o montante anual dos vencimentos dos trabalhadores, o saldo do exercício de 1976 é deficitário no valor de Esc: 130 021$60 Propomos que este saldo transite para o ano de 1977

Lisboa, 8 de Julho de 1977

Luís Machado de Abreu

Maria de Lurdes Fernandez da Luz Paula Alves

BALANCETE DE EXCEDENTEDE EXPORTAÇÃO

EXERCÍCIO 1976

CUSTOS		
Despesas com o pessoal		
Encargos sociais		
Caixa de Previdência	290 387$70	
Fundo de Desemprego	48 997$40	
Ordenados		
Pessoal da Secretaria	253 793$50	
Pessoal de limpeza	46.200$00	
Professores	1 503 227$50	2 142 606$10
Despesas gerais		
Conforme Balancete		406.744$50
Material didáctico		18 268$90
Impostos e taxas		
Imposto complementar	2 013$00	
Contribuição Industrial	22 372$00	24 385$00
Custo de Exercícios Anteriores		
13.º mês		139 960$00
Amortizações e Reintegrações		
Gastos plurienais	628$90	
Instalações	1.450$00	
Moveis e utensílios	2 122$20	4 201$10 2 736 165$60
PROVEITOS		
Serviços prestados	2 497 394$50	
Material didáctico	9 636$50	2 507 031$00
Diversos		
Proveitos acessórios		
Aluguer do bar	1 000$00	
Comissão de gestão	83 911$00	
Dif e excedentes diversos	14 202$00	99 113$00 2 606.144$00
RESUMO		
Proveitos		2 606 144$00
Custos		2 736 165$60
Resultado negativo		130.021$60

Lisboa, 31 de Dezembro de 1976

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

O exame regular das contas referentes ao exercício de 1976, foi executado em estreito contacto com a Comissão Directiva, tendo sido detectada uma diferença do saldo de caixa no montante de Esc: 1.900$00, resultante de diferenças entre os saldos diários e os respectivos depósitos. A esta diferença procurar-se-á dar solução na reunião de Assembleia Geral de Sócios a realizar

Analisámos também o relatório, balanço e contas submetidas à vossa apreciação cuja exactidão reflecte com clareza a vida da Cooperativa

Os critérios valorimétricos adoptados julgamos serem os mais convenientes.

Assim, somos de parecer

Que seja aprovado o relatório, balanço e contas apresentados pela Comissão Directiva

Lisboa, 8 de Junho de 1977

Nuno Manuel da Silva Gonçalves

Lucinda Rodrigues dos Santos Mendonça

Pub

CCT COMÉRCIO RETALHISTA

(LISBOA)

3.º PLENÁRIO DO SECTOR

Salão Nobre do Inst. Sup. Técnico - Dia 17.11.77
21 horas

Unidos na defesa dos nossos direitos e conquistas

Após 2 meses de negociações directas todas as cláusulas estão negociadas à excepção dos «pontos quentes» entre os quais referimos os seguintes:

Tabelas salariais
Diuturnidades
Retroactivos
Horário de Trabalho
Complemento do subsídio de Previdência
Subsídio de Turno
Vigência

Só a classe, unida e mobilizada, poderá impor uma negociação favorável, pelo que a tua presença neste Plenário é indispensável.

Lisboa, 7/11/77 **TODOS AO PLENÁRIO**

A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

EM FRENTE COM O CCT RETALHISTA

INICIATIVA SEM PRECEDENTES

Sadat formalmente convidado a visitar o Estado de Israel

Israel tomou hoje uma iniciativa sem precedentes ao convidar formalmente o presidente egípcio Anuar Sadat a visitar o Estado hebraico. Ontem o primeiro-ministro Menahem Begin declarou numa entrevista que estava disposto a receber Sadat no próximo dia 24. Por sua vez, o dirigente egípcio, que ainda não respondeu ao convite formal, declarou ontem numa entrevista que iria a Israel dentro de uma semana, se fosse convidado.

Este convite surgiu na sequência duma declaração bombástica proferida por Sadat no Cairo ao dizer que estaria disposto a tudo para garantir a paz, inclusive a deslocar-se ao Parlamento israelita.

Begin apresentou ontem perante o Parlamento hebraico a sugestão do convite a Sadat, tendo acrescentado que acolheria com agrado também as visitas dos dirigentes sírio, jordano e libanês. Por esmagadora maioria, os parlamentares israelitas aprovaram o convite a Sadat.

Hoje o presidente do Egipto encontra-se em Damasco, para conversações com Hafez Al Assad. Fontes diplomáticas, citadas pela Reuter, asseveram que Assad transmitirá a Sadat as suas preocupações perante os planos dessa visita a Israel, pois a Síria e outros Estados árabes tem em que o Cairo se decida por um acordo separado de paz, muito embora o Egipto tenha já garantido que o não fará. Enquanto os órgãos de informação egípcios têm dado grande destaque à eventual visita de Sadat a Israel (acrescente-se que os EUA foram os medianeiros escolhidos por Begin para a entrega do convite formal), os jornais sírios têm mantido praticamente um silêncio absoluto.

Círculos oficiais norte-americanos acolheram com muito agrado esta troca de amabilidades entre Sadat e Begin embora elementos da Administração Carter, referidos pela ANOP, duvidem que daqui resulte um acordo sobre o Médio Oriente.

Do lado árabe, porém as condenações são unânimes até ao momento. Assim o Congresso Geral do Povo da Jamahiria (Líbia) exánimou o desmoronamento da frente árabe perante o inimigo sionista, e, para tal, reuniu-se em sessão extraordinária à porta fechada.

Círculos palestinianos, citados pela Reuter, afirmam que o dirigente da OLP, Yasser Arafat, compartilha das preocupações de Damasco. Em Beirute os palestinianos da Saiqa condenaram violentamente a iniciativa egípcia, o mesmo tendo feito a coligação dos partidos progressistas do Líbano e o partido governamental iraquiano.

Entretanto, foi enforcado em Abu Dabi o autor do atentado contra os ministros dos Negócios Estrangeiros da Síria, Farouk Kaddimi e o dos Emiratos Árabes Unidos, Gobache. O último viria a morrer. O autor do atentado era um pedreiro palestiniano, Saleh Mohamed Khaled, de 29 anos.

Pinochet na defensiva

O peso das chamadas medidas de austeridade que o regime de Pinochet impôs ao povo chileno depois do golpe fascista tem sido inteiramente suportado, pelos trabalhadores, afirma um artigo do jornal londrino «Financial Times».

«Há uma subnutrição generalizada e cortes do Governo nas despesas com a saúde pública que, em 1975, não excedia os 55 por cento do que se gastava em 1972», continua o jornal, que afirma: «As despesas com a educação diminuiram em 41 por cento durante o mesmo período e, no próximo ano, o ensino secundário deixará de ser gratuito, tornando-o assim inacessível à enorme massa de crianças pobres do país».

Segundo o «Financial Times», esta situação fez aumentar a oposição ao regime, o que levou Pinochet a tomar uma posição defensiva.

Entretanto, a greve de fome efectuada este fim-de-semana, em Caracas, pelo antigo ministro democrata-cristão chileno do governo de Eduardo Frei, Jaime Castillo Velasco pode significar uma nova forma de oposição política ao regime chefiado por Augusto Pinochet.

Este é o comentário generalizado nos meios políticos não oficiais do Chile desde que Castillo Velasco, de 62 anos, decidiu tomar tal atitude, face à decisão da ditadura chilena de proibir o seu ingresso no país.

XÁ DO IRÃO NOS EUA

Casa Branca "em lágrimas" por causa das bombas de gás

Desde a guerra do Vietname não se via coisa igual nas ruas de Washington. A visita do xá do Irão encolerizou milhares de iranianos residentes nos EUA. Estes, já na segunda-feira, se tinham manifestado diante da Casa Branca e da residência dos «hóspedes ilustres», aos gritos de «xá, assassino», e «Liberdade para os presos políticos».

Nos recontros 92 pessoas, entre as quais 20 polícias, foram parar ao hospital. Um dos manifestantes tinha o crâneo fracturado. Entretanto, hoje as manifestações deverão continuar no mesmo ritmo.

Ontem, o gás das granadas lacrimogéneas lançadas para dispersar os «iranianos não ilustres» foi levado pelo vento para dentro da Casa Branca e, como resultado, na hora da recepção oficial, visitantes, visitados e demais «personalidades» choravam copiosamente. Mais tarde, dizia Carter: «Foi a minha primeira experiência com gás lacrimogéneo e espero que seja a última». À noite, o xá e a sua mulher tiveram que entrar por uma porta lateral da Casa Branca para comparecerem ao banquete oficial oferecido pela presidência dos Estados Unidos. Na troca de brindes, já refeito da choradeira da tarde, Carter diria que «não receamos o futuro quando temos amigos como este país». O xá retribui à altura. Dá-se como certo que, por trás de tantas amabilidades estão coisas como o preço de petróleo, (o Irão é um membro influente da OPEP) e a venda de mais 140 caças F-16 ao xá que, desde 1972, já comprou 18 biliões de dólares em armas norte-americanas.

Direitos humanos? Os funcionários dos EUA acham que Rheza Palhevi «fez alguns progressos», embora muito mais gente diga exactamente o contrário. Mas negócios são negócios...

Por outro lado, a secretária norte-americana do Comércio, Juanita Kreps disse ontem que as «desaprovações de último minuto» devidas a considerações da política externa dos EUA, já bloquearam vários programas conjuntos com a URSS, nomeadamente os que envolviam a participação de firmas estado-unidenses no desenvolvimento energético da União Soviética.

ESPANHA

Em perspectiva um novo fim-de-semana sem aviões

. Depois de três dias de greve no último fim-de-semana, que causaram aos cofres espanhóis um prejuízo de três mil milhões de pesetas, é possível que os aeroportos do país vizinho voltem a estar paralisados a partir da próxima sexta-feira. O comité de greve, apoiado pelo PSOE, PCE e centrais sindicais, e o Governo de Adolfo Suárez não chegaram a nenhum acordo e as posições mantêm-se irredutíveis.

O Governo argumenta que os aumentos salariais exigidos ultrapassam o «plafond» de 22 por cento estabelecido pelo «Pacto de Moncloa», mas os grevistas respondem que o «Pacto» não tem efeitos retroactivos e que, portanto, o Governo deve cumprir as promessas feitas anteriormente aos trabalhadores.

A greve dos funcionários da aviação civil está a causar, além de problemas serissimos ao turismo, graves tensões a nível de governo, pois existem ministros que não estão de acordo com o celebrado «Pacto de Moncloa» e tentam agora a sua não aplicação ou até mesmo a ruptura.

Uma outra greve que poderá ter consequências imprevisíveis é a dos médicos madrilenos, que aderiram ontem ao movimento desencadeado no passado fim-de-semana pelo pessoal hospitalar e das clínicas da segurança social espanhola, para exigir o aumento do número de trabalhadores, sem o que o volume das tarefas que devem cumprir é «insuportável». Um outro facto contribuiu para a adesão dos médicos: a violenta repressão policial sobre uma manifestação pacífica dos grevistas, na segunda-feira. O movimento estende-se a Sevilha.

Por outro lado, cerca de 15000 operários dos «Astilleros Españoles» estão a bloquear desde ontem a entrada de sete fábricas da sociedade, para protestarem contra a crise que atinge os estaleiros navais. Os trabalhadores lutam pelo pleno emprego e pela sua participação na gestão das empresas do sector.

Entretanto, no primeiro dia da sua visita aos Estados Unidos, o secretário-geral do PCE, Santiago Carrillo, foi vaiado por um piquete de greve dos empregados de restaurante e mulheres da limpeza da Universidade de Yale, onde entrou para dar uma conferência de Imprensa após furar o cordão de entrada do prédio. Os trabalhadores haviam escrito uma carta a Carrillo, pedindo-lhe que adiasse a visita para não prejudicar o seu movimento. Inclusive Gus Hall, presidente do PCUSA diligenciou neste sentido, o que não deu resultado. Chamado de «amarelo» (termo empregado nos EUA para designar os «furadores de greve») teve de ouvir este comentário do dirigente sindical Vincent Spirella, que recusou encontrar-se com ele: «É curioso ver um comunista ir para a cama com a Universidade de Yale enquanto os trabalhadores estão em greve...»

. Por outro lado, o líder socialista, Felipe Gonzalez, está em Detroit, a cidade dos automóveis, onde vai encontrar-se com trabalhadores do sector e líderes sindicais. Do seu programa durante a visita aos EUA constam encontros com Walter Mondale e Cyrus Vance.

«Assim é que eu vos ensino...» (Liberation News Service)

Inflação superior à portuguesa

A Espanha conheceu em fins de Setembro deste ano a mais forte taxa anual de aumento dos preços e de inflação de todos os países da OCDE: 29,5 por cento.

Esta taxa é superior à de Portugal, que foi no mesmo período, de 28,9 por cento. Estes números são revelados num estudo publicado hoje pelo quotidiano El País».

Os preços, durante estes últimos doze meses aumentaram em Espanha tres vezes mais do que os preços da Comunidade Europeia.

TELEX TELEX TELEX

DESARMAMENTO . A Assembleia Geral da ONU aprovou duas resoluções visando travar o desenvolvimento de novas armas de destruição maciça. Uma das resoluções votadas notava que em 1948, a ONU definira armas de destruição maciça como aquelas de efeito destrutivo comparável ao das bombas atómicas e de hidrogénio ou armas químicas e biológicas letais. A moção convida todos os Estados a deixarem de desenvolver novas armas desse tipo, baseadas em novos princípios científicos. Pede também aos governos para aplicarem descobertas científicas em benefício da humanidade. A segunda resolução solicita à conferência da Comissão do desarmamento (CCD) que elabore o texto de acordo destinado a proibir o desenvolvimento e fabrico de novos tipos e sistemas de armas. Convida também os Estados a absterem-se de acções que poderão obstruir negociações internacionais visando chegar a tal acordo.

AUMENTOS SALARIAIS Ouase nove milhões de trabalhadores soviéticos da educação, saúde e outros sectores vão receber aumentos salariais de 18 por cento, em média, a partir do início do próximo mês, anunciou a TASS.

CUBA-EUA . Cuba e os Estados Unidos voltarão a reunir-se, em Havana, numa nova ronda de conversações informativas acerca das possíveis relações comerciais entre os dois países. A delegação cubana será constituída pelo vice-presidente do Conselho de Estado, Carlos Rafael Rodriguez, treze ministros e altos funcionários. Mais de cinquenta empresas internacionais radicadas na América do Norte, estarão representadas por oitenta dirigentes.

GRÉCIA . O primeiro-ministro grego, Constantino Karamanlis, afirmou numa entrevista que concedeu ontem, à noite, que espera ganhar as eleições gerais no seu país, no Domingo, por uma maioria confortável.

ÁFRICA DO SUL

Fogo branco sobre mil negros

. A Polícia abriu hoje fogo, na Cidade do Cabo, sobre uma multidão de cerca de mil negros que se manifestavam contra a discriminação racial.

Seis negros foram levados para o hospital com ferimentos de bala – declarou um informador da Polícia.

Os distúrbios localizaram-se no bairro negro de Langa.

Reforços da Polícia intervieram rapidamente, mas em vão.

Palavras do major-general Theo Bisschoff, comissário da Polícia para o Cabo ocidental:

«Os distúrbios continuam ainda e há vários polícias na área».

A Polícia isolou o bairro e montou barreiras nos seus dois principais acessos.

Entretanto, em Moscovo, num encontro realizado com os embaixadores e representantes diplomáticos dos países africanos acreditados naquela capital, Ignati Novikov vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS e presidente do Comité Organizador da «Olimpíada 80», declarou que os representantes dos regimes racistas da África do Sul e da Rodésia não serão admitidos nos Jogos Olímpicos de Moscovo.

Novikov propôs ainda o alargamento do COI (Comité Olímpico Internacional), através da filiação de novos Comités Olímpicos dos países em vias de desenvolvimento da África, Ásia, e América Latina, medida que, nas palavras do ministro, «viria a contribuir para a democratização do movimento olímpico internacional».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

TEM BOM GOSTO?

Visite a nossa exposição de mobiliário de vários estilos, jogos de maples, lustres, candeeiros, biblots, quadros a óleo e grande variedade de artigos decorativos

Galeria Actual – Móveis e Decorações

AVENIDA DA REPÚBLICA, 12 (JUNTO SALDANHA)

TEATRO
ABC
TELEFONE 36 67 45
Hoje. às 20.30 e 22.45 h
Domingos e Feriados há matinées às 16 horas
SÉRGIO DE AZEVEDO
apresenta o
ESTRONDOSO ÊXITO
DA POPULAR REVISTA
Ó DA GUARDA

OCTÁVIO e JÚLIO CÉSAR em «O Jácome» e «O Estivador»
Anabela
Octávio de Matos
Herman José
Natália de Sousa
Fernanda Borsatti
Júlio César
Vasco Rafael
BALLET
ABC DANCER'S

Casa da Cultura da Zona Oriental de Lisboa
CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE SINDICALISMO
9 Novembro
DANIEL CABRITA
«O Sindicalismo em Portugal, depois do 25 de Abril»
16 Novembro
ANTÓNIO VENTURA
«O movimento sindical rural em Portugal»
24 Novembro
CESAR OLIVEIRA
«História do Sindicalismo em Portugal»
As 21.30 horas
R. António Maria Pais, 6-A
Moscavide — T. 2515007

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Volta meu amor" de Maurice Dugowson

FICHA:
Título original: Lily Aime-Moi
Realização: Maurice Dugowson (França-1974/75)
Argumento e diálogos: Michel Vianey
Fotografia (Eastmancolor): André Diot
Música: Edgardo Canton
Montagem: Cécile Decugis
Interpretação: Rufus (**Claude**), Jean-Michel Folon (**François**), Patrick Deware (**Johny**), Zouzou (**Lily**), Jean-Pierre Bisson (**irmão de Flo**), Juliette Greco (**Flo**), Roger Blin (**pai de Lily**), etc.
Distribuição em Portugal: Exclusivos Triunfo
Cinema: Apolo 70
Classificação: Não acons. men. 13 anos
Duração: 100 minutos

É um facto: o cinema europeu está em crise. Afora meia dúzia de consagrados, alguns deles semimarginais, a produção corrente não é de moldes a deixar muitas esperanças nem a provocar muita polémica. Não que os realizadores não tenham aquela precisão técnica indispensável; não que os actores estejam em maré baixa; não que os técnicos ou a indústria andem em saldo ou em falência. Nada disso. Simplesmente uma onda dé dizer coisa nenhuma, por entre cortinas de fumo de vários matizes, parece estar a paralisar o cinema europeu na última metade de uma década que começou da melhor maneira.

Veja-se o caso de **Volta Meu Amor**, um filme simpático e bem feito, dotado de actores potencialmente produtivos, com um argumento interessante, uma realização bem articulada ritmicamente, mas onde o humor se esfarela, onde uma fraterna e feliz solidariedade se empapa, onde se acaba a pesquisar restolho ceifado, ingloriamente.

Como se muitas (e boas) ideias não interessassem aprofundar, Dugowson limita-se a uma sucessão epidérmica de **gags** e situações rezoavelmente divertidas onde sobra o desejo de agarrar o espectador a um primeiro grau e onde falta a capacidade de aproveitar esse facto para o conduzir seja aonde for.

E depois, este eterno tema da solidariedade amigável entre alguns homens (onde as mulheres são sempre o contraponto e o assunto centrais) começa a cansar de tão explorado que o filão está, para o melhor (**Tão Amigos que Nós Éramos** de Scola) e para o pior (**As Belas Mulheres dos Outros** de Yves Robert). E depois esta aproximação pelo humor à flor da pele e pela desenvoltura, já foi tentada (e com êxito) pelos cineastas helvéticos (Tanner, sobretudo) com suficiente força e percutência para que agora seja, desajeitadamente, recomecada.

E é por isso que, entre um certo sorriso e algum fastio, é este último sentimento que acaba por tomar pé. Nem lamentável nem importante, este filme de Dugowson acaba por se situar na simples esfera da vulgaridade. Daí à mediocridade é um passo que os intérpretes (Rugus, Zouzou, Deware, Folon, Greco e Miou-Miou uma meteórica mas fulgurante aparição) não deixam que se dê. Mercê de um brilhantismo que o torna o filme suportável, por vezes com lampejos de inventiva, mas que o não faz sair do parâmetro da mediania sem consequências.

"Rocky" de John G. Avildsen

FICHA:
Título original: «Rocky»
Realização: John G. Avildsen (USA-1976)
Argumento: Sylvester Stallone
Fotografia: James Crabe
Música: Bill Conti
Cenários: James H. Spencer
Montagem: Richard Halsey
Interpretação: Sylvester Stallone (**Rocky**), Talia Shire (**Adrian**), Burt Young (**Paulie**), Burgess Meredith (**Mickey**), Carl Weathers (**Apollo**), Joe Spinelli (**Gazzo**), etc.
Distribuição em Portugal: Rank/United Artists
Cinemas: ABCine, Estúdio e S. Jorge
Classificação: Não aconselhável men. 18 anos
Duração: 119 minutos

Eis-nos, portanto, perante o «melhor filme do ano», segundo o critério da Academia de Hollywood no ano do bicentenário. Eis que John G. Avildsen, funcionário menor do cinema, se vê consagrado com o Óscar da melhor realização. Ao assistirmos a **Rocky** é fácil perceber-se que, queiramos ou não, é na esfera da ideologia que se vão buscar os fundamentos de tais prémios.

A história da produção deste filme é, aliás, exemplar: Sylverter Stallone, ilustre desconhecido, propõe aos produtores um argumento que, diz-se, ninguém quer aceitar. Encontrando, por fim, quem o financie é a um realizador menor que é entregue o cargo de o dirigir e, à falta de actores que queiram aceitar o papel, acaba por ser o próprio Stallone a protaginizar o filme. E é o sucesso. Esta é a «história oficial» de **Rocky**. Que, de resto, se mimetiza extraordinariamente com a história que o filme narra.

A América, terra das oportunidades onde cada um tem sempre uma hipótese de triunfar na vida (segundo a ideologia dominante), premeia no ano do seu bicentenário o filme que fala disso mesmo, na tela e fora dela.

Rocky é a história de um pugilista falhado com quem, um belo dia, o campeão do Mundo propõe discutir o título; a história de um quase marginal, vivendo entre combates de 3.ª categoria e um «emprego» como homem duro de uma espécie de gangster, que consegue vencer na vida graças à perseverança, ao esforço individual, aos «méritos próprios», o zé-ninguém que parte ao combate contra a máquina de um consagrado, o seu dinheiro, a sua força, a sua fama. E, embora não vença, consegue o impossível: aguentar 15 assaltos (coisa inédita) e perder aos pontos por 8-7. É a consagração, a fortuna (150 000 dólares), a conquista da mulher amada e a satisfação interior.

Como se vê, **Rocky** não é um filme que prime pela inteligência, pela subtileza: é descarada propaganda a toda aquela mitologia individualista que escamoteia como se organizam as sociedades capitalistas. É um filme que não esconde um velado racismo. Um filme onde até o gangster acaba por ajudar o «rapaz», desinteressadamente. Um filme abertamente reaccionário.

E, no entanto, há algo de patético, de muito forte, no personagem de Rocky Balboa. Algo de terrivelmente humano, onde se projectam muitas das frustrações do espectador, algo que faz com que Rocky deslize do estereótipo do «herói» que o filme propõe e o faz navegar em águas bem menos turvas e bem mais interessantes. Isso se deve, em grande parte, à personalidade de Sylvester. Stallone que incarna o seu personagem com uma rara

solidez, um monolitismo algo misterioso, um rosto de batido», de **looser**, sem miserabilismo mas com uma inequívoca carga de realismo.

É, de resto, evidente que Stallone não encontrou realizador à sua altura nem argumentista que lhe soubesse limar as arestas. E que, por isso, **Rocky** navega quase sempre por águas mornas, onde faltam violência e ternura exacerbadas (onde faltam, portanto, extremos fortes que um melodrama como este necessitaria). **Rocky** não tem nem a humildade tosca e certeira da série B nem os apuros de uma cuidada produção. É um filme a meio gás que, sem Stallone e sem Talia Shire, seria de uma confrangedora mediocridade.

Há filmes extraordinários de direita. **Rocky** não o chega a ser.

TRINDADE
INATEL
APRESENTA
Nos dias 18 e 19 às 21.30
e no dia 20 às 16 horas
o CENTRO CULTURAL DE ÉVORA
e o
TEATRO DE ANIMAÇÃO DE SETÚBAL
com o oiginal de
WILLIAM SHAKESPEARE
«MEDIDA POR MEDIDA»
3 ÚNICAS REPRESENTAÇÕES
BILHETES À VENDA

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ
telef. 77 09 69
grupo 4
APRESENTA
A SÁTIRA MUSICAL
OS MACACÕES
de ARY DOS SANTOS AUGUSTO SOBRAL FERNANDO TORDO PAULO DE CARVALHO e PEDRO OSÓRIO
encenação de MORAIS E CASTRO
Subsídio da S.E.C.
13 anos
COM:
HENRIQUETA • RUI
PAULO • TORDO
LUÍSA • CSÓRIO
GOMES • CAVACO
3.as, 4.as e 5.as-feiras: às 21.45
6.as-feiras: 20.30 e 22.45
Sábados: 15.30, 20.30 e 22.45
Domingos: 15.30 e 20.30
UM ESPECTÁCULO INDISPENSÁVEL

Filmes Lusomundo
LEÃO DE S. MARCOS FESTIVAL DE VENEZA
MEDALHA DE OURO FESTIVAL DE MANNHEIM
um filme de PETER FLEISCHMAN
CENAS DE CAÇA NA BAIXA BAVIERA
«Jagdszenen aus Niederbayern»
com
MARTIN SPERR
ANGELA WINKLER
(Katharina Blum)
HOJE ESTREIA ÀS 21.30
Berna
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

ASTÓRIA FILMES
Ela forçou o filho do marido a cometer o maior dos pecados!
CROWN INTERNATIONAL PICTURES

A MADRASTA
Alejandro Rey · John Anderson · Katherine Justice
Marlene Schmidt · John D. Garfield
Realizador Hikmet Avedis
Música Sammy Fain
HOJE ESTREIA
N/acons men 18 anos Às 21e15
ODEON

A C. P. INFORMA:

Bilhetes de Família

Com início em 1 de Novembro, vai a C. P. permitir aos Senhores Passageiros a aquisição de Bilhetes de Família a preços mais convidativos.

Aconselha-se pois a sua informação, através das Estações e Secções de Informação.

Canal da Crítica

Mário Castrim

ASSOCIAÇÕES FASCISTAS, OU A ARTE DE FUGIR COM O RABO À SERINGA

Era uma vez uma rubrica chamada MOSAICO a qual pensou organizar mesa-redonda para apresentação e discussão das leis relativas às organizações fascistas.

Vai daí, reuniu os representantes do CDS (Lucas Pires), PSD (Helena Roseta), Nuno Godinho (PS) e Jorge Leite. Para moderador, escolheu-se o jornalista Vítor Silva Lopes que, muito delicadamente, deixou falar, longamente falar, o CDS; que muito delicadamente permitiu a Helena Roseta que abusasse da palavra; que menos delicadamente interrompeu Nuno Godinho; e que nada delicadamente retirou a Jorge Leite o direito que lhe competia de falar.

Jorge Leite sorria, com infinita piedade, sorria como se assistisse a brincadeiras no Parque Infantil. Que mais podia ele, realmente, fazer?

CONVERSAR OU DESCONVERSAR?

A propósito do conteúdo das leis, da necessidade das leis, do seu significado na terra portuguesa, muito havia a dizer.

Pelo que Lucas Pires disse tou nas nuvens jurídicas e Helena Roseta aproveitou para fazer campanha por Sá Carneiro. Nuno Godinho referiu a competência dos tribunais. Jorge Leite: mas, meus senhores, não chegamos a lado nenhum, com essas generalidades. A verdade é que as actividades fascistas, são um facto. Logo...

Logo, Lucas Pires acentuava não sei quê os totalitarismos e por exemplo, durante o PREC... Helena Roseta dizia que na União Soviética, toda a gente sabe que... Nuno Godinho referia à competência dos tribunais. Jorge Leite, esse, teimava no perigo que para a democracia portuguesa representavam as associações que difundem a ideologia fascista, estavam ali para falar disso.

Após o que Lucas Pires falava de democracia, recordava com ironia **uma coisa que até também existe na Etiópia e se chama Conselho da Revolução**. Helena Roseta opta pela persuasão, pela pedagogia, sim, porque não é pela violência, o cagente quer é uma democracia de diálogo, de tolerância. Nuno Godinho referia a competência dos tribunais enquanto Jorge Leite voltava a lembrar que estavam ali para falar das leis sobre a repressão da ideologia fascista organizada.

De repente, a rubrica terminou. Jorge Leite, sem poder falar, conforme lhe competia, ficou-se a sorrir. Com infinita piedade pelas traquinices «democráticas».

A ELOQUÊNCIA DA TRADIÇÃO

A direita não gosta de se apresentar como direita. Como se tivesse o horror de se ver ao espelho. Ela sabe que, em Portugal, neste momento ser da direita não compensa tal como acontece com o seu outro irmão, o crime. É que a cama do defunto ainda está quente...

A palavra-chave é a **democracia**. O CDS é **democrata**, o PPD é **democrata**, e talvez venham um dia provar isto pela sua resistência ao fascismo. As suas direcções, se procurarmos bem, são constituídas por mártires, guerreiros e santos, longa fila de mortos seus vai de Tarrafal a Caxias e a Peniche.

Roseta, fin Roseta, diz bem alto: **o PSD não é um partido do capital**. Certo, não recordou as tradições de luta à frente dos trabalhadores durante o fascismo somente por falta de tempo, sempre com o Lopes a atenazá-la. «Desculpe... abrevie». Senão, ah!, veriam as grandes jornadas de luta do PPD desde 1926 aos nossos dias, passando pelo 28 de Setembro e pelo 11 de Março.

A prova do que afirmou Roseta está na Lei do Arrendamento Rural proposta pelo PPD. Este tomou aí a defesa dos rendeiros pobres contra os senhorios ricos. Quando arregaça as tranças, perdão, quando arregaça as mangas, o PSD/PPD é assim...

PARÊNTESIS (I)

A verdade é que a tentação da Direita pela democracia é terrível. Pois se até os seus antepassados se consideravam uma **democraccia orgânica**...

PARÊNTESIS (II)

Daí que a direita goste, muito organicamente, de encher a boca, com a palavra **democracia** __ a democracia do amor, do **diálogo** e da **tolerância**, já vimos, e neste caso de **democracia de tolerância** fica-lhe a matar. Com tantas casas da especialidade, a «democracia» capitalista não podia ser outra coisa.

..E NA PRÁTICA?

Claro que não quero jogar com as palavras. Reconheço que posso até estar a ser injusto com tais gravosas palavras.

O PPD e o CDS são partidos democráticos? São! O PPD e o CDS têm música? TÊM!

Pois tem. A prática está certa. Confere. Vejam a liberdade que se goza na Madeira e nos Açores. Tudo sossegado, nem bombas, nem atentados, nem nada. Todos os partidos podem trabalhar à luz do dia e tudo. Uma festa, uma alegria.

Vejam em Portugal, nos concelhos onde predominam ainda o PPD e o CDS. Liberdade, alegria, compreensão, poder popular. Bombas? Sim, mas só as de tirar água.

Nas manifestações fascistas, desde a homenagem a Spínola, até outras homenagens mais do nosso tempo, não se vê um único pepedê, um único cedeesse, para a mostra. Ficaram todos em casa a admirar a telegenia do Blanco e a eloquência das direcções sindicais fechadas da «Carta Aberta».

Quanto a atentados bombistas, quanto á rede terrorista, nada de pepedês nem cedeesses. Gente pacada, não se mete nessas coisas. Gostam é de falar com palavras bonitas (amor, compreensão, diálogo, tolerância...) como se viu com Helena Roseta e Lucas Pires. Mas ninguém lhes pode levar a mal, ora essa, até lhes fica bem.

Ligações com o passado fascista ninguém lhes pode apontar. Estão disso mais virgens que as onze mil, e olhem que é difícil. Aliás, o passado não interessa. Que chatice, o passado. Deixem lá o passado, que raio de mania essa de estarem sempre a falar do passado. O que passou, passou, o PSD e o CDS são organizações voltadas para o futuro. Para elas, bem passado só o bife. De lombo.

Do lombo dos trabalhadores, se eles estiverem pelos ajustes. Mas desconfio que não.

PARÊNTESIS (III)

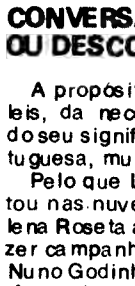
Eu podia ficar para aqui a glosar as delícias da democracia capitalista, longo tempo. Ah, Dona Roseta, eu também acho que a democracia soviética é uma totalitária do quilé. Lá não há o direito ao voto, o direito ao pão, o direito ao trabalho, tudo isso, enfim, de que gozamos no resto do mundo. Oh Dona Roseta, aquilo por lá é uma coisa! Pois claro, seja anticomunista à vontade. Aliás

Continua na pág 18

ÁDÓQUE teatro

QUATRO MESES DE GARGALHADAS

ÓCALINAS CALA A BOCA!



Uma Revista de VIVER a Rir !...

NICHOLSON
HENRIQUE VIANA
MAGDA
MARIA TAVARES
FÁTIMA VELOSO
FERNANDO OLIVEIRA
MARIA N'ZAMBI
VASCONCELOS VIANA
CARLOS QUEIRÓS

no MARTIM MONIZ
TODAS AS NOITES
às 20.30 e 22.45
«MATINÉES»
AOS DOMINGOS
M/18 Anos ☆ T. 874476

BREVEMENTE
A FESTA DA MALTA
EXCLUSIVAMENTE PARA CRIANÇAS

R. Ten. Raul Cascais, 1-A
Tel. 661515, 669205

teatro do bairro alto

5.º MÊS
Só até ao fim do mês
Todas as noites às 21.45
Sábados às 18 e 21.45 h
Domingo, só às 18 h
Subsídio da SEC

HOJE ÀS 18 HORAS
LEITURAS
DIRECTA
de Nuno Bragança
apresentação de Manuel Gusmão

Pub

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Mafra

a cargo da licenciada em Direito

Maria José Pimentel Piqueira e Silva

Certifico para efeitos de publicação que no dia 2 de Outubro corrente, de fls. 64 v.º a fls 67, do Livro A-108, para «escrituras diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual Duarte da Silva, solteiro, maior, natural da freguesia de Santo Isidoro, deste concelho, onde reside no lugar da Pedra Amassada, justificou que, com exclusão de outrém, ser dono e legítimo possuidor, dos seguintes imóveis: _ a) _ Prédio urbano composto de casa para adega com lagar de vara, 4 compartimentos para habitação e sótão, com a área coberta de 98 m2 e pátio com a área de 34 m2, sito no indicado lugar da Pedra Amassada, que confronta do norte e poente com serventia, do sul e nascente com herdeiros de José da Silva Gomes; inscrito, na respectiva matriz urbana, sob o artigo 425, com o rendimento colectável de 195$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 3900$00 _ b) _ Prédio urbano composto de casa com 2 pavimentos, tendo 3 divisões no rés-do-chão e 2 no 1.º andar, com a área coberta de 40 m2, cavalariça e palheiro com a área de 78 m2 e pátio com a área de 24 m2, sito no mencionado lugar da Pedra Amassada, que confronta do norte, nascente e poente com herdeiros de José da Silva Gomes e do poente com caminho; inscrito, na respectiva matriz urbana, sob o artigo 426, com o rendimento colectável de 389$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 7780$00 _ c) _ Prédio urbano composto de casa de um só vão para arrecadação, com a área coberta de 28 m2, sito no indicado lugar da Pedra Amassada, que confronta do norte, nascente e poente com herdeiros de José da Silva Gomes e do sul com caminho; inscrito, na respectiva matriz urbana, sob o artigo 452, com o rendimento colectável de 49$00, de que resulta o valor matricial e atribuído _ de 980$00. _ d) _ Prédio rústico composto de cultura arvense e eira, com a área de 20625 m2, denominado «Vale Cortiço», sito na mencionada freguesia de Santo Isidoro, que confronta do norte com António Romão Duarte, do sul com caminho, do nascente com Miguel da Silva e outros e do poente com caminho e outro; inscrito, na respectiva matriz cadastral, sob o artigo 228-Secção O, com o rendimento colectável de 599$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 11980$00 _ e) _ Prédio rústico composto de cultura arvense, oliveiras, vinha, horta e casa, com a área de 7497 m2 denominado «Pedra Amassada», no sitio do mesmo nome, da referida freguesia de Santo Isidoro, que confronta do norte com caminho, do sul com regueira, do nascente com Adriano Batalha e do poente com Luís dos Reis; inscrito, na respectiva matriz cadastral, com o artigo 236-Secção O, com o rendimento colectável de 1142$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 22 840$00 _ f) _ Prédio rústico composto de vinha, com a área de 3937 m2, denominado «Moinhos da Pedra Amassada», sito na mencionada freguesia de Santo Isidoro, que confronta do norte e nascente com Domingos da Cunha Machado Pereira, do sul com Elisiário Dionísio e do poente com José Gregório e outros; inscrito, na respectiva matriz cadastral, sob o artigo 26-Secção I, com o rendimento colectável de 1349$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 26 980$00 _ g) _ Prédio rústico composto de vinha, oliveiras e casas, com a área de 2125 m2, denominado «Pedra Amassada», no sítio do mesmo nome, da aludida freguesia de Santo Isidoro, que confronta do norte, sul e poente com caminho e do nascente com Simplício Duarte Franco; inscrito na respectiva matriz cadastral, sob o artigo 237-Secção O, com o rendimento colectável de 202$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 4040$00 _ h) _ Prédio rústico composto de cultura arvense e eira, com a área de 3375 m2, denominado «Pedra Amassada», no sítio do mesmo nome, da freguesia de Santo Isidoro, já referida, que confronta do norte e nascente com Artur Salvador Batalha, do sul com caminho e do poente com Augusto da Silva e outro; inscrito, na respectiva matriz cadastral, sob o artigo 252-Secção O, com o rendimento colectável de 77$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 1540$00.

Que os referidos prédios encontram-se omissos, na competente Conservatória do Registo Predial e, conquanto, não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que o outorgante Duarte da Silva possui os referidos imóveis, há mais de 30 anos, com exclusão de outrem e de boa-fé, pelo que os adquiriu por usucapião _ E CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e, certificaria parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever

Mafra, 2 de Novembro de 1977

O Ajudante,
(Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado)

Hoje

Algumas caras conhecidas da Fotonovela que hoje termina na TV

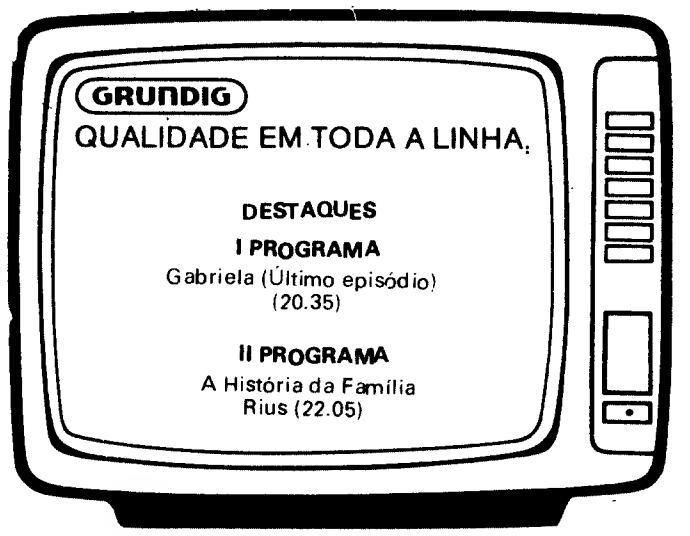
I PROGRAMA

18.30 Abertura. Telejornal 1.ª edição.
18.35 O Circo Pepinelo
18.55 Abre-te Sésamo
19.25 Caminhos do Futuro _ O que Ícaro não sabia II»
20.00 Telejornal _ 2.ª edição.
20.35 Gabriela Último episódio da telenovela baseada no romance Gabriela, Cravo e Canela» de Jorge Amado.
21.15 Boletim Meteorológico
21.20 Yuma _ Intérpretes: Clint Walker, Barry Sullivan, Edgar Buchanan, Kathryn Haye. Realização: Ted Post.
22.55 Telejornal 3.ª edição.
23.15 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 Telejornal _ 2.ª edição.
21.30 Gabriela (Repetição).
22.05 A História da Família Rius. 3.º episódio. Intérpretes: Fernando Guillen, Maribel Martin, Victoria Vera, Emilia Gutierrez Caba, Ramiro Olivero. Realizador: Pedro Amalio Lopez.
23.10 Fecho.



Amanhã

1.º Período

Das **9.15** às **10.30** Ano Propedêutico

2.º Período

13.30 Ciclo Preparatório TV; **18.10** Fecho

3.º Período

18.30 Abertura e Telejornal _ 1.ª edição, **18.35** Os Paladinos; **18.55** Aventura dos Hardy; **19.30** Tropicália; **20.00** Telejornal 2.ª edição; **20.35** Tropical contra Gabriela; **21.05** Boletim Metereológico; **21.10** Vamos jogar no Totobola **21.25** Rubens e o seu tempo; **21.50** Colditz; **22.50** Telejornal 3.ª edição **23.15** Fecho

II PROGRAMA

21.35 Gabriela (Repetição); **22.10** Uma noite em Veneza-opereta em 3 actos; **23.45** Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Colectividades de utilidade pública: regalias e isenções fiscais

Já foi publicado, no «Diário da República», o Decreto-Lei n.º 460/77, que regula o processo de reconhecimento «de utilidade pública» de colectividades.

Como se sabe, até aqui não existiam quaisquer normas que pudessem ser utilizadas na definição dessa condição, pelo que, a partir de agora, passa a vigorar um método uniforme e relativamente simples, possibilitando às associações que forem declaradas «de utilidade pública», usufruirem algumas regalias de grande interesse.

Entretanto, o Governo enviou à Assembleia da República uma proposta de lei que complementa o referido Decreto-Lei, propondo a concessão de diversas isenções fiscais às pessoas colectivas «de utilidade pública».

É evidente que estas medidas tendem a solucionar um velho problema (o da concessão de subsídios) uniformizando, no futuro, um critério sempre muito controverso, porquanto as regalias e isenções fiscais serão idênticas e constituem, sem sombra de dúvida, uma forma bastante concreta de apoio às colectividades do nosso país.

Para além da raia

ÊXITO CUBANO

Os pugilistas cubanos venceram sete dos 11 combates de boxe disputados com uma equipa dos EUA, em Houston (Texas).

TRIUNFO NORTE-AMERICANO

Uma turma de nadadores dos EUA (representando Mission Viejo, Califórnia) venceu sete das 10 provas de natação realizadas com uma equipa nacional soviética.

POSIÇÃO OLÍMPICA

Em declaração oficial, o vice-presidente do Conselho de Ministros da União Soviética declarou que a URSS veta, para os Jogos Olímpicos de 1980, a intervenção da África do Sul e da Rodésia.

BUMBEL DE VOLTA

O nosso conhecido Otto Bumbel é o novo técnico do Málaga. O brasileiro, que esteve vários anos na «prateleira», voltou às lides comandando o Málaga na sua primeira vitória da temporada (1-0 sobre o Huelva, para o campeonato deEspanha).

Secretariado das Colectividades de Almada advertido

Com assinatura de Almerinda Teixeira, presidente em exercício do Ginásio Clube do Sul (de Cacilhas) recebemos o seguinte ofício-esclarecimento:

«Na rubrica «Como vão as coisas» publicou o «Diário de Lisboa», na sua edição de 5/11/77, uma notícia referente às comemorações, em Almada, do 60º aniversário da Revolução Socialista, que teriam sido promovidas pelas colectividades do concelho com a participação da Câmara Municipal.

«A este propósito parece-nos necessário esclarecer o segunte:

..«Nem todas as colectividades foram contactadas nesse sentido de dar o seu apoio à iniciativa. Está neste caso o Ginásio Clube do Sul, a maior agremiação gimnodesportiva da região e uma das maiores do País.

«Assim, consideramos necessário chamar a atenção do Secretariado das Colectividades do concelho de Almada para que, no futuro, não se repitam erros deste tipo e se acabem duma vez para sempre com práticas discriminatórias que desacreditam quem as pratica.»

SITUAÇÃO ALARMANTE

Académico de Coimbra: casa onde não há pão...

. Descendente, em linha recta, da tradição e da história da Académica de Coimbra, o Clube Académico vive hoje o mais difícil momento da sua vida. O seu passivo é da ordem dos 2249 contos. O défice, inflexível, continua a subir: a 30 de Abril de 1978 poderá atingir os 5250 contos. Por agora, ainda se vai arranjando algum dinheirito para as despesas urgentes: em Dezembro, a coisa está pior, pois as contas mais optimistas já imaginaram que 585 contos vão avolumar o prejuízo de gerência.

Na verdade a crise é muito grave. O futebol, por exemplo, que é a base da recolha de fundos do Clube Académico de Coimbra, resvala para o zero absoluto, sem que se compreenda como foi possível no próprio terreno conimbricense, a eliminação da Taça face ao modestíssimo Desportivo das Aves. Tampouco entender os escassos dois pontos que, ao fim de sete jornadas do campeonato, são magro e pobre pecúlio do «team» dirigido por Juca.

O estilo futebolístico da Académica, criado por Cândido de Oliveira e imposto por Pedroto e Mário Wilson, desapareceu totalmente e transforma-se, na actualidade, num emaranhado de pontapés à toa, que nem defendem a cobertura da sua baliza, nem visam o insidioso ataque às malhas contrárias, que era apanágio dos «pardalitos do Choupal».

Hoje, não existe uma equipa: há um molho de rapazes desmotivados, tremendo em nervos, sem saberem que fazer à vida, de cada vez que têm de entrar em campo com a camisola do Académico. É a hora em que se exige a mais serena das reflexões, e por banda dos responsáveis directos, a inquirição rápida das razões de uma situação absurda e, pelo menos para quem mora fora dos bastidores sem causa aparente e válida.

Dir-se-á que o Académico não tem terreno para treinar, que não se preparou (em matéria de arcaboiço físico) para a luta no campeonato, que efectuou pouco jogos particulares no período pós-defeso, que não tem estágios, que não há dinheiro em cofre nem tampouco, capacidade para o conseguir mesmo a médio prazo. Mas, será que isto, junto ou separado, fez morrer a mística, o espírito, o entusiasmo que caracteriza cada apresentação em cena de um «team» de futebol que cativava todas as plateias?

. Esclareça quem puder. Milhares muitos milhares de admiradores do futebol académico, andam sem saber que responder a si próprios.

NEVES DE SOUSA

ISU - IMOBILIÁRIA, SARL

Relatório, Balanço e Contas e Parecer do Conselho Fiscal – Exercício de 1976

Relatório do Conselho de Administração

Senhores Accionistas,

As contas do exercício patenteiam a reduzida expressão da actividade social, o que, como é do conhecimento dos senhores accionistas, não foi motivado por factos adversos que tenham condicionado a gestão do ano findo, antes por razões já apontadas nos relatórios dos anos anteriores, e que se prendem com a oportunidade do prosseguimento dos objectivos para que a sociedade foi criada.

Não se tendo verificado no exercício findo a extinção do quadro do pessoal da empresa, os gastos mais significantes reportam-se a despesas com a sua manutenção, e, em contrapartida, os únicos proveitos alcançados, aliás de reduzido montante, têm origem no reembolso de encargos de pessoal despendidos em 1975

Estamos convictos que as diligências em curso conduzirão à solução daquele problema, cabendo então às empresas accionistas deliberar sobre o futuro da sociedade, sendo certo que no capítulo do passivo não existem problemas de monta a encarar.

Apresenta a conta de resultados um saldo negativo de 173 176$50, que propomos transite para o exercício seguinte.

O desenvolvimento daquela conta patenteia a origem de tal desequilíbrio, de acordo com as considerações acima feitas

Expressamos aos revisores de contas os agradecimentos por toda a útil colaboração prestada.

Lisboa 1 de Março de 1977

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Companhia de Seguros Império
p p Duarte Nuno A Gorjão Henriques
Companhia de Seguros Sagres
Companhia Universal de Seguros e Resseguros

Balanço em 31 de Dezembro de 1976

Activo		
Disponibilidades		
Caixa	2 277$90	
Depósitos à Ordem	107$00	2 384$90
Créditos a Curto Prazo		
Sector Público Estatal	16 291 294$30	
Outros Devedores	1 710 482$80	18 001 777$10
Imobilizações Financeiras		
Participações de Capital noutras Empresas		983 199$10
Imobilizações Corpóreas		
Equipamento Administrativo e Social e Mobiliário Diverso	13 765$00	
Reintegrações	— 2 753$00	11 012$00
Imobilizações Incorpóreas		
Gastos de Instalação e Expansão	247 640$10	
Amortizações	— 246 327$50	1 312$60
Total do Activo		18 999 685$70
Passivo		
Débitos a Curto Prazo		
Depósitos à Ordem	88$20	
Sector Público Estatal	18 530$00	
Outros Credores C/ Gerais	358 449$10	377 067$30
Total do Passivo		377 067$30
Situação Líquida		
Capital e Prestações Suplementares		
Capital Social	20 000 000$00	
Resultados Transitados		
Exercício de 1974	— 132 013$50	
Exercício de 1975	— 1 072 191$60	
	— 1 204 205$10	
Resultados Líquidos	— 173 176$50	— 1 377 381$60	18 622 618$40
Total da Situação Líquida		18 622 618$40
Total do Passivo e da Situação Líquida		18 999 685$70

Demonstração dos Resultados Líquidos de 1976

Débito		Crédito	
Fornecimentos e Serviços de Terceiros	34 185$20	Resultados de Exercícios Anteriores	59 186$00
Impostos Indirectos	100$00	Prejuízo Líquido Apurado no Exercício	173 176$50
Despesas com o Pessoal	113 100$00		
Despesas Financeiras	41$20		
Amortizações e Reintegrações do Exercício	83 923$10		
Resultados Extraordinários do Exercício	1 013 $00		
	232 362$50		232 362$50

Inventário das participações financeiras e outras aplicações em valores mobiliários em 31 de Dezembro de 1976

Designação	Quantidade	Valor nominal	Preço médio de compra	Cotação em bolsa	Valor de balanço Unitário	Valor de balanço Total	Valor total de aquisição	Diferenças Flutuação de valores	Diferenças Perdas levadas a resultados
1 - Participações Financeiras									
1.1 - Quotas	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1.2 - Acções									
Maria Teresa Mimoso - Criação de Modas, SARL	250	1 000$00	3 932$80	—	3 932$80	983 199$10	983 199$10	—	—

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas,

De acordo com as disposições legais e estatutárias, procedemos ao exame dos documentos, livros e registos da empresa.

O Conselho de Administração sempre nos prestou os esclarecimentos necessários e os critérios valorimétricos são os correctos e legais.

Deste modo somos de parecer que estão em condições de merecer aprovação:

— O Relatório, Balanço e Contas de Resultados de 1976, e
— A proposta do Conselho de Administração quanto aos resultados.

Lisboa, 9 de Março de 1977

O CONSELHO FISCAL

Economistas Matos Gil & Nunes Cameira, SROC

URPLANO - PROJECTOS E CONSTRUÇÃO, SARL

Relatório, Balanço e Contas e Parecer do Conselho Fiscal – Exercício de 1976

Relatório do Conselho de Administração

Senhores Accionistas,

Prosseguiu a actividade da sociedade, no exercício findo, com a continuação dos programas delineados, quer no que se refere à obra da Avenida Gago Coutinho quer aos projectos em carteira.

Quanto àquela obra procedeu-se à adjudicação e construção dos acabamentos interiores, que ficaram concluídos, dando-se assim como terminado o empreendimento, em termos de permitir passar à fase de promoção de venda e à subsequente celebração em Outubro do contrato de promessa de venda ao Instituto dos Cereais, com recebimento do respectivo sinal e escritura definitiva de venda a concretizar até ao termo do primeiro semestre do próximo exercício, após resolução de alguns aspectos burocráticos e registrais quanto ao prédio em questão.

Com a formalização de tal escritura se procederá então ao apuramento de resultado deste empreendimento, tendo entretanto o sinal recebido neste exercício sido levado à rubrica do passivo, «transitório-clientes».

No aspecto financeiro o nível de endividamento da sociedade continuou elevado, em função dos financiamentos bancários já assumidos e a que no exercício houve necessidade de recorrer para levar a bom termo a obra da Avenida Gago Coutinho, pelo que no próximo exercício, esta situação será corrigida.

Aponta a conta de resultados um prejuízo de 4 292 391$02 em consequência de não se ter contabilizado como proveito do exercício qualquer transacção e dos elevados encargos financeiros suportados em razão dos financiamentos obtidos, para prosseguimento da actividade social.

Propomos que o saldo negativo apurado transite para nova conta com vista a ser absorvido no proveito esperado para o próximo exercício

A terminar expressamos os nossos agradecimentos à sociedade de revisores de contas da empresa pela colaboração e apoio que sempre nos prestou.

Lisboa 1 de Março de 1977

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Companhia de Seguros Império
p p Duarte Nuno A. Gorjão Henriques
Companhia de Seguros Sagres
p p Mário Sena da Fonseca
Companhia Universal de Seguros e Resseguros
p p Maria Lídia Caldas Barreiros Antão

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas,

Durante o exercício de 1976 acompanhámos a gestão da Empresa, verificando regularmente a sua contabilidade, a qual foi achada conforme.

A Administração sempre nos prestou os esclarecimentos por nós solicitados e foram seguidos os critérios valorimétricos adequados e legais.

Assim, somos de parecer que poderão ser aprovados:

— O Relatório, Balanço e Contas de Resultados do exercício de 1976, e
— A proposta quanto ao destino do saldo apurado.

Lisboa, 9 de Março de 1977

O CONSELHO FISCAL

Economistas Matos Gil & Nunes Cameira, SROC

Balanço em 31 de Dezembro de 1976

Activo			
Disponível			
Caixa		3 375$30	
Depósitos à Ordem		226 690$38	230 065$68
Realizável			
Accionistas c/ Subscrição		17 500 000$00	
Devedores		42 703 855$80	60 203 855$80
Existências			
Terrenos		939 380$00	
Edifícios em Construção		75 449 462$80	76 388 842$80
Imobilizado			
Incorpóreo	302 131$70		
Amortizações	— 300 701$40	1 430$30	
Corpóreo	10 154 961$40		
Reintegrações	— 900$00	10 154 061$40	10 155 491$70
Total do Activo			146 978 255$98
Contas de Ordem			
Letras Descontadas			20 000$00
Títulos em Caução			250 000$00
Devedores por Contratos-Promessa de Compra de Imóveis			153 200 000$00
			153 470 000$00
Passivo			
Exigível			
Fornecedores		435 927$00	
Títulos a Pagar		22 671 000$00	
Empréstimos Hipotecários		28 927 018$40	52 033 945$40
Transitório			
Clientes			47 602 654$30
Total do Passivo			99 636 599$70
Situação Líquida			
Capital	55 000 000$00		
Reservas	1 601 810$00	56 601 810$00	
Resultados			
De Exercícios Anteriores	— 4 967 762$70		
Do Exercício	— 4 292 391$02	— 9 260 153$72	47 431 656$28
Total do Passivo e da Situação Líquida			146 978 255$98
Contas de Ordem			
Credores por Letras Descontadas			20 000$00
Credores por Títulos em Caução			250 000$00
Responsabilidades de Contratos-Promessa de Venda de Imóveis			153 200 000$00
			153 470 000$00

Resultados do Exercício de 1976

Débito		
Existências Iniciais		
Terrenos	939 380$00	
Edifícios em Construção	56 388 217$00	57 327 597$00
Custos Antecipados Iniciais		
Encargos Financeiros		370 800$00
Compras		
Edifícios em Construção (Obras)		19 061 245$80
Impostos e Taxas		233 128$40
Serviços e Fornecimentos		259 452$30
Gastos Financeiros		3 372 927$12
Outros Gastos de Gestão		646$80
Dotações para Amortizações e Reintegrações		
Do Imobilizado Incorpóreo	100 730$40	
Do Imobilizado Corpóreo	450$00	101 180$40
		80 726 977$82
Crédito		
Proveitos Acessórios		45 000$00
Existências Finais		
Terrenos	939 380$00	
Edifícios em Construção	75 449 462$80	76 388 842$80
Resultados de Exercícios Findos		744$00
Saldo (prejuízo)		4 292 391$02
		80 726 977$82

Futebol: festa em Faro o Chipre como bombo

. Em termos correntes, quase pode dizer-se que, o jogo desta noite, em Faro, «não interessa nem ao Menino Jesus», não fora recordar-nos que, mau grado os patuscos grupos que a Federação cá da área tem feito alinhar sob o rótulo de «selecção nacional», sempre se trata de um grupo português à compita, face a amadores puros, com elementos da estrangeira. No caso: o Chipre, país que tem «enfardado» tareias de todo o tamanho e, arrasta a sua «categoria» na cave mais inferior do futebol mundial.

O jogo completa o calendário da fase preliminar de qualificação para o Mundial, na Argentina: apurada a Polónia, colocado Portugal em 2.º posto, resta à Dinamarca um inamovível 3.º lugar e aos cipriotas, o último posto da tabela pontual. Os «scores» são elucidativos: Polónia, com 11 pontos, 17-4 em matéria de golos; Portugal com 7 pontos, 8-6 em tentos: Dinamarca com 4 pontos e 14-12 em termos de chutos decisivos, enquanto o Chipre (zero pontos, 3-20 em golos) se tornou, perfeitamente, no bombo de festa da rapaziada.

Para não desmerecer ao conceito, o Chipre prontificou-se a inaugurar o ciclo internacional do Estádio de S. Luis, em Faro: festa é festa e não será por causa das nossas (amáveis e átentas) visitas que a Federação fechará as portas sobre a sua péssima gerência sem adoçar a boca de um pequeno sector clubista. Que saiam em bem. Melhor: que este elenco federativo não volte tão cedo a colocar pé em cadeiras directivas, eis o que se solicita a todos os deuses.

Já agora, mesmo a propósito e por se falar tanto em austeridade financeira, com o País a esmolar lá por fora o amanhã para cada dia, sempre valeria a pena perguntar como foi possível, já esta semana, três membros da Federação (o presidente António Marques, o coordenador Abílio Rodrigues, mais o secretário-geral César Grácio) terem sido considerados **imprescindíveis** numa viagenzinha até Espanha, mais propriamente a casa dos patrões de Alves, para lhes ofertarem objectos de filigrana e medalhas, com o muito obrigado pela permissão dos salamanquinos em relação ao concurso de João Alves na chamada «selecção de todos nós». Dois dias de estadia, viagens, prendas e lautas refeições, que representa isso para o (rotundo) erário dos lusos?

. Adiante. Chipre quer ajudar, o melhor possível, à festa algarvia, pelas 21 e 30 de hoje. Vai arbitrar o checoslovaco Jursa, de recordação para os portugueses (dirigiu o BK-Benfica). O «team» que os federativos elegeram inclui os benfiquistas Bento, Humberto, Pietra, Chalana e Toni, os portistas Rodolfo, Seninho, Teixeira, Murça e Vital, os «leões» Baroneira, Manuel Fernandes, Artur e Botelho, o bracarense Chico Faria, o setubalense José Mendes e, a preço de ouro (dados os gastos no convite e na viagem), médio Alves, actualmente sob emblema espanhol.

ALVERCA EM FESTA

Hoje, é dia de festa para o Futebol Clube de Alverca. Importantes melhoramentos vão ser inaugurados no campo de jogos da Rua Coronel Henrique Mora, em Alverca do Ribatejo: um novo peão e iluminação são motivo para um festival que principia pelas 20 e 30 e engloba a apresentação das escolas de futebol do clube e, depois, uma partida entre o Belenenses e o Alverca.

CAPARICA ILUMINA-SE

Para festejar a iluminação eléctrica no seu rectângulo de jogos, o Monte da Caparica Atlético Clube efectua, esta noite, uma exibição perante o Amora.

LAGOS COM ESPERANÇA

O guineense Dídio, que prestou provas no Boavista sem interessar ao clube do Bessa, acaba de firmar contrato com o Esperança de Lagos.

ISRAELITAS POR CÁ

Provavelmente com o afã de deixarem os seus postos depois de criarem (mais) um problema internacional, os federativos do futebol parece que estão nos propósitos de convidarem um grupo de juniores israelitas para, ao lado de selecções de Portugal e de França, actuarem num torneio a promover em Fevereiro de 78 no nosso país.

TAÇA DESEMPATA

Jogos de desempate para a Taça: hoje, pelas 15 horas em S. João da Madeira, defrontam-se Sanjoanense e Sintrense. Na próxima quarta-feira, dia 23, realizam-se os restantes encontros: Eléctrico de Ponte de Sor-Marialvas (15 horas), Feirense-Nacional da Madeira (21 horas) e Pero Pinheiro-Costa da Caparica (21 horas)

FORA DE MUROS

Hoje, haverá mais jogos incluídos na fase preliminar do mundial: Turquia-RDA (grupo 3), Irlanda do Norte-Bélgica (4), Checoslováquia-País de Gales (7), Inglaterra-Itália (2) e Bulgária-França (5). Para se qualificar, a França terá de bater a Bulgária (a quem basta um empate para viajar para a Argentina), enquanto aos italianos (em Wembley) chega um nulo para a passeata à América do Sul ficar garantida. O resto das partidas do calendário de hoje são meramente protocolares.

BAIXA NO MARÍTIMO

Uma lesão de certo modo grave (nos ligamentos internos do joelho direito) afasta o veterano Marinho do «team» do Marítimo, trazendo-o até ao posto médico de Alvalade, a cuja sapiência ficou entregue.

IRRADIAÇÃO DIRECTIVA

José Pina, que exercia as funções de presidente da Comissão de Árbitros de Futebol de Viseu, foi irradiado da actividade desportiva.

ANTIGO ÁRBITRO RECLAMA

Jorge Tavares, ex-árbitro n.º 251, contesta uma informação veiculada (inicialmente) ao «Mundo Desportivo» e, posteriormente, transcrita nas nossa páginas. Declara: **o incidente em que me vi envolvido, e motivou a minha irradiação, ficou a dever-se ao desejo de proteger o próprio árbitro (colega) o que não consegui totalmente por, entretanto, ter sido envolvido no «sururu» (e de que maneira). A outra acusação que me é feita, de ser, simultaneamente, delegado ao jogo e árbitro, informo que num jogo efectuado em Pinheiro de Loures, levei uma padrada, de que resultou, posteriormente, ter de me submeter a uma operação, no Sanatório do Lumiar, tendo renunciado à arbitragem por minha livre vontade. Isto aconteceu há cerca de dois anos, pelo que ser delegado ao jogo não tem nada a ver com a arbitragem».**

Aqui fica a palavra do ex-árbitro que foi, oportunamente irradiado.

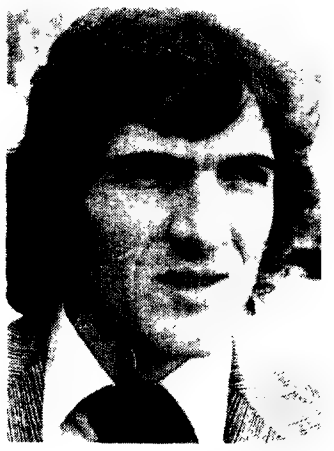
KOVACS EM BOLANDAS

Uma desgraça nunca vem só: à frente da Roménia, Kovacs viu o seu «onze» afastado do Mundial e, quase de seguida, as Federações da Jugoslávia e Espanha espicaçadas pelo palavreado do ex-técnico do Ajax processaram-no por difamação. Por seu turno a FIFA foi drástica: repreensão a Kovacs e afastamento do romeno do seu quadro de conselheiros técnicos.

PROMOÇÃO NO SANTOS

O ex-internacional, argentino e integrante da equipa do Santos (na época de Pelé) José Ramos Delgado, assumiu a direcção técnica da primeira equipa daquele clube. Ramos Delgado, radicado no Brasil desde há seis anos aceitou a nomeação que, em anteriores ocasiões havia recusado, pois não queria deixar de ser «**Professor da Escola de Futebol do clube**».

O ex-defesa da selecção argentina anunciou que conseguira o regresso de Clodoaldo à equipa, a última «estrela» que ainda jogava no clube e que esteve no último «mundial» no México.



João Alves: o toque de classe da «vedeta» da companhia

Medicina desportiva em reunião internacional

Tem lugar amanhã, pelas 18 horas, na biblioteca do Centro de Medicina Desportiva, uma conferência de Imprensa orientada pelo dr. Anibal Costa, director-geral do Apoio Médico, cuja finalidade é anunciar a realização de uma reunião internacional sobre Medicina Desportiva, planeada para os dias 9 e 10 de Dezembro, e cujos temas principais serão os seguintes: Avaliação funcional em desporto, Lesões físicas do desporto, aspectos psicológicos do desporto; a psicologia do atleta de alta «performance» e bases fisiológicas de educação física escolar.

A reunião contará com a participação de vários especialistas, incluindo dois professores universitários italianos, um romeno e o dr. Anibal Costa.

COMO VÃO AS COISAS

HÓQUEI SOBRE RODAS

Para o «Torneio de Abertura» lisboeta, em hóquei patinado, mais alguns jogos: Estremoz,2-Paço de Arcos,6; Parede,9-CACO,1; Sporting,8-Sottomayor,1; Benfica,5-Académica da Amadora,3. Pontuação neste momento: Paço de Arcos, 9; Parede, 7; Benfica e Sporting, 6 (menos um jogo cada um); Académica da Amadora,5; Sottomayor, 3; Estremoz e CACO, 2.

CORVENSE FAZ ANOS

O Sport Benfica Corvense está a comemorar os 16 anos de vida. Torneios de ténis de mesa (entre os alunos da escola da modalidade mantida pelo Corvense), teatro infantil, colóquios sobre desporto, exposição de desenhos inantis subordinados ao tema «Desporto» e, até, rijas competições de «sueca», figuram no cartaz das festividades da agremiação da lisboeta Rua dos Corvos.

HIPISMO NO CAMPO GRANDE

Sem esmorecimentos, continua a actividade da Sociedade Hípica Portuguesa, promovendo semanalmente competições no hipódromo do Campo Grande. Últimos nomes em realce: João Alves, António Oliveira Martins e June Hatherly (na corrida de trote atrelado); major Fernandes Tomás, cap. Pimenta da Gama, ten. Almeida e Sousa, major Vasco Ramires, ten. Oliveira Santos e coronel Jorge Mathias (no critério de obstáculos); cap. Pimenta da Gama, major Fernandes Tomás, cap. Balula Cid e Luís Pinheiro Torres (na final do campeonato de Portugal do cavaleiro de obstáculos). O melhor cavalo apresentado na ronda foi o «Ribamar».

DOS «STATES» PARA ALVALADE

Mais um norte-americano no basquetebol sportinguista: chama-se Gary Schiller, tem 24 anos e 2 m e 2 centímetros de altura.

CUF EM ASSEMBLEIA

Na noite da próxima sexta-feira, efectua-se uma assembleia geral extraordinária dos associados do Grupo Desportivo da CUF, para ser discutida uma proposta directiva de alteração dos actuais valores das quotas e eleição de directores para as vagas existentes no elenco directivo da agremiação.

MULHERES APITAM

Quatro árbitros femininos estão inscritos na Associação de Basquetebol de Aveiro: Iracy Pinto (residente em Aveiro, atleta do Galitos), Fernanda de Carvalho (moradora em Águeda) e Virgínia Vieira e Ana Simões (com casa em Ovar).

DISTINÇÃO NO BASQUETEBOL

Sérgio Bravo foi designado como um dos árbitros dos jogos Barcelona-Viganello (da Suiça) para a «Taça dos Vencedores de Taças» e Celta (de Espanha)-Aalst (da Bélgica), a contar para a «Taça dos Campeões», turmas masculinas. Os embates processam-se, respectivamente, a 23 do corrente (Barcelona) e 24 (Vigo).

Continua na pág. 18

PERANTE 300 ESPECTADORES
Juniores batem (4-1) rapazes do Luxemburgo

A selecção nacional de juniores venceu o Luxemburgo, por 4-1, em jogo da 1.ª «mão» da eliminatória do Torneio Internacional da UEFA, disputado ontem no estádio Emile Mayrusch, em Esch-sur-Alzette (Luxemburgo), perante menos de três centenas de espectadores.

Diamantino (aos 20 e 80 minutos), Grilo (52) e Quinito (69) marcaram por Portugal. O golo do Luxemburgo foi obtido, aos 60 minutos, por Girres.

Esta vitória abre os portugueses as portas para a fase final do torneio da UEFA que se efectua na Polónia, em 1978.

Os juniores portugueses realizaram uma boa exibição. Na 2.ª parte estiveram perto da «goleada», mas as más condições do terreno (pesado em demasia, devido às chuvas que caíram) impediram que os nossos jogadores obtivessem um resultado mais volumoso.

Ao intervalo, Portugal vencia por 1-0, golo apontado pelo «capitão» Diamentino. Após o repouso, os portugueses continuaram a dominar e Grilo subiu o marcador para 2-0. Os luxemburgueses reduziram, por Girres mas, volvidos nove minutos, Quinito fez 3-1. Nos últimos momentos da partida, o benfiquista Diamantino fechou a contagem: 4-1 a favor dos portugueses.

As equipas alinharam:

Luxemburgo: Boentyes; Jeitz, Leonard, Frantz e Bossis; Meunier (Schmitt), Hitzig e Brausch; Girres, Irthum e Bianchini (Langers).

Portugal: Beto; Teixeira, Pio, Tomás e Artur; Nogueira, Galhofas e Salvador (Álvaro); Grilo (Quinito) Diamantino e João Santos.

Árbitro: Delmar (França).

Entre os portugueses, as exibições mais destacadas pertenceram a João Santos, Quinito, Grilo, Salvador e Diamantino.

Andebol vai ter festa

Colocado, indiscutivelmente, no plano cimeiro das preferências desportivas da nossa juventude, o andebol está prestes a comemorar o seu marco mais bonito: o salto para uma etapa do campeonato mundial que se julgava inacessível e, afinal, foi possível por obra e graça de um trabalho esquematizado a longa distância e friamente interpretado por toda uma equipa que, de dirigentes a atletas, estava motivada por um objectivo e uma razão.

No próximo mês de Dezembro, vai celebrar-se o ano primeiro do êxito maior da turma comandada por José Gomes Machado, continuadora da obra de outros vultos que ao andebol ofertaram o melhor da sua direcção e esforço (José Fontes, Alves Teixeira, Antero Ventura, na linha base que há 40 anos fundou a Federação).

Uma comissão, que integra José Fontes, o prof. Ângelo Pintado, Francisco Baptista Rodrigues, Alfredo Guarita e Alberto Monteiro está a envidar os melhores esforços para organizar um atraente programa comemorativo da efeméride. Os jogadores do «sete» que, capitaneados por José Manuel, viveram momentos inesquecíveis, vão (assim) receber uma homenagem, pura, simples, amiga, de quem esteve a seu lado na conquista de uma data para o andebol nacional.

CHAMADA À SELECÇÃO

Prevendo-se que a selecção nacional de andebol participe num torneio, a realizar em França, entre 16 e 18 de Dezembro, foram feitas as seguintes convocações para treinos: Jorge, Vasco Vasconcelos, Adão, Mi Fernando Jorge, João Go.. es e João Manuel, do Sporting; Carlos Silva, José António, José Manuel, Hernâni, Sousa e Franco, do Belenenses; Mesquita, Sacadura e Janeiro, do Benfica; Monteiro e Pinho, do FC do Porto; Montenegro e Areias, do Académico; Pais, do Passos Manuel; e Morais, do Vitória de Setúbal. Nota estranha: o esquecimento dos belenenses Espadinha e Ferreira.

PROPEDÊUTICO
ALÉM DOS CURSOS NORMAIS
● PROGRAMA INTEGRAL COM INICÍO EM 23 DE NOVEMBRO
● PROFESSORES QUALIFICADOS
● DURAÇÃO DE CADA AULA: 1 HORA
● manhã ● tarde ● noite
- ABERTAS INSCRIÇÕES PROVISÓRIAS -
SÉNECA
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º
Telef. 40092 Lisboa 1 (Metro Anjos)

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infante 16, 55-C — Lisboa

astrólogo sidio
Resolve qualquer que seja o seu problema
Especialista em casos espirituais, amor ou negócios. Tel. 774343

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

é um direito que durante 50 anos não se negou a ninguém neste País. É um dos chamados direitos ó manos.

AS BELEZAS DA «DEMOCRACIA»

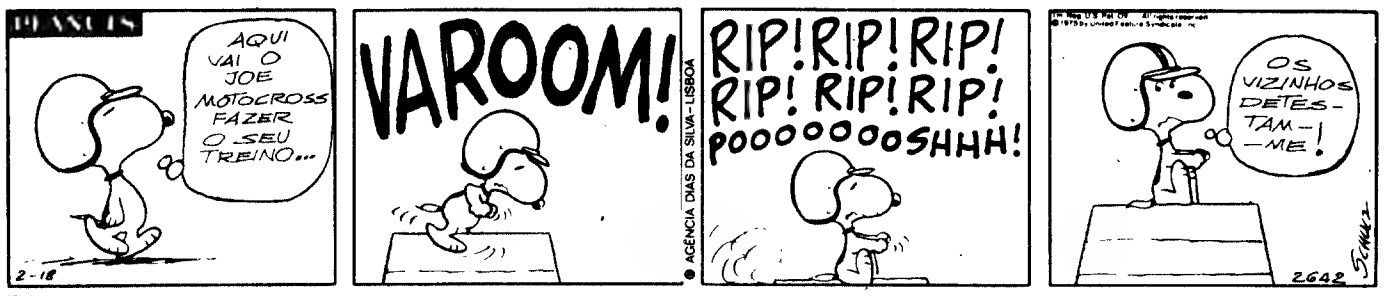
Sim, eu podia para aqui ficar a cantar estrofes às belezas da vida capitalista. Mas uma imagem vale cem palavras, dizia o Confúcio. Com a inflação, há-de valer hoje mais de mil. E eis que o próprio Telejornal se me antecipa e transmite aquele documentário sobre a maneira de viver na sociedade americana.

Nem mais, nem menos que a história de Glen Turner, colossal vigarista que chegou ao êxito, ou seja, à fortuna de muitos milhões de dólares. Ali vimos como os seres humanos podem confundir-se com os porcos, como nos surgem completamente desprovidos de ideal, de sentimentos, de humanidade. Deus, ali, é o dinheiro. Ao dinheiro se consagram cânticos, votos místicos, rituais. Turner, «o pobre menino do lábio rachado», aparece transformado no grande sacerdote da religião financeira. O conto do vigário, a banha de cobra, o bilhete premiado da lotaria, comparam-se àquilo como o carro de bois se compara ao foguetão espacial. As pobres multidões são manejadas pela Rádio, pela Televisão, por todos os processos de publicidade. A liberdade de manejar as pessoas é total. Estas acabam inclusivamente por perder o aspecto humano. A estranha viagem naquele autocarro a caminho de uma sessão do supervigarista Turner é um momento de pesadelo, de terror.

O documentário ainda pretende fazer crer que se trata de um fenómeno isolado, condenado até pelas leis dos Estados Unidos. Nada mais falso. O fenómeno Turner, prometendo lucros fabulosos contra um cheque de dois mil dólares, é típico de uma sociedade como a americana. Se uma sociedade assenta no princípio basilar de que **o lucro é sagrado**, daí decorre a legitimidade de todos os caminhos que levam ao lucro. A lei que considera fraudulento o negócio de Turner e regular o negócio dos monopólios e das multinacionais — está a contradizer-se. É uma lei preocupada apenas com o verniz da realidade e não com a realidade.

Curiosamente, o Glen Turner executa todas as suas vigarices em nome do amor, do entendimento, da tolerância...

Com mil diabos! Em Portugal nem ao menos na vigarice somos originais.



Como vão as coisas

Continuação da pág. 17

«SURF» EM PENICHE

A 20 do corrente (pelas 9 e 30) a secção de «surf» da Federação de Actividades Subaquáticas promove, com o apoio da Comissão Municipal de Turismo de Peniche, o «I Torneio Internacional de «Surf» de Peniche», que contará com a participação de praticantes americanos, ingleses, alemães, australianos, franceses e portugueses. Três escalões etários em acção: juvenis (até 17 anos), juniores (18-21) e seniores (acima de 22 anos). Haverá uma final, para apurar o «campeão absoluto».

BASQUETEBOL APERFEIÇOA-SE

A Comissão Central dos Juízes de Basquetebol realiza, a 19 e 20 deste mês, um encontro nacional para árbitros de 2.ª categoria, que terá a colaboração do corpo técnico nacional. Nomes da iniciativa: Virgílio Paula, Orlando Rebelo, Francisco José, Carlos Tomaz, Manuel Campos, António Guimarães, Jorge Reis e Adriano Soares.

INQUÉRITO NO ANDEBOL

A Associaçao de Andebol de Setúbal decidiu mover um inquérito aos acontecimentos ocorridos por ocasião do jogo Scalipus-Sapec, efectuado a 29 de Outubro. Foi nomeado inquiridor José Manuel Santos.

LUTA SALIENTA-SE

Luís Caldas, árbitro internacional de luta (da 1.ª categoria) foi, internacionalmente, promovido à categoria de «excepcional».

«JUDO E KARATÉ-DO»

Está à venda o n.º 10 da revista quinzenal «Judo e Karaté-Do», de que é principal responsável o mestre Kiyoshi Kobayashi. Bastos Nunes e Raul Cerveira fazem demonstrações de técnicas de projectar e imobilizar, enquanto o «Taekwon-Do» é apresentado com «posições de base», exemplificadas pelo mestre Chung Sun-Young.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco ou moderado de Noroeste, chovia e havia neblina e nevoeiro em várias regiões.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H	PORTO	12º
	P. DOURADAS	5º
	COIMBRA	13º
	PORTALEGRE	10º
	LISBOA	15º
	ÉVORA	13º
	BEJA	12º
	SAGRES	17º
	FARO	15º
	P. DELGADA	19º
	FUNCHAL	—
	SINES	17º

TEMPERATURAS EXTREMAS

AVIRA
Máxima 23,2º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 3,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.36	4,0 m		
19.12	3,6 m	12.26	1,2 m
Dia 17			
7.35	3,8 m	0.47	1,4 m
20.17	3,5 m	13.36	1,4 m
Dia 18			
8.42	3,6 m	2.02	1,6 m
21.31	3,4 m	14.58	1,5 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

as regiões de Norte e Centro: céu muito nublado; vento moderado de Noroeste; Períodos de chuva fraca em especial no Norte; neblinas ou nevoeiros locais. Nas regiões do Sul: céu pouco nublado e vento geralmente fraco

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.21
OCASO AS 17.22

DIA 17 DIA 25 DIA 3 DIA 10

Associação recorda casos em que pode haver diabetes

A Associação Protectora dos Diabéticos de Portugal publicou no último número do seu boletim bimensal, um alerta com os principais sintomas susceptíveis de indicar a existência da doença.

No boletim a Associação salienta que correm o risco de serem diabéticas, «pelo que lhes aconselhamos a fazerem análises», as pessoas cujos familiares são diabéticos, as pessoas muito gordas, as que tenham emagrecido em pouco tempo, as que urinam muito, as que bebam água de mais, as que tenham feridas ou chagas que não curam, as que tenham comichão e furunculose, as que sintam a visão perturbada e as que percam prematuramente a energia procriadora.

PALÁCIO FOZ

CICLO: Semana do Filme Belga
FILME: ONDE OS PASSARINHOS TOSSEM
REALIZAÇÃO: Frans Buvens (1974)
SESSÃO: 15.15 horas
Subtítulos em Espanhol

FILME: SEGUNDA-FEIRA PERDIDA
REALIZAÇÃO: Luc Monheim (1973)
SESSÃO: 18.15 horas

FILME: ISABELLE DEVANT LE DÉSIR
REALIZAÇÃO: Jean Pierre Berckmans
SESSÃO: 21.15 horas
Com a presença do realizador prevendo se um debate com o público

Os filmes são em versão francesa ou neerlandesa com subtítulos em francês e/ou inglês
Maiores de 18 anos
Iniciativa conjunta da Secretaria de Estado da Cultura e da Embaixada da Belgica

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA
Segundo Juízo Cível

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar da **segunda e última publicação deste anúncio**, citando os réus para no prazo de DEZ dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: **o autor pede que o réu seja condenado a pagar-lhe a quantia de 23.631$40, proveniente da venda de artigos de vestuário que o autor fez ao réu citando, acrescida dos respectivos juros legais desde a data da citação, bem como nas custas, selos e procuradoria condigna.**

Acção Sumária n.º 8146, 1.ª secção
Autor **Manuel Salazar das Neves, casado, comerciante, com domicílio na Rua General José Celestino da Silva, 4-B, em Lisboa**
Réu citando **VICTOR SILVA, casado, comerciante, ausente em parte incerta e que teve a sua última residência conhecida na Rua da Liberdade, n.º 11, em Albufeira**

Lisboa em 17 de Outubro de 1977

O Juiz de Direito
Manuel António Maduro

O Escrivão de Direito
Ramiro da Costa

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO, VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 23/11/77
Dactilografia: Este curso tem início todos os dias
Informações e inscrições no
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 36 42 72
Rua do Arsenal, 100-1.º

EVA

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

As Senhoras sabem que a EVA é um Cabeleireiro muito bom

Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23

LISBOA

KOL

MAPLES
NOVOS MODELOS
A PREÇOS SOCIAIS
ABERTO ATÉ ÀS 23 H
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 87-89
Tel. 77 96 43 — LISBOA

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

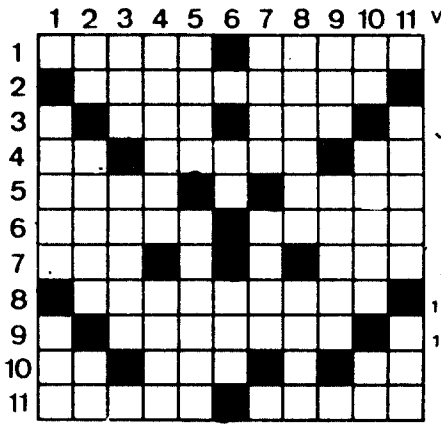
PROBLEMA Nº 11.891

HORIZONTAIS:

1 Conquistar Curar
2 Ociosidade
3 Anuência Agora Artigo definido
4 Artigo indefinido Peneira Brisa
5 Trave Cavidade
6 Compara garrores de um ano para revender daí a dois anos para exportação Cova pouco profunda e com agua (pl)
7 Desgraça Epoca
8 Fechara as juntas de (Bras)
9 Linha de anzol e protegida contra os dentes dos peixes (Bras)
10 Rio da Russia Em as Lê
11 Rodeiras Equipar

VERTICAIS:

1 Poeira flutuante no ar. Preposição
2 Lingua antigamente falada ao sul do rio Loire Espreitar Berilo (Sq)
3 Ruins Do pais de Gales
4 Amaciar Divindade latina identificada com a divinidade grega Hera
5 Ramada Tribo indígena da Colômbia
6 Isolado Despidos.
7 Saudáveis Pé de animal
8 Aplano Formar as abas a.
9 Esteiro Aguço
10 Autores Cidade do estado do Pará Vossa Alteza
11 Freguesia do concelho de Guimarães Preposição



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

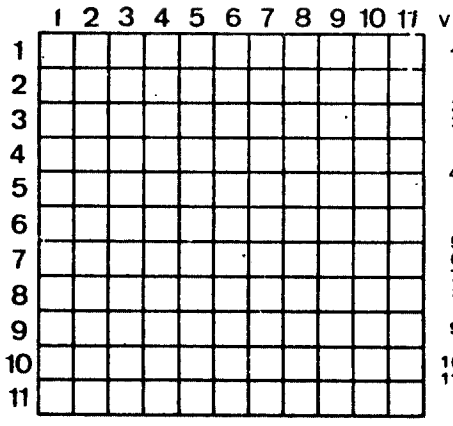
PROBLEMA Nº 7952

HORIZONTAIS:

1 República da América Central, ao S E do México.
2 Oceano Espaço de doze meses
3 Átomo Apelido dum escritor brasileiro contemporâneo Pronome pessoal.
4 Vês Matemática Preposição e artigo definido
5 Epígrafe Aleia
6 Extrais. Habitar
7 Suspiros. Preposição
8 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Vila e sede de concelho (Beja.) Nota musical
9 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Pronome possessivo Senhor em inglês.
10 Faisca. Cidade do Peru.
11 Nome de fruto Enxutas.

VERTICAIS:

1 Forma apocopada e proclítica de vale. Cidade de Espanha.
2 Assunto Escarneçam
3 Artigo indefinido Chinela (prov.) Fecho as asas para descer mais depressa.
4 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho Pronome demonstrativo Sufixo que designa estado
5 Oscilassem
6 Apelido. Rente.
7 Cão de gado. Plutónio (sq).
8 Nome de mulher Costume. Adivinha
9 O lado do vento Arrel Textualmente
10 Triturava. Aperfeiçoa.
11 Desaparelhas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 11.890

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 NÃO. Brusco.	1 Nú. MADEIRA.
2 Urrar. Rei.	2 Arâ. Geras.
3 Aca. Cam. HÁ	3 Orço. Sem. Rã.
4 Sós, Gap.	4 Aa. Ato. Ser.
5 Ag. Aar. Galo.	5 Br. Sai. Arrel
6 Destinarias.	6 Cornaca.
7 Éreo. Aba. Sa.	7 Uras. Abo. Ta.
8 Iam. Aço	8 SEM. Grã. NO
9 Rs. Sra Nas.	9 Ci. Gai. Bara.
10 Rer Toras.	10 Halas. Sai.
11 Vareta. Ali.	11 Raposas. Si

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 7951

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Acaba. Porta.	1 Atava. Marte.
2 Tolo. Sari.	2 Colear. Bari.
3 Ale. Lia. Sir.	3 Ale. Raba. Ir.
4 Ve. Lente. Na.	4 Bo. Lapa Anã.
5 Aarão. Uraco.	5 Leoa. Anás.
6 Rapa. Mana.	6 Ain. Fi.
7 Ba. Si.	7 Atum. Saca.
8 Aba. Ais. Sai.	8 Os. Eras. Sol.
9 Rã. An. As. Mr	9 Rãs. Anis. Mi.
10 Trina. Comer	10 Trinca. Ames.
11 Eiras. Alisa.	11 Airão. Birra.

PROVÉRBIO: Não há madeira sem nó.

farmácias de serviço

LISBOA

AFRICANA — R. Bernardino Costa, 45, Tel 369120
ARNALI — Rua Escolas Gerais, 83-A Tel. 863940.
ASCENSO — Praça do Norte 11-A (B.º Encarnação) Telfs. 311216-310172.
AVENIDAS — Av República 27-A Tel. 533688.
AZEVEDO FILHOS — Pr. D Pedro IV 31 (Rossio) Tel. 327478.
CARRASCO — Rua Presidente Arriaga 39, Tel. 667460.
CELTA — Rua Moura Girão, 3-B Tel 890621.
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar 77. Tel 790480
CUNHA — Rua Escola Politécnica, 16 Tel. 325455.
DIMAR — Rua Conde Monsaraz 17-B Tel 842533.
G. SILVA Rua Francisco Tomás da Costa 3-C Tel. 771873.
GAMA — Calçada da Estrela 130 Tel. 660339.
J. RIBEIRO — Estr. da Luz 199-A Tel. 780969.
JOÃO XXI — Av. João XXI 16-A Tel 726462.
MARLUZ — Calç. da Picheleira, 140 Tel. 720703-728395.
MENDES E GOMES C.ª — C.ª da Ajuda 222, Tel. 838258
NOBEL — Rua Acotr Vale, 53 Tel 842152
OLIVEIRA Rua de Campolide, 54-A Tel. 684424.
OLIVEIRA VIEGAS Rua Viriato 29-A Tel. 548966.
ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo 2-B Tel. 45079
PORFÍRIO — Rua Francisco Metrass. 59-B Tel 663349.
RAINHA SANTA — R. Afonso Lopes Vieira, 57-B Tel 765262
S.A. E. SILVA F.ª Rua S. João da Mata 72-74 Tel 661010
SALTER Rua de Xabregas 63-65 Tel 381185.
SANEX — Av da Igreja 31-C Tel 897505.
SIMÃO — R Cidade de Cabinda 16 A Tel 310581.
TAPADA — Calç da Tapada 83-A Tel 634721
UNIÃO Estr de Benfica 592-594 Tel 700092
Permanente
AVENIDAS — Av. da República 27-A Tel. 533688
ASCENSO — P Norte 11-A (B.º Encarnação) Telf 311216-310172).
CARRASCO Rua Presidente Arriaga 39, Tel. 667460.
DIMAR — Rua Conde Monsaraz 17-B Tel 842533
G. SILVA — Rua Francisco Tomás da Costa 3-C Tel. 771873.
AZEVEDO FILHOS — P.ª D. Pedro IV, 31 (Rossio) Tel 327478.
GAMA C.ª Estrela 130 Tel. 660339
NOBEL — Rua Actor Vale 53, Tel. 842152
SANEX — Av. da Igreja 31-C Tel 381185.
UNIÃO — Estrada de Benfica 592-594. Tel. 700092

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Central — Av Cardoso Lopes, 25 (Telef 932210) Permanente; **Melo** — P. D João I, 9-B (Telef. 932756). Até às 22 horas
DAMAIA
D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef 970461)
QUELUZ
Zeller — R. da República, 83 (Telef. 950045)
CACÉM
Guerra Rico — Entre lote 6 e 7-Freixo Capitão (Telef 2944002)
ALGUEIRÃO
Rodrigues Rato (Telef. 2912038)
RIO DE MOURO
Riomouro — Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194)
SINTRA
Misericórdia — Vila (Telef. 2930391)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores — R António Granjo, 2 (Telef. 2113161)
ALCABIDECHE
Carvalho — Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira — Av Saboia, 29-B (Telef 260085). Até às 21 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás — R Costa Pinto, 184 (Telef 2432034) Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS
Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (Telef 2430090) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal — Até às 21 horas
PAREDE
Brandão — Av. da República, 77-C (Telef. 2471054) Até às 24 e das 0 às 9 horas
PAREDE
Junqueiro — **Mendes** — Até às 21 horas
MURTAL
Primavera — R das Parreiras, 25 (Telef. 2472278) Até às 24 e das 0 às 9 horas
AMOREIRA
Amoreira — (Telefs. 262313-267314). Até às 22 horas
ESTORIL
Parque — Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191) Até às 21 horas
CASCAIS
Misericórdia — R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141). Até às 21 horas; **Cascais** — R Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef 292407) Até às 24 e das 0 às 9 horas

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes — Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Guambo — R Cândido dos Reis, 30 (Telef 204020)
ALMADA
Castro Rodrigues — R Capitão Leitão, 21-A (Telef. 2750076)
BAIXA DA BANHEIRA
Teixeira — B.º Moçambique, 24-B (Telef. 2040946)
BARREIRO
Pimenta — R Cons.º Joaquim At.º de Aguiar, 259 (Telef 2073012)
COVA DA PIEDADE
Atlântico — Av Rainha D. Leonor, 45-A (Telef 2764466)
MOITA
União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Montepio — R. Almirante Reis, 93 (Telef 2310935)
SESIMBRA
Leão — Av. da Liberdade, 13 (Telef 2233471)
SEIXAL
Soromenho — R Zaiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)
COSTA DA CAPARICA
Higiénica — Av. da República, 23 (Telef. 2400020)

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)
MAGALHÃES — Rua de Serralves 566 Tel 63561; **CORREIA** — Praça Mouzinho de Albuquerque, 78 Tel 60869; **CORUJEIRA** — Rua de S. Roque de Lameira, 1473 Tel 51928; **LAPA** — Rua Antero de Quental, 211 Tel. 480697; **LUSO-FRANCESA** — Rua Sá da Bandeira 140. Tel 26134; **CENTRAL** Rua 31 de Janeiro 203, Tel 21684; **GOMES CARNEIRO** Rua de Cedofeita, 348 Tel. 23420
(De dia e toda a noite)
FOZ — Rua Senhora da Luz, 380 Foz Tel 6801271 **COUTO** — Largo de S. Domingos 106 Tel 25962-311965, **ALÍRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral 240 Tel 480593; **NOVA DE MONSANTO** — Rua de Monsanto 148 Tel 490889.

COIMBRA

NAZARÉ — Rua Ferreira Borges, 135-139 Tel 22685; **CRUZ E COSTA** — Rua A Vasconcelos, 71, Tel 22715.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«O Pato»
QUARTETO
24.00 (18 anos)
«A Navalha na Carne»
CIRCO MARIANO
Alameda D. Afonso Henriques
21.45 (6 anos)
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»
TEATRO ABERTO
21.45 (13 anos)
«Os Macacões»
VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Desculpa ó Caetano»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Alto e Pára o Baile»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui quem Manda sou Eu»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.45 (13 anos)
«Casimiro e Carolina»
CASA DA COMÉDIA
21.45 (13 anos)
«A Dama Pé de Cabra»
ADOQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Calinas Cala a Boca»

LISBOA/Cinemas

EUROPA 21.15 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois maridos»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Romance Popular»
OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«Belo como Um Anjo»
CAPITÓLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«Garganta funda»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«Amor Violento»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«O Sexo Comanda»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Fogo Real»
ROYAL
21.30 (13 anos)
«Aventuras de Ulisses»
VOX
21.30 (18 anos)
«Cassandra Crossing»
LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Confidências de um Lavador de Janelas»
MONUMENTAL
21.30 (13 anos)
«Um Táxi Cor de Malva»
QUARTETO
Sala 1
21.00, 23.00 (18 anos)
«Dias Tranquilos em Clichy»
Sala 2
21.00 e 23.00 (18 anos)
«A Punição»
Sala 3
21.15 e 23.30 (18 anos)
«A Alice já não Mora Aqui»
Sala 4
21 e 23 (13 anos)
«Mónica e o Desejo»
ROYAL
21.30 (18 anos)
«Exibição»
CINEARTE
21.30 (18 anos)
«Herdeira na Cama»

LINHA DE CASCAIS

LAGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Eu e ele»
PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«O Mestre do Kung-Fu»
ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Mcq. Um Detective Acima da Lei»
CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«Lutadores implacáveis»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios desportivos
21.15 (18 anos)
«A Filha do guarda da Passagem de Nível»
Lido
21.15 (13 anos)
«O Expresso de Chicago»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«A Flecha e a Rosa»
ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Car Wash»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«O Criado»

PORTO/Teatros

TERÇO
21.45 (18 anos)
«Pátio das Cantigas»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Uma Aventura na Estrada»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«O Cutelo de Gelo»
ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«Sexo Louco»
ESTÚDIO
21.30 (13 anos)
«O inimigo»
S. JOÃO
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 77»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«1900» (2.ª parte)
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Exibição»
CHARLOT
21.30 (13 anos)
«Daisy Miller»
AGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«A Enfermeira do meu Pai»
CARLOS ALBERTO
21.30 (13 anos)
«A canção da felicidade»
SALA BÉBÉ
21.30 (13 anos)
«O Pecado Mora ao Lado»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«Nasce uma Estrela»
CHAPLIN
21.30 (6 anos)
«A Grande Paródia»
JÚLIO DINIS
21.30 (13 anos)
«De que Signo É?»
BATALHA
21.30 (13 anos)
«007 Agente Irresistível»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«A Casa dos Desejos»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«De Calcinhas Cor-de-Rosa»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O Presidiário»
GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«O Sentimento»
TIVOLI
21.30 (13 anos)
«Os Playboys»
S. TEOTÓNIO
21.35 (18 anos)
«Psico»

cinemas

ab CINE

Tel. 803055. Às 21 e 23,30 h.
Não acons. m/ 18 anos
DESEJOS DE VERÃO E SONHOS DE INVERNO
c. Joanne Woodward e Martin Balsam
Melhor filme do ano
ROCKY
Às 12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30 h
Matinées infantis Sábado e Domingo
Sala A - 11,15 Sala E 10.45

ALVALADE

Tel. 897480
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15
O primeiro western indiano!
A VINGANÇA DUM FILHO
Amor! Aventura! Música! Emoção!
com Feroz Khan, Parveen Baby
2.ª semana
Não acons. a menores de 13 anos
Colorido

APOLO 70

Tel. 763319
Sessões às 14,00, 16.30, 19,00 21.30
Uma história de amor diferente entre um homem e a sua própria mulher
VOLTA MEU AMOR
um filme de Maurice Dugowson
Não acons. a men. de 13 anos
Hoje às 24,00 horas
A RONDA DO AMOR

AVIS

Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. menores de 18 anos
MAFIA DO PRAZER
Banhos da meia-noite
serões psicadélicos
concursos de beleza

BERNA

Tel. 776098 14.15, 17.45, 21.15
Hoje estreia às 21.30
Martin Sperr, Angela Winkler em
CENAS DE CAÇA NA BAIXA BAVIERA
um filme de Peter Fleischman
Int. a men. de 13 anos
Hoje às 14.15 e 17.45 - últimas exibições do filme
O PADRINHO PARTE II

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 14.00 16.30, 19.00 e 21.30
Karen Black, Bruce Dern
Barbara Harris, William Devane
INTRIGA EM FAMÍLIA
Um filme de Alfred Hitchcock
Não acons. a menores de 13 anos

CASTIL

Tel. 530194 15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
Barbra Streisand Kris Kristo Hesson
NASCE UMA ESTRELA
Premiado com 5 globos de ouro
4.ª semana

CONDES

Tel 322523 14, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. a men. 13 anos
O EXPRESSO DE CHICAGO
c/Gene Wilder
7.ª semana
Um filme de Arthur Miller
Colorido

ÉDEN

(Tel. 320768) 14, 16.30, 19, 21.30
Jack Lemmon, Lee Grant, Branda Vaccaro, Joseph Cotten
AEROPORTO 77
3.ª semana
um filme de Jerry Jameson
Não acons. a men. de 13 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 14.45, 17, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O melhor filme do ano! 3 Óscares!
ROCKY
C/Silvester Stallone

ESTÚDIO 444

Tel 77900 15, 17, 19 e 21.45
Int. men. 13 anos
PRIMO E PRIMA
com Marie-Christine Barrault e Victor Lanaux

IMPÉRIO

Tel. 5551345 15.15, 18.30 e 21.30
Int. m/13 anos
A BATALHA DE ROMA
Orson Welles, Laurence Harvey
Sylvia Koscina
Um filme de Robert Siodmak

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. 13 anos
AS BELAS MULHERES DOS OUTROS
C/Jean Rockefort Claude Brosseur Cruy Bedos

MUNDIAL

Tel. 538743 15,15, 18.30, 21.30
ABISMO
4.ª Semana
c/ Robert Shaw, Jacqueline Bisset, Nick Nolte

NIMAS

Tel 574362 14, 17.30 e 21.15
Int. men. 13 anos
CRÓNICA DOS ANOS DE BRAZA
Palma d'ouro do festival de Cannes 1975 o filme começa a ser projectado no início da sessão

ODEON

Tel 326283 15.15, 18.15, 21.15
Int. men. 18 anos
OS PARASITAS DA MORTE
(colorido)

PATHÉ

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Brutais, selvagens, heróis!
O ULTIMO COMBOIO DO KATANGA
2.ª semana
c/Rod Taylor, Yvette Mimieux e Jim Brown
Não acons. men. 18 anos

POLITEAMA

Tel. 326305 14.15, 16.30 19 e 21.30 h.
Não acons. a men. 13 anos
2 DIABOS À SOLTA
chegam de novo, mais destemidos que nunca

RESTELO

Tel. 610375 Às 21.30
Não acons. men. 18 anos
ESPIÃO SEM AMANHÃ

ROMA

Tel. 887778 15.30, 18.30 e 21.30
Atenção ao novo horário
Não acons. a M. 13 anos
AEROPORTO 77
O filme começa 5 m. depois do início da sessão

ROXY

Tel. 42872 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 18 anos
MEU FILHO, MEU AMOR
c/Romy Schneider
Colorido

S. JORGE

Tel. 579144 15.15, 18.15, 21.30
3 «Óscars»! Melhor filme do ano
ROCKY
Uma história de amor e esperança!
Não acons. men. 18 anos

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a men. de 13 anos
Karen Black, Bruce Dern, Barbara Harris, William Devane
INTRIGA EM FAMÍLIA
um filme de Alfred Hitchcock

NOVO CINE

Tel. 840678
HOJE E AMANHÃ
Sessões às 15,15 e 21.15
Não acons. a men. 18 anos
A obra-prima de Arthur Penn
UM LANCE NO ESCURO
com Gene Hackman — Colorido

D. JOÃO V DAMAIA

Tel 971794 Às 21.15 h
Não acons. men. 13 anos
BATALHÃO DE CONDENADOS

rádio

1.º Programa

18.00: Noticiário. Música portuguesa. **18.30**: «Temas de saúde» Música Portuguesa **19.15**: «O Mundo é a Nossa Casa». Música variada. **20.00** Jornal da noite Melodias **21.00**: 18.º episódio do folhetim «Oliver Twist», de Charles Dickens, numa adaptação de Maria de Lourdes Vicente **21.20**: «Contraponto» **24.00**: Último jornal **00.00**: Último jornal. **00.30** Música Portuguesa **01.00**: «Música na noite»

2.º Programa

18.00 Grande duo concernante em mi bemol maior op. 48, de Carl Maria von Weber **18.20**: Quarteto em fá sustenido menor Op. 121, de Max Reger **19.00**: Obras de Liszt e Schumann. **19.45**: A pianista Rena Kyriakou interpreta Mendelssohn **20.00**: Sinfonia n.º 5 «Virtus Lusitaniae», de Jolv Braga Santos. **21.00**: Concerto integrado no centocinquentenário da morte de Beethoven, realizado no Teatro Rivoli do Porto 1.ª parte Abertura «Fidelio». Concerto n.º 1 em Dó Maior Op. 15 p/piano e orquestra. Intervalo; Concerto Groso op 6 n.º1, em Ré Maior, de Arcangelo Corelli. 2.ª parte: sinfonia n.º 7 em Lá Maior op. 92. No final 3 romances, op 94, de Robert Schumann. **23.00** Cantata «Catulli Carmina», de Carl Orff, c/solos, côro e Orquestra de Filadélfia. **23.40**: intercâmbio musical: Festival de Bayreuth de 1977 gravações cedidas pela Rádio da Baviera Transmissão do 3.º e último acto do drama musical «Valquíria» de Ricardo Wagner, e 2.ª parte da tetralogia «O Anel de Nibelungo», p/Orq.ª do Festival de Bayreuth **01.00** Fecho.

3.º Programa-Nacional e Regional (290m)

18.00: «Contacto». **18.20**: Títulos de 1.ª página **18.30**: Actualidade. **18.45**: Fórmula 1; **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa: **19.30**: Debate em directo **19.35** A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes (repetição) **20.15** Antologia. **20.30** Pesquisa **21.00**: A música e as vozes. **21.30**: «Quando o telefone toca» **23.03**: «Nocturno» **24.00**: «Nocturno» (continuação) **00.15**: «Dia a dia com o passado» **02.00** Fecho

3.º Programa-Local (187,5 m)
18.00: «Compasso» **18.15**: Sal e pimenta (repetição) **18.30**: Idolos do cinema. Noticiário **20.10**: Hoje convidámos **20.40**: Serviço de Agenda **21.00**: Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

19.00: «Em Orbita» **20.00**: «Forum» Realização de Jorge Lopes. **22.00** «Auditório» **00.00**: «Prisma» Realização de Fernando Quinas. **02.00**: Fecho

Rádio Renascença

18.08: Apelos. **18.15**: Igreja em notícia. Palavra do dia **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque. **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de RR. **20.00** Objectivo. **20.54**: Apelos. **21.05**: Pentagrama. **21.30**: O Som da Noite. **22.00**: Ouando o telefona toca. **22.30** Temas Vivos. **23.05** Ultima Hora **23.30**: Textos e Pretextos **23.55**: Meditando. **01.00**: Rotação **02.00**: Fecho

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

"DL" EM TRIBUNAL

Julgamento adiado para 15 de Dezembro

O julgamento do director do «Diário de Lisboa», dr. A. Ruella Ramos, sob a acusação de ser responsável pela publicação do despacho de pronúncia dos implicados na rede bombista, que hoje devia começar no Tribunal da Boa Hora, foi adiado para o dia 15 do próximo mês de Dezembro. A este julgamento será apenso um novo processo contra o «DL», também referente às actividades bombistas.

É advogado do dr. Ruella Ramos, o dr. José Carlos Vasconcelos (também jornalista em «O Jornal»). São testemunhas de defesa, o dr. Piteira Santos, director adjunto do «DL», Fernando Assis Pacheco, chefe de redacção do «DL», José Cardoso Pires, escritor e ex-director adjunto do «DL», dr. Jacinto Baptista, director do «Diário Popular», Joaquim Letria, director de «O Jornal» e Cáceres Monteiro, jornalista de «O Jornal» e presidente do Sindicato dos Jornalistas.

O "DL", a Informação e a contra-Informação

Em referência à notícia que ontem publicámos sob o título «'DL' dá contributo para um inquérito urgente: contra-Informação tem central activa», a direcção do «Jornal de Notícias» inseriu hoje naquele matutino a seguinte nota intitulada «Antes do tribunal»:

«Era de esperar.

«De facto, não faria sentido os que diariamente se movimentam entre a baixa intriga e a calúnica torpe desperdiçassem aquilo em que julgaram ver um ensejo para uma vez mais atacarem os que lhes não seguem a estranha deontologia.

«Era de esperar.

«Moldados numa mentalidade sectária e aberrante, o jornalismo desenfeudado e livre é, para eles, uma anormalidade que não compreendem. E que, portanto, combatem com ódio de morte. Já o sabíamos, não nos surpreendeu.

«Em todo o caso (e isso será um devaneio de ingénuos), estávamos bem longe de pensar que descessem tanto, que perdessem totalmente a vergonha e deixassem bem à vista o charco em que sobrevivem disfarçados de profissionais da Informação.

«O que o 'Diário de Lisboa' ontem publicou, ao estilo do abutre que pressente a vítima em tranquilidade, é uma página negra de uma coisa a que recusamos chamar Jornalismo.

«É bem o produto eloquente de um tempo dementado e fará, certamente, as delícias dos estudiosos que sobre ele vieram a debruçar-se. Para nós, porém, que temos um nome limpo e uma consciência livre – é apenas um caso puro e simples de tribunal.

«E assim será.»

A Direcção

COMUNICADO DO CONSELHO DE REDACÇÃO DO «JN»

Entretanto o Conselho de Redacção do «Jornal de Notícias» emitiu, a propósito, o seguinte comunicado:

«1. O Conselho de Redacção do 'JN' discordou sempre – de acordo com as normas deontológicas que regem a profissão – do jornalismo de tipo especulativo e mal fundamentado e/ou não assinado, infelizmente demasiado comum na Imprensa portuguesa.

«2. Coerente com estes princípios, também o Conselho de Redacção do 'JN' não pode deixar de exprimir a sua discordância com a notícia desse mesmo tipo ontem publicada no 'Diário de Lisboa', envolvendo indirectamente o prestígio do 'Jornal de Notícias'.

«3. O Conselho de Redacção do 'JN', convicto de que as normas deontológicas são igualmente assumidas pelos jornalistas do 'Diário de Lisboa', não pretende abrir polémica sobre princípios que, afinal, nos são comuns.»

Aprovado em CR por António de Matos, Jorge Cordeiro, Pereira Pinto e Serafim Ferreira.

O NOSSO COMENTÁRIO

Não foi o «Jornal de Notícias» do Porto – lobalmente considerado – que ontem foi posto em causa nas nossas colunas. A direcção precipitou-se. O abutre, mais uma vez, não somos nós.

Muitos trabalhadores do «Jornal de Notícias» conhecem os nossos sentimentos de camaradagem e de solidariedade. A questão é outra. E, sem desrespeito pela Justiça, outro é o tribunal. Chama-se: opinião pública.

«Diário de Lisboa»

Angolana violada

Uma jovem angolana de 19 anos, afirma ter sido raptada em Coimbra e violada no Estoril por cinco indivíduos que, depois a abandonaram, amordaçada, numa praia daquela zona.

Segundo contou à PJ, a moça trabalha como serviçal em Coimbra, onde reside com os pais. Ontem à tarde, quando passava por uma rua daquela cidade, foi obrigada por cinco rapazes (um de cor, os outros brancos) a entrar para um «BMW» amarelo que tomou o caminho do Estoril, tendo a violação sido consumada dentro da própria viatura, por todos os raptores, que abandonaram a sua vítima já de madrugada.

SOARES EM MADRID, DE 21 A 23

Acordo actual em perspectiva

O Primeiro-Ministro português Mário Soares visita oficialmente a Espanha entre os próximos dias 21 e 23 do corrente. Enquanto em Madrid, Soares terá encontros com diversas autoridades espanholas, e designadamente com o seu homólogo, Adolfo Suárez, e o chefe de Estado, rei Juan Carlos. Entre os actos mais importantes que se anunciam, regista-se à assinatura, a 22, de um acordo luso-espanhol destinado a substituir o Pacto Ibérico ou a preencher o vazio criado pelos acontecimentos dos últimos anos nos dois países da Península sobre os termos do tratado firmado entre Franco e Salazar no ano distante de 1939.

Mas a visita de Soares à capital espanhola ficará assinalada por mais do que a assinatura de um acordo: também a realização, na capital de Espanha, de uma mostra designada «Cultura Portuguesa em Madrid». A realização que Soares deverá inaugurar prolonga-se até meados de Dezembro.

Acompanham Soares nesta sua deslocação oficial a Espanha o ministro da Defesa, Firmino Miguel, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Emigração, João Lima, e o secretário de Estado da Cultura, David Mourão-Ferreira. Vai ainda Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, presença que se liga com a participação preponderante da Fundação na mostra de Cultura Portuguesa.

Desconhecem-se naturalmente os termos do acordo luso-espanhol que Mário Soares vai a Madrid firmar com os responsáveis de Espanha. Pode no entanto adiantar-se que ele apontará para uma mais estreita cooperação entre os dois Estados em domínios alargados designadamente à Economia, à Cultura, à Ciência. De assinalar, principalmente, que o novo acordo será fundamentalmente diferente do chamado Pacto Ibérico, que era um mero tratado de não-agressão entre dois Estados, acentuados nos pontos respeitantes à defesa mútua perante um inimigo externo, sem mais implicações que não as estritamente militares.

JORNADAS CULTURAIS

«Cultura Portuguesa em Madrid» conta com o apoio da Gulbenkian, da Sociedade Nacional de Belas-Artes, SNBA, da Associação Internacional de Críticos de Arte, AICA, e da Secretaria de Estado da Cultura. Haverá uma exposição de gravura e de pintura. As peças datam posteriormente a 1960.

A mostra alarga-se a livros de arte portugueses, traje civil português e outros domínios da etnologia. As exposições são no Palácio dos Congressos. Do programa contam ainda exibições de filmes.

Entretanto, outra série de iniciativas assinala as «jornadas portuguesas» em Madrid, por iniciativa da Fundação Juan March, que cederá as suas instalações para uma exposição sobre a «Presença».

As «jornadas» abrem-se à participação de outros sectores da criação e produção artísticas. É o caso da música, por exemplo, onde haverá a registar a presença do Grupo de Música Contemporânea, de Jorge Peixinho.

Antes dessa data, as exposições no Palácio dos Congressos encerra (a 2) com uma conferência de Vitorino Magalhães Godinho sobre os descobrimentos.

De concreto: uma antologia de poesia portuguesa contemporânea, organizada propositadamente para esta ocasião por Alexandre O'Neil. De colaboração com o Instituto Espanhol em Lisboa, os livros serão distribuídos gratuitamente em Espanha por bibliotecas, escolas e universidades.

Soares amanhã na Assembleia da República

Continuação da pág. 1

contempladas na forma final do Orçamento (com substanciais reduções na despesa pública).

Nesta curta margem de tempo – 15 dias – tenciona ainda o Governo reunir novamente os parceiros sociais – sindicatos e organizações patronais – logo após a intervenção do Primeiro-Ministro da Assembleia da República. Aqui também, é nota comum o não aval a um acordo com o FMI, que todas as partes (embora por razões diversas) consideram catastrófico para o País.

Ao intervir ontem perante as câmaras da TV num intervalo do Conselho de Ministros extraordinário, o Primeiro-Ministro referiu que nos encontrávamos perante uma situação difícil» sendo indispensável para encontrar uma solução que não se acentuem as divisões entre as diferentes categoriais de portugueses, entre as diferentes classes sociais ou entre as diferentes regiões do País».

Embora frisando, na altura, o termo deste mês como limite para se chegar a um acordo, não forneceria qualquer indicação sobre as intenções governamentais caso expire o prazo sem que as partes se entendam. Note-se, no entanto, conforme se conclui das próprias afirmações do Primeiro-Ministro, que em tais circunstâncias seria supérfluo o recomeço das negociações com o FMI e impensável a aprovação do próprio Orçamento Geral do Estado. Isto enquanto a direita parlamentar, nomeadamente o CDS, insiste que, a não ceder o Executivo as suas propostas de acordo, as quais englobam a formação de um novo Governo e um entendimento parlamentar tripartido excluindo o PCP, apresentará até 15 de Dezembro uma moção de censura ao Governo.

A criar-se uma tal situação, o Primeiro-Ministro, poderia ver-se forçado a entregar o Governo ao Presidente da República para que, de acordo com a Constituição, encontra-se uma saída para a crise. Uma destas saídas, de acordo com o próprio texto constitucional, poderia ser a formação de um Governo provisório e a convocação de eleições gerais as quais, aliás, como o DL» acentuava recentemente, começam a ser admitidas pelos partidos.

O documento-base que amanhã deverá ser apresentado à Assembleia da República e para o efeito foi já solicitada autorização ao Presidente em exercício daquele órgão consta de 20 páginas dactilografadas constituindo, segundo o Primeiro-Ministro, uma proposta de alternativa» decorrente dos diferentes documentos que me submeteram os partidos que eu ouvi e os diferentes parceiros sociais» por outras palavras, uma «ponte» entre as diferentes posições mantendo o Governo e o PS uma posição de charneira.

SECTOR DE TRABALHO DO PS

Continuação da pág. 1

tas da construção naval, está a circular pelas bases do PS, tendo já recolhido perto de 500 assinaturas e ainda o apoio de uma dezena de deputados à Assembleia da República que, no entanto, não o assinaram por motivos pessoais.

Nele, os subscritores recusam frontalmente a tese defendida pelos socialistas que abandonaram o partido do Governo de que este se teria transformado num partido burguês, «sem qualquer ligação ao seu próprio nome e tradição de luta», afirmando, em resposta que o PS continua, como no tempo do «gonçalvismo», capaz de «fazer uma nova demonstração análoga à da Alameda».

Para além das críticas aos socialistas da Fraternidade Operária, o «Manifesto» inclui ainda sérios ataques aos partidos de direita que pretendem a formação de um Governo de coligação.

«Face a todos os ataques, pressões e difamações de que o PS é alvo», os subscritores do documento defendem a necessidade de «fomentar e aprofundar o debate democrático interno», recusando a necessidade de convocar um Congresso Extraordinário, conforme sugestão feita em tempos por Lopes Cardoso, já que nele «alguns sectores» poderiam tentar modificar a política de não alianças do PS, de forma favorável às forças de direita.

Durante a conferência de Imprensa, os militantes do PS presentes referiram ainda a necessidade de o partido alterar a sua política no Governo, de forma a apoiar-se na base social de apoio do partido – os trabalhadores, defendendo as suas conquistas,

nota bene

SAUDADE DO PASTOR

O deputado do CDS Nuno Abecassis exprimiu ontem na Assembleia da República «toda a gratidão e saudade que em nós deixou o bispo Manuel Gonçalves Cerejeira que foi, e continuará a ser, uma luz forte e um pastor esclarecido, amado e seguido por aquela Igreja, que é nossa, e que Ele tão bem soube servir e amar».

O deputado Raul Rego, concordando embora com a homenagem ao «humanista», não deixou de lembrar que o cardeal Cerejeira fora um dos pilares do regime fascista.

CAMPANHAS

O diário da manhã «O Dia» está vivamente empenhado em várias campanhas: reintegração de Spínola, defesa de Mota Freitas, etc. Ao referir-se ao texto de uma lista para recolha de assinaturas de apoio à reintegração nas Forças Armadas do ex-Presidente da República e chefe do 11 de Março, aquele matutino dá grande relevo, na primeira página, ao seguinte período: «Que Forças Armadas são estas que se permitem conservar numa situação desprestigiante um oficial-general dos mais prestigiosos do Exército Português?».

Conselho da Revolução

«Por razões de ordem funcional» foi transferida para amanhã, com a mesma agenda de trabalhos, a reunião do Conselho da Revolução que estava marcada para esta tarde.

PIRES VELOSO

Segundo notícia a ANOP não deverá ser conhecida ainda hoje a decisão do Estado-Maior do Exército sobre a pretensão do brigadeiro Pires Veloso de participar na manifestação em sua homenagem anunciada para o dia 19 na cidade do Porto.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE OUTUBRO
44 050 exemplares

(Hoje 28 páginas)

JOSÉ GOMES FERREIRA
ESTARÁ PRESENTE
NA LIVRARIA
MORÆS
LARGO DO PICADEIRO, 11
NA PRÓXIMA QUINTA-FEIRA DIA 17 ÀS 17,30 H.
PARA O LANÇAMENTO DO LIVRO
POETA MILITANTE
PRIMEIRO VOLUME DA SUA OBRA POÉTICA COMPLETA

Documento

Diário de Lisboa

Lisboa, 16 de Novembro de 1977

UM ANO DE TERROR

Embaixada de Cuba: dois mortos

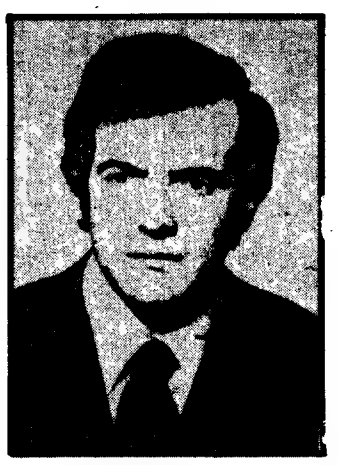
«ninguém será poupado, seja civil, doutor ou general»

Major Hugo Rocha
ex-secretário de Estado da Administração Interna

O interesse despertado em todo o país pela publicação, em 14 de Abril último, em primeira mão pelo «DL», do depoimento de Ramiro Moreira, um dos «operacionais» da rede bombista cujo julgamento está marcado para hoje, leva-nos, na oportunidade, a repetir a espantosa confissão desse homem, que recebia ordens, dinheiro e bombas, de maiores responsáveis, para semear o terror em Portugal.

O «DL» corresponde assim aos inúmeros pedidos dos seus leitores e amigos, dando, de novo, lume a prova implacável dos objectivos sinistros dos que, sob a capa fácil do «anticomunismo», visavam a visar, (e continuam afinal) a liquidação da democracia portuguesa.

Eis o texto, na íntegra, de quase três horas de gravação, logo a seguir à detenção de Ramiro Moreira na Judiciária, quando o «operacional-bombista», ainda confiante nos importantes «apoios», não hesitou em despejar o saco:



Ramiro Moreira

BOMBISTA AO GRAVADOR

«Fui para o P. P. D. Fui para o P. P. D. e com a simpatia que naturalmente tenho junto das pessoas, as pessoas aceitaram-me perfeitamente. Eu fui para o P. P. D. com a ideia mesmo de ajudar a que houvesse democracia em Portugal e com a ideia de combater o comunismo. Sobretudo, combater o comunismo. Mas nunca pensei que fosse até ao ponto a que cheguei, mas não simpatizava com o que se estava a passar, logo no início, no País, e cada vez se veio a acentuar mais essa minha tendência através dos tempos. Estive durante uns tempos no PPD. No fim de certos dias já estive com dirigentes não importantes do PPD, dirigentezecos que não tinham por mim a maior simpatia porque eu estava sempre a contestar umas certas coisas. E saí publicamente do PPD. Para mim o PPD era um partido de esquerda. Mas toda a gente soube. Aliás, veio publicado no jornal, porque a Comissão Política publicou que eu tinha abusado da minha situação de estar no PPD para dar um abraço ao general Galvão de Melo no comício das Antas e como tal..., já era... Eu saí completamente do PPD. Quando estava no PPD, tive já vários contactos com o nosso major Mota Freitas que eu conheci no PPD, porque estavamos lá em baixo numa secção... O PPD estava instalado numa secção que pertencia a tropa e ele passava por lá. Era pessoa simpática e como eu era o tipo da segurança e havia aquelas ameaças permanentes de feques e dos comunistas, mas principalmente feques e dos UDP's que iam atacar a sede, e mais isto e aquilo, o major Mota Freitas começou-me a dar certas instruções sobre segurança. Inclusive aconselhou-me a que eu tirasse licença de uso e porte de arma caçadeira e aconselhou-me a comprar uma caçadeira, coisa que eu fiz, e nós viemos a ter contactos bastante diários, já ainda eu no PPD, com o major Mota Freitas.

O major Mota Freitas considerava-se um anticomunista famigerado. Estava sempre pronto a fornecer qualquer informação e ajuda para combater os comunistas e como via em mim possibilidades e até talvez o aventureirismo de eu querer fazer toda essa..., todo esse trabalho, auxiliava-me em indicações, várias indicações que me dava, sugeria-me certas ideias. Começou por me fornecer um sem número de matrículas de certos indivíduos, a dizer que indivíduos «x» ou indivíduos «assados» seriam mais perigosos ou menos perigosos, uns mais interessados outros menos interessados, mas isto ainda dentro do âmbito do PPD, portanto sem nada de maior. Eu, claro, também não ia actuar logo assim. Limitei-me, com um grupo de rapazes do PPD que não têm nada de significado mas que era malta porreirinha, a chegar à beira dos carros dos comunistas e pôr-lhes um bocado de gasolina com uma bomba incendiária. Incendiámos dois ou três carros de comunistas. Sei lá, atirámos... bem, incendiámos uns carros duns comunistas. Foi mais ou menos isso, até que houve manifestações, quer dizer, entrou-se naquele período de convulsão aqui com o general..., com o coronel... Corvacho, e eu através de um rapaz meu amigo do PPD, que não tem nada a ver com o aspecto do terrorismo, o Abílio da Cunha, que faz parte do PPD, resolvemos elaborar um texto atacando o Corvacho. Foi um texto até bastante polémico, que eu pessoalmente distribuí por quase todo o Norte do País, porque se fizeram quase 75 mil exemplares. Ora isso foi, digamos, a base de lançamento para eu depois entrar..., abrir as portas a certas pessoas que viram em mim uma possibilidade, quer dizer, um atrevimento... Até porque eu cheguei a estar detido cerca de quatro horas dentro do Quartel-General..., a ponto de me ter ousado a entrar dentro do Quartel-General e fazer propaganda do papel e entregar uma quantidade bastante grande. Antes disso..., antes disso, tinha encabeçado, e foi talvez essa a minha primeira atitude mais de terrorismo, tinha encabeçado o ataque à sede do MDP/CDE na Boavista. Até ali eu ainda não possuía explosivos. A minha única arma era uma arma caçadeira, tinha uma matraca, uma vez uma, outra vez outra, ... (ri-se) ... e não tinha mais nada. Tinha uma pistola de alarme. Não tinha piada nenhuma aquilo, mas de qualquer das maneiras, tinha.

Começou a haver problemas do «arco-da-velha», isto, aquilo e aqueloutro, até que acontece no Porto uma noite tenebrosa... muito tenebrosa, em que há os acontecimentos da UDP. Quer dizer, a malta... Houve um comício do Partido Socialista, os tipos da UDP começaram a atirar granadas, a malta do Partido Socialista tentou atacar a UDP e eu andei logo ensarilhado naquela marmelada toda. Aquilo deu muita polémica, muitos tiros; muitos tipos «lixados», magoados, não sei... Até parece que morreu um naquela altura. E... e depois... ah!, foi exactamente nesta altura, nos acontecimentos da UDP em que eu me destaquei. E nessa altura eu já era possuidor duma arma 7/75! Tenho a certeza absoluta, e garanto, embora tivesse disparado alguns tiros, tenho a certeza absoluta que não matei ninguém. Até achava muita piada (ri-se)... porque eu já há muito tempo que não dava, quando andava na tropa dava.

E foi nessa altura que eu acelerei o meu contacto com o senhor major Mota Freitas, em que ele me disse que havia uma possibilidade de me fornecer certo material. Então aí eu comecei a chatear certos «gajos» a sério. Material explosivo: material explosivo, granadas e material plástico, cargas de trotil. E foi esse o início da festa, através da pessoa do major Mota Freitas, tendo eu por vezes encabeçado manifestações do PPD. Fui eu que conduzi a manifestação ao RASP! Levei com uma pedra, tenho aqui a marca duma pedrada, tenho uma marca no ombro! Fui dos primeiros a entrar na ponte. Era um indivíduo... Não era nada modesto, e dava mesmo..., quer dizer, ia sempre à cabeça do touro, com um megafone na mão, a conduzir as massas! Achava piada, quer dizer, além do meu partidarismo bastante elevado, a minha ideia de anticomunista, eu achava uma certa piada entrar naquelas coisas. Porque motivava uma pessoa! Quer dizer, de momento, uma pessoa, digamos, obscura. Passei a ser conhecido, e depois tinha certos indivíduos que diziam: «Ah, é uma merda o PPD!». Até clientes meus. E compravam um bidão disto, um bidão daquilo, porque eu era um «gajo» do PPD, era um «gajo» porreiro, aparecia sempre na primeira linha a gritar por todos os lados. E pronto!

Depois, a partir daí, quando eu comecei realmente a ter explosivos... Todo o início foi uma brincadeira. A primeira coisa que rebentou no Porto,

Documento

Di

que eu intitulo uma brincadeira, mas que foi um explosivo já feito a sério foi... Eu, agora vou contar tudo «tintin-por-tintin» e espero não me esquecer de absolutamente nada. A primeira coisa que rebentou no Porto, até teve muita piada, foi num dia em que estava a chover e eu tentei atacar a LCI. Mas havia uma certa inexperiência, porque apesar de eu ter sido pára-quedista era um pára-quedista mais de lançar e de estar... Mas nunca fui operacional. Fui pára-quedista e mantive-me sem ir para o Ultramar nem nada, e por isso não tinha assim... embora tivesse tirado um curso de arte subversiva e todas aquelas coisas, mas consegui através de um apadrinhamento evitar todas as coisas. Depois também estive na polícia aérea. Bem, mas isso não interessa. Não era uma pessoa operacional na tropa nunca fui um operacional. Fui sempre mais ou menos atrevido e gostei sempre de me meter em certas alhadas. A primeira granada foi uma granada de mão tipo ofensiva lá no Porto, foi ali no viaduto de Gonçalo Cristóvão sobre a JDP em que houve um rapaz amigo que não interessa sequer mencionar o nome porque só nessa vez é que entrou e ficou com tal medo que nunca mais quis (ri-se), até porque era ele que ia lançar a granada e eu conduzia o carro. Mas depois nos passámos e ele disse: «Agora não porque está ali não sei quem... agora não pode ser...» Finalmente, fui eu que conduzi o carro, fui eu que parei o carro em cima do viaduto e fui eu que atirei a granada (ri-se). Mas enfim, foi a primeira coisa que se fez. Aquilo deu um brado do Diabo! O Porto nunca tinha assistido assim a uma coisa desse género. E começou aí. Começou aí e não foi nada mau.

De seguida, havia aí uma tipografia no Porto que ia editar um livro do Vasco Gonçalves, e nessa altura aconselharam-me a que metessemos um susto lá nessa tipografia. E essa foi a primeira carga a sério a rebentar cá no Porto. Fui aconselhado por várias pessoas, quer dizer, não me recordo bem, aliás dei conhecimento ao senhor major Mota Freitas do que ia acontecer e ele disse-me: «Sabe...» Não dizia que fizesse ou não fizesse, mas achava muita piada. Aliás, achava sempre piada a todas as coisas. E então eu, juntamente com... porque, em princípio, eu arranjava assim uns certos rapazolas do PPD que sempre que tinham conhecimento de certa coisa, desapareciam e nunca mais se viam nem queriam saber de nada... (ri-se) Era uma parvoice. E foi quando foi o atentado, o primeiro atentado já com certo vulto contra..., contra a tipografia Inova, salvo erro. Eu meti lá uma carga de quilo de trotil, através dum vidro partido e rebentou aquela história toda. Devia ter causado prejuízos de vulto!... A malta alarmada. Eu achei muita piada. Toda a gente que me rodeava achou muito bem. Havia quem me dissesse, pessoas, que eu estava a andar muito bem, que certas pessoas estavam a gostar, mesmo até a nível militar. E não só a nível militar como a nível civil. Que sim senhor, que me apoiavam.

E a partir dali começou a ser um chorrilho. Desde o simples carro dum «gajo chato» que era dirigente disto ou dirigente daquilo, tudo de esquerda, e que ficava completamente estourado.. Acho que não vale a pena estar a mencionar, todos os automóveis até porque foram tantos que não me recordo. Havia noites em que iam, três e quatro ao ar. Os senhores estavam lá em Lisboa deviam saber mais ou menos o que se passava, não é?! (ri-se) Do género: passar, carga de trotil lá para baixo, arrancar, e PUM. Aquela merda defazia-se toda! Bem, intervieram comigo até essa altura, ainda até essa altura, dois ou três rapazes que um até., aliás dois mais efectivos, que estão ausentes por causa de serem implicados naquele caso do Ludgero em que eu não tive, felizmente, quer dizer, naquela altura não estava presente. Porque ele andava a chatear os outros e eu andava a chatear outros por outro lado. Havia esses dois rapazes que não estão cá, mas eles na verdade é que me acompanhavam, e tal. Normalmente, eu guiava o carro um punha a carga, o outro acompanhava também no caso de haver qualquer coisa. Isto tudo assim a nível de automóveis. Pusemos também por exemplo, numas casas, numas vivendas duns certos indivíduos, nomeadamente uma aqui assim em Miramar em que se meteu uma carga de plástico, de plástico não, de trotil, na base central no telhado. E quer dizer. Desculpem mas eu para dizer tudo tenho de me lembrar de tantas coisas que.. um boocadinho só, se não se importam.

(Bom, para esses rebentamentos dos carros, da vivenda, da Inova, e outras coisas, quem é que lhe fornecia os explosivos?)

Esses explosivos, eu ia buscá-los ao Comando da Polícia. **(Directamente?)** Directamente ao Comando da Polícia. **(E era fornecido por quem?)** Bem, eu contactava com o nosso comandante e o comandante fornecia-me os explosivos. **(E ele chamava alguém para lhe entregar isso?)** Ele próprio forneceu o armamento e forneceu todos os tipos de explosivos. Posteriormente, através de outra pessoa. Isso é mais a frente.

— «Surge o Primeiro de Maio... e decide-se colocar uma carga a sério (20 quilos de plástico) na Avenida da Liberdade, junto do Partido Comunista...»

«O major Mota Freitas começou-me a dar certas instruções sobre segurança...»

●

— «E foi esse o início da festa, através da pessoa do major Mota Freitas, tendo eu por vezes encabeçado manifestações do PPD...»

Quer dizer, eu ia na vivenda de Miramar. Houve uma série de coisas que eu agora não posso precisar, que.. foram tantas e tão poucas que.. Há uma vez um atentado contra o Rádio Clube Português que foi gorado em que.. Houve uma pessoa que achava bem que se destruísse completamente o Rádio Clube Português. (.. **Quem era?)** Você vai puxar pela pistola?! (ri-se) Está bem, pode puxar (ri-se) Era o segundo comandante. Pessoa extraordinária.. (**Quem?)** O major Cerveira! Da Polícia! Pessoa que se dava muitíssimo bem comigo e o que ele gostava mais era que se lixasse o Rádio Clube Português. Sobretudo porque atacava muito a Polícia de Segurança Pública. Até fez um esquemazinho para eu atacar o Rádio Clube Português. Mas falhou na medida em que havia um guarda.. eu não fui avisado na altura! .., havia um guarda lá dentro. E eu ia com uma carga, inclusive acesa, e vi o polícia lá, e não atirei o explosivo lá para dentro nada!.. Matava o polícia, e acabei por deixar o explosivo no meio da rua.

Parece que os meus amigos também vão querer falar de certas actividades minhas no que respeita a automóveis.. **(Não vale a pena!)** .. Bem, obrigadinho. E, aliás, foram usados somente com o fim.. .. e aconselhado até para ser exactamente assim para não me porem uma no meu carrinho, coitado! Ainda não está pago sequer, esse estupor (ri-se).. Houve o atentado ao Rádio Clube Português e eu ia subindo progressivamente. Quer dizer, eu ia contactando com pessoas que iam sabendo, mais pessoas do género do capital, querendo defender os seus interesses. Fazer isto, fazer aquilo. Chegavam à minha beira: «Aquele filho da puta tem um carro porreiro. É preciso dar-lhe cabo do carro!» E eu lá ia. PUMBA! Cabo do carro!

Até que a coisa começou a entrar muito a sério. Começou a entrar muito a sério, começou-se a pensar nisto, a pensar naquilo. E um dia eu sou convidado por uma determinada pessoa a visitar o senhor Joaquim Ferreira Torres, pessoa que estava muito interessada em conhecer-me, que é o cunhado do comandante Mota Freitas, e disse-me que eu precisava de ir falar com o comandante Alpoim Calvão. Eu digo para ele me dar certas indicações, quer dizer, começar a militarizar-me para eu mais actuar, não assim como eu andava, e tal, mas mais efectivamente. Mais com uma certa.. Eu fui realmente e... falei com o senhor Joaquim Ferreira Torres. Eu até aí andava sempre muito «à rasca de massas» e o senhor Joaquim Ferreira Torres disse-me que não havia problemas, que desde que eu fosse um tipo com juízo, que podia dispor de toda a massa. Nunca dispus dessa tal massa que ele me disse. Dava-me aos cinco contos de cada vez, assim.., mas muito.. Chegou-me a dar uma vez dez contos. Entretanto eu fui realmente para Vigo, contactei lá com o senhor comandante Alpoim Calvão. Conheci um tal Manuel Macedo que pessoalmente considero uma pessoa muito puro e que foi das pessoas que mais me incutiu a eu entrar neste género de cousas. Inclusive me prometeu dinheiro para eu incendiar uma casa, coisa que eu recusei. Prometeu-me dinheiro para incendiar para receber do seguro!!! Um indivíduo! .. Posso não ter escrúpulos, mas esse parece que tinha menos do que eu! **(De onde é que era ele?)** .. Era um senhor de Santo Tirso. Um senhor de Santo Tirso que tem ali agora uma casa de papéis. Tem já há bastante tempo.

Esse indivíduo, também se concluju com o senhor Joaquim Ferreira Torres, até porque são uns grandes oportunistas, fui com esse senhor ao senhor Joaquim Ferreira Torres e conjuntamente com esse senhor e com o senhor comendador Abílio de Oliveira, de Santo Tirso, um belo dia, fomos todos para uma grande almoçarada a Vigo, onde eu era a pessoa mais.. (ri-se) Porque, claro, toda a gente estava espantada com... até então não eram feitos nada especiais.. Qualquer um atirava uma carga de trotil para qualquer lado... Foi com o senhor comandante Alpoim Calvão. E o senhor comandante Alpoim Calvão disse-me que particularmente gostava de falar comigo, o que fez posteriormente. Depois eu irei falar sobre esse assunto. Nesse mesmo dia, o senhor comendador Abílio de Oliveira deu seiscentos contos para o MDLP, para a compra dumas armas, das quais eu possuía. Essas armas foram transportadas para Portugal no meu carro e não só no meu carro, através dum senhor da Polícia Judiciária. **(Quem?)** Um senhor da Polícia Judiciária! (ri-se) É o senhor Regadas! Devo dizer que não tenho nada que dizer desse indivíduo. **(Foi transportado no carro dele?)** Foi transportado no carro dele e no meu carro. Ele é que deu a possibilidade. Aliás, ele também está, desde a primeira hora, ligado a mim. Mas eu já conhecia o Regadas antes de.. Conhecia o Regadas através da Polícia, mas não tinha ligações com ele de espécie nenhuma. Eu tenho a melhor impressão do Regadas até uma determinada altura. Depois o Regadas. Foi sempre um tipo porreiro para mim, mas eu notei ultimamente em que ele... Quando eu estava apertado ele retirava-se da situação e não queria saber. E muito, muito próximo da meta, até fui informado que ele que atacava, e não sei que mais.., para receber diversos.. É a razão até porque eu falo dele, lamentando de certo modo, mas de qualquer das maneiras acho que ele me conduziu bastante para isso e não só. E então a partir daqui é que começou a festa! (Você viu o **comendador Abílio de Oliveira entregar...**).

Os seiscentos contos?! Com certeza! Mas não posso precisar exactamente se foram seiscentos contos. Mas foi um cheque em pesetas que eu posso afirmar junto do senhor comendador. Muito à volta de mil e qualquer coisa pesetas. Aliás, importância.. Um milhão e não sei quantas pesetas em cheque! Aliás, importância que era mais ou menos o custo das armas foram transportadas. Foram todas guardadas no Comando da Polícia. Primeiro em casa do senhor Joaquim Ferreira Torres, e depois transportadas para o Comando da Polícia. E eu, por minha vez, recebi das mãos do senhor major Mota Freitas a pistola-metralhadora que tinha, a F/18, as duas «Remington», mais uma arma com silenciador. Nunca foi definida naquela altura, uma situação para aquilo, mas seria no caso de em qualquer eventualidade ser mesmo necessário usar. (**E o resto das armas? Para onde é que foram?)** O resto das armas, francamente, não sei. Sei que veio naquela altura uma dúzia de metralhadoras, uma dúzia mais ou menos daquelas três qualidades que eu tinha. Entretanto, a posse da minha «Walter» veio através de um outro meu amigo que também não é pessoa ligada à situação, embora soubesse das minhas actividades, mas não era pessoa que..., nunca se meteu em nada. Sabia e achava muito bem (ri-se) e de vez em quando falava comigo: «Então, e tal...» Antes pelo contrário. Dizia-me várias vezes: «Amigo, cuidado! E tal..» E, quer dizer, teve possibilidades de me arranjar uma pistola «Walter», que não sei bem a proveniência dela, e ele foi simpático a ponto de me oferecer a pistola. Naquela altura parece que se arranjavam pistolas «Walter» a cinco contos ou não sei quê e ele deu-me a pistola «Walter».

Avenida da Liberdade: um jovem morto

Foi prometido fazerem um seguro de vida e um seguro de acidentes pessoais. Como andava sempre na boa-vai-ela, para aqui e para acolá... Fizeram-me só seguro de vida. Mandaram-me fazer seguro de acidentes pessoais, nunca mo pagaram. Até foi esse senhor Manuel Macedo que tratou dessas coisas, porque ele era agente de Seguros e depois disse que me dava a comissão. Nunca me deu comissão nenhuma.

Depois de Braga, depois de Vigo, então fui a Braga. Fui contactado, quer dizer, fui contactado para ir a Braga. Fui contactado por uma pessoa de Braga. (**Quem?)** Uma pessoa francamente extraordinária, não sei como é que se meteu nisto, um tipo porreiro, o Zé Cardoso, o Cardoso da Saudade. (**Também foi pelo ar a casa dele...)** Foi, mas quer dizer, foi anteriormente a isto (**Exacto**) .. Quer dizer, nessa altura eu a partir daí estava integrado no MDLP. Então eu fui a Braga.

Em Braga nunca tinha feito nada. Tinha-se feito por lá uns estoirotozitos, e tal, e eu fui a Braga para fazer uma pequena demonstração de força acompanhado pelo senhor Manuel da Silva, que também era do MDLP e acompanhado por outra pessoa. E eu fiz o trabalhinho. Quer dizer a primeira explosão em Braga é já uma explosão razoável. A partir desta altura foi-me começado a ser fornecido material plástico através do comandante, senhor major Mota Freitas. (**Que material plástico?**) Plástico daquele assim plástico. Quer dizer trotil é uma coisa, material plástico é outra. Eu não sei bem a denominação. Tenho a impressão que é 808. É muito mais poderoso do que o trotil! Entretanto parece que o resto do trotil se esgotou e havia plástico. Não sei de onde é que ele vinha e havia plástico. Isto quer dizer, há uma série de coisas aqui que. Os acontecimentos sucediam-se de uma maneira incrível! Entretanto eu conheço o Gonçalo, que me é apresentado por pessoas que serviam para ajudar, e o Gonçalo era apresentado como sendo capaz de arranjar todo o plástico necessário que nós quiséssemos, ou uma determinada importância. Determinada importância que eu, por minha vez, eu por minha vez, dado que o senhor Manuel Macedo, que era a pessoa que mais me acompanhava, dizia ao senhor Joaquim Ferreira Torres quanto era preciso e quanto não era preciso, enquanto não havia possibilidades de haver plástico na Polícia de Segurança Pública.

Então eu fui a Braga e pus um petardo mesmo dentro da antiga escola primária de Braga, que era considerada. Não sei bem, aquilo era onde se reunia um grupo qualquer, FEC, ou um grupo qualquer, não sei bem.. Disseram-me: «É aí que é preciso» (**Você tem um recorte de jornal a falar dessa escola de Braga?!**) .. Eu não tenho, de Braga! (.. **Ai não?)** Não, tenho é de S. Martinho do Campo (.. **Então é isso...)** Aquela malta em Braga, toda ligada ao MDLP, uma série de indivíduos que eu conheci lá.. (.. **Quais? Diga alguns!)** Olhe, eu francamente.. (ri-se) Olhe, era um cangalheiro, que eu agora não sei o nome, lá de Braga. Uma malta porreira lá de Braga, o doutor Barroso, e tal.. Mas, quer dizer, não eram indivíduos activos. Eram só de «béu-béu», como é o caso do Cardoso da Saudade. Havia lá vários indivíduos do MDLP, um deles era o.. que tinha a mania que era muito bom, que era ▶

Documento

—«A partir desta altura foi-me começado a ser fornecido material plástico através do comandante, senhor major Mota Freitas...»

●

— «E faziam tudo... inclusive chegaram a sugerir-se ideias de pôr-se bombas nas igrejas...»

◀ muito importante, que fazia tudo e ficou muito espantado quando se deu o tal rebentamento. Até disse que não admitia. Ainda não sabia que eu estava integrado no MDLP. Como é que se chamava?... Era o Pedro! E era mesmo o comandante da zona de Braga do MDLP! Depois cheguei a conhecer o Benjamim, também. Mas o Benjamim foi detido. Depois então preparou-se uma coisa em grande em Braga. Desculpem a minha vaidade (ri-se), não levem a mal por isso, mas eu é que fiz tudo. Eu tinha. A sério! Talvez fosse um bocadinho de inconsciência. Eu sentia-me como peixe na água. Claro, um dia estava sujeito a que me rebentasse uma merda daquelas no focinho, ou coisa assim no género. Pegava nos detonadores, naquelas merdas todas, ligava aquilo tudo. Já agora, já que sabem, hão-de ir lá buscar uns detonadores a casa, que eu tenho lá escondidos num determinado sítio. Também não tenho mais nada. (_ **Mas convém, podem...**) _ Pois é, podem ser chatos. Depois eu digo-lhes onde é. É numa coisa da cozinha onde está. Mas não tenho mais nada. Agora podem virar a casa ao contrário. Uma vez rebentou um, deixei cair ao chão, e foi uma chatice...

Eu então em Braga planeei. Eles disseram-me mais ou menos os trâmites como era, como não era, e preparei as cargas todas mais ou menos num plano conjuntamente com eles. Foram para lá rebentamentos! Foram sete numa noite, salvo erro! (_ **Mas nesse grupo nunca interveio esse Corrécio?**) _ Não, eu não conheço o Corrécio. Eu não conheço o Corrécio. Aliás, só houvi falar do Corrécio agora através dos jornais. (_ **Nem o Fernando Cigano?**) _ Não. Não. (_ **Não?! Estranho! O Costa «Espingardeiro» também não?**) _ Não senhor, não senhor. De Braga, conheci o Zé Cardoso, conheci uma pessoa extraordinariamente simpática que achava muita piada, mas era um bocado contrário a estas coisas, que é o cónego Melo, e tal. Assustava-se e fugia parecia um rato! Bem vê, convivia com toda a gente... E foram assim. Para além do cangalheiro, o Alberto das Urnas, e mais dois ou três, pessoas que quanto a mim. (**Sabiam, mas não actuavam...**) Ou actuavam duma maneira quase não significativa e à primeira vez levavam. Borravam-se de medo que não actuavam! Em Braga aquilo foi um pandemónio. Aliás, eu tive mais ou menos possibilidade de observar de perto. Aquela malta começou a fugir em todas as direcções. PUM dum lado, PUM do outro! Preparou-se todos os atentados, dois ou três dias antes daquilo se dar. Reunimos lá numa quinta. (**De quem era a quinta?**) _ Não sei, não lhe posso dizer. Foi de lá dos individuos de Braga, eu até nem sabia... Eu fui para casa do doutor Barroso e depois de casa do doutor Barroso é que me levaram lá à quinta. Por isso, não sei localizá-la. Foi de noite, à uma e tal da manhã, e depois saí de lá também não sei. Sei que era um senhor velhote e não sei mais nada. Nessa altura é que estava lá toda a malta reunida, indivíduos do MDLP que era o... Sou muito coiso para nomes! Até porque era uma coisa que eles me mentalizavam. Era que não fixasse os nomes e eu fui... Esquecia, pronto! Estive mais tarde em Espanha, também, e tive uma conversa com o Alpoim Calvão. Deu-se o que se deu em Braga, e naquela altura as coisas começaram a ser a sério. Braga já..., já tinha um certo significado. Braga foi aquilo que os senhores sabem! Foram uma série de explosões e a mim calhou-me a parte de leão. Eu era para ir ao Inatel, mas democraticamente eu decidi que se tirasse papeizinhos por papeizinhos para não dizerem que eu é que queria ir à União, e não sei que mais. Porque se eu fosse ao Inatel, dava cabo daquela história toda e acabei por cair naquele quartel de sindicatos que havia na Praça da República em que eu meti para aí quatro quilos de carga plástica. Os senhores devem calcular o sucesso para toda a gente, para o MDLP. (_ **Os outros que houve em Braga não foi o senhor?**) Não, não. Eu fui só a um. Houve simultaneamente sete rebentamentos. (_ **Mas foi tudo combinado nessa reunião?**) Exactamente. (**Foi tudo pessoal saído dali que foi fazer isso?**) _ Exactamente. Embora eu planeasse mais ou menos e soubesse todos os objectivos a alcançar e desse a ideia sobre a casa onde é que se havia de fazer e onde não se havia de fazer, eu tinha a minha missão. (_ **O senhor não sabe dos outros indivíduos os nomes?**) _ Conheço-os a todos, mas..., agora..., neste momento não sei... Calmamente teria de puxar pelos nomes. (_ **Então puxamos mais daqui a bocado...**) Oh pá, por exemplo, o Manuel e o Teixeira, rapazes que estão aí presos que actuaram em Braga! (_ **Eram dali da Póvoa...**) _ Eram, eram como eu, andavam como eu envolvidos nestas coisas. O Teixeira é um tipo porreirinho, também foi levado. Agora anda para casar e tudo! Mas, quer dizer, eles não tinham posições-chaves nenhumas. Eram chamados ao engodo dumas pastas que apareciam e muita malta actuou assim. (**Quanto é que vocês receberam nessa vez de Braga?**) _ Olhe, eu não recebi nada. Foi cinco contos a um, cinco contos a outro. O MDLP prometeu-me dez contos mensais que eu nunca cheguei a receber, nunca cheguei a receber. Nunca cheguei a receber.. Havia sempre uns amigos.. (**Talvez seja um bocado fora da questão. O nome de Rui Macedo não lhe diz nada?**) Não conheço! (**Um rapaz que é da Póvoa, que é vendedor de automóveis...**) _ Não conheço, nem de nome conheço! E há outras pessoas da Póvoa que.. Parece que está aí um rapaz que é o.. (**Luís!**) O Luís. Ele não andava metido em nada, esse rapaz. Ele sabia, mas Ele gostava que.. Uma vez até fui a Beja quando foi o comício do CDS em Beja. Aquilo estava toda a gente com um medo bestial e eu fui a Beja com aquele equipamento todo de defesa! (ri-se) E ele sabia que eu estava ligado ao MDLP, mas sempre me aconselhou a ter muito cuidado, e coisa... Sabia que eu estava ligado ao MDLP e sabia mais ou menos que coisa. Mas sempre me aconselhou a pôr-me um bocado a leste desta história. Nunca foi pessoa que dissesse: «Actua ou deixa de actuar!» Não tem nada a ver com esta história.

Entretanto, Braga, e não sei que mais, e eu.. O major Mota Freitas diz: «Bem, agora aqui no Porto era preciso. É preciso é em Lisboa!» Depois de A Ver-o-Mar ainda houve assim mais duas ou três merdecazinhas, assim e tal, não quer dizer que não fosse mais uma merda aqui, outra merda ali.. Fui ao «Avante». Uma vez fui ali ao «Avante», e meti-lhe uma mecha lá para dentro, e.. Aquilo foi uma coisa, na Livraria «Avante», uma coisa assim! Todos, todos os dias haviam praticamente ou um automóvel, ou.. Há uma vez uma na Póvoa, dum advogado lá, que era um chato do diabo, e tinha chateado não sei quem, que era um gajo muito chato, e PUMBA... Lá fui eu pôr uma bomba na porta do advogado. Era daquele género. Eram vinganzinhas até do género pessoais e tudo isso.

Até que se vem a pensar muito mais tarde no abate selectivo de certas pessoas. Essas nunca notei que fosse vingança pessoal. Entretanto, eu fui a Madrid. Falei com o comandante Alpoim Calvão, e o comandante Alpoim Calvão sugeriu inclusive, esse foi a primeira altura, e foi a razão até porque veio a arma com silenciador. Perguntou-me se eu era capaz de dar cabo do Melo Antunes! Que estava a incomodar não sei quem, e não sei que mais, e não sei que mais... Entretanto não se chegou a concretizar. Entretanto era para ter outro contacto, e não sei porquê era para ir mais abaixo, lá é que era bom, e se fosse cá mais em cima já não era tão bom. E a coisa nunca chegou a concretizar-se. Eu também não disse se era capaz ou se não era capaz. Doido como eu sou, era capaz de tentar qualquer coisa. Sei lá... às vezes! Os tipos apontavam e eu lá ia... Armado em «cow-boy»! Bem, é claro... Depois houve uma reunião cá no Porto e disseram-me que era preciso começar a actuar em Lisboa também. «Lisboa! Lisboa!» (_ **Onde foi essa reunião no Porto?**) _ A reunião aqui no Porto... As reuniões normalmente faziam-se em casa do senhor Joaquim Ferreira Torres. Já disse que tinha todo aquele equipamento, já disse que tinha problemaas com o material plástico... (_ **Quem é que estava nessa reunião?**) _ Estava o senhor Manuel Macedo, estava o senhor Joaquim Ferreira Torres, estava o senhor Regadas,.. (_ **O major Mota Freitas?**) _ O major Mota Freitas conversei com ele aqui, mas ele estava plenamente de acordo com as ideias. Eu geralmente, as minhas visitas ao major Mota Freitas, ou a casa dele ou aqui no comando. (_ **Então o senhor Regadas aqui da Polícia esteve nessa...**) Sim, esteve nessa reunião. E resolveram fazer qualquer coisa. Começar-se a fazer qualquer coisa em Lisboa. Era preciso fazer-se qualquer coisa em Lisboa.

E pronto. E conceberam... Ida para Lisboa, programa, e tal, e isto e aquilo,. A Embaixada de Cuba. A Embaixada de Cuba, e tal. (**Há aí uma coisa: a Embaixada de Cuba já se dá após o 25 de Novembro!...**) É natural, é natural. Não digo que não. Não sei exactamente a data. (_ **Ah, está bem...**) _ É que, depois do 25 de Novembro a coisa ainda se intensificou. Quer dizer, de certo modo... (_ **Ainda estava ligado ao MDLP?**) _ Sim, sim. Ligado ao MDLP. Eu praticamente só me desliguei do MDLP no fim do ano. No fim do ano é que aquilo desmantelou-se, e tal. (_ **De que ano?!**) Deste ano. (_ **A Embaixada de Cuba já foi este ano...**) _ Pois foi... Já foi. Então??!! Então!! Ah!, sim. É verdade, é verdade! Nessa altura o MDLP estava extinto. Estava extinto, mas eu actuei sob. Pois, eu avancei no tempo. Quer dizer: deu-se o 25 de Novembro... O 25 de Novembro, aliás,.. Quando se deu o 25 de Novembro,... ... Braga! Tenho a impressão que foi depois do 25 de Novembro?! (_ **Pois...**) _ À volta disso. Quer-se dizer, deu-se o 25 de Novembro, mas ainda havia, havia que acentuar, na minha opinião, um certo poderio... Havia uma tentativa de subjugar completamente toda a esquerda. Quer dizer, todo aquele aparelho da esquerda. Chateá-los mesmo, ou derrotá-los mesmo. Era o que eu estava convicto. Estava a pensar que era assim (risos). Os senhores desculpem, eu não tenho nenhum... (_ **Estava no MDLP. Você diz-me que o MDLP é extinto no fim do ano...**) _ Sim. Mas é que eu continuo ligado às pessoas que me levaram para lá, no aspecto de... Ah! Esse senhor Joaquim Ferreira Torres uma vez, mandou-me, por sua alta recreação, pôr uma bomba num tipo em... em... Lá está, eu começo-me a lembrar depois... Em... Um tipo que é muito mais rico do que ele, que é mesmo rico como ele, e ele como não gosta do gajo... Que é o presidente da Câmara de... Amarante. E eu fui lá. Pus-lhe lá uma merda na janela, chateei lá o homem...

Eu também, agora acreditem, ao princípio tinha um bocado de cuidado. Tinha..., não gostava..., tinha.. Não é que tivesse medo, mas tinha um bocado de receio de fazer vítimas. Para mim fazer vítimas era.. (**Chocante.**) _ Não percebo, havia certas coisas... Eu tinha necessidade realmente de... Que me dessem algum dinheiro, mas não compreendia.

Assim como houve também o atentado contra a exposição russa que havia em Vila Real. Essa também é da minha autoria. Sempre coadjuvado com vários rapazes. (_ **Teixeira...**) _ Não, o Teixeira não. O Teixeira foi em Braga, só. E depois teve mais outra, só. (_ **Foi Vila do Conde, também...**) _ Vila do Conde, sim. Vila do Conde também foi. Essa foi bastante cedo até, essa de Vila Real. Foi a de Amarante e depois foi Vila Real, feito por esses dois rapazes, que não estão cá, que um até era mulato, era brasileiro, um tipo que andava aí.. Era um marginal. Tinha muitos problemas. Mas não está cá. Tanto é que ele roubou umas coisas lá de casa e lixou-me, pôs-se a cavar...

Quer dizer, e depois, entretanto, surge... Eu não sei exactamente a data, mas sei que há uma altura em que a malta diz: «Bem agora, aqui e tal..., Lisboa é que era bom!» E mais daqui e dacolá.. «Lisboa..» E ▶

Bomba na Casa de Angola, em Lisboa

NUMEROS DO BOMBISMO

De Maio a Novembro de 1975 foram levadas a cabo, em todo o País, 292 acções terroristas. Por distritos a sua distribuição mais significativa foi a seguinte: Porto - 60, Lisboa - 42, Braga - 35, Viseu - 27, Leiria - 26, Aveiro - 18 e Bragança - 16.

Apos o 25 de Novembro _ e apesar dele __ a ofensiva terrorista não parou. Exemplo: so de Dezembro de 75 a Março de 76 foram levadas a cabo em todo o País 123 acções terroristas, nomeadamente, bombas, assaltos, incêndios, atentados a tiro e espancamentos. Alvo principal: o PCP, atingido por 35 dessas acções, seguido do MDP/CDE com 10. Porto e Braga foram os distritos mais «carregados»: 43 acções no Porto e 28 em Braga.

Totais de Maio de 1975 a Setembro de 1977: 572 acções terroristas. Avos políticos: PCP-160 acções (44 por cento do total); MDP-53 (13 por cento); Sindicatos-31 (8 por cento); PS-16 (4,6 por cento). Conjunto da esquerda, incluindo sindicatos, orgãos de informação progressistas, instituições culturais, Reforma Agraria e embaixadas e associações de amizade com países socialistas e africanos-378.

Documento

depois havia aquela história dos cubanos, em Angola e tal A Embaixada de Cuba Vamos para Lisboa, sim senhor, a Embaixada de Cuba! Vamos lá a ver.. Uma coisa a sério Quer dizer, ali começava mesmo a ser a sério

Ah, faltou uma das incríveis cá no Porto! Foi a Cooperativa Arvore! Desculpem, elas foram tantas e tão poucas! Depois, se quiserem voltava-se a fazer uma nova gravação! Mais com sequência, com os pontos mais de interesse. A Cooperativa Árvore também foi... (**Foi dos rebentos principais...**) Foi. (**Nessa não mataram ninguém?**) Não, não Foi só.. Por acaso, eles pintaram para aí a dizer que antes tinham saído umas pessoas, e que estavam lá... Não estava lá ninguém! Eu analisei que saiu toda a gente. E só muito de madrugada é que (**Quantos quilos é que foram postos na Cooperativa Árvore?**) Na Cooperativa Árvore, salvo erro, foram cinco quilos. (**E nessa altura já começavam a receber os explosivos por intermédio do Gonçalo?**) Era. A partir daí já se começaram a receber os explosivos por intermédio do Gonçalo (**Já agora que estamos a falar do Gonçalo, e antes de passarmos para Lisboa, havia ali muitas reuniões em casa do Gonçalo?**) Olhe, eu nunca cheguei a perceber o Gonçalo O Gonçalo mostrava-se ligado ao ELP, mostrava-se ligado ao MDLP, um tipo com muitas ligações, e tal Muito armado em senhor muito importante, andava sempre a cheirar daqui, a cheirar dacolá. Eu soube posteriormente que ele se arvorava em ser ele que fazia tudo isto e não sei que mais, mas foi sempre um pateta alegre, que nunca actuou em nada. Aliás, eu noutro dia disse-lhe: «Você qualquer dia, dou-lhe um tiro na cabeça que o lixo!.» E o gajo ficou todo, todo a tremer pelas pernas abaixo.. (ri-se). Tenho a certeza absoluta. Nunca actuou. Muita conversa, muitos conhecimentos, muitos contactos, mas nada, nada de activo. Nunca, nunca que eu tenha conhecimento.

Ah, aliás, através do Gonçalo, eu uma vez conheci uns gajos.. Conheci muito de repente, até porque uns palermas... Porque estando eu em Ponte de Lima, porque eu ia lá buscar o material a casa do Gonçalo. Não sei porquê, o Gonçalo... Aliás, eu vim a saber porquê o Gonçalo teve cuidado em nunca me divulgar a pessoa que lhe fornecia o material, porque o vendia muito mais caro que essa pessoa, que eu não sei quem era! (ri-se) Não faço ideia nenhuma, porque eu como não ganhava nada naquilo.. Porque eu soube mais tarde que... quanto custava realmente o plástico de origem de tudo isso. E o Gonçalo ganhava largamente. Aquilo parece que era a 40 paus o quilo e o Gonçalo vendia a 80, e depois haviam sempre uns manfios que entravam. Depois faziam-se umas «quetes» por aqui, «quetes» por acolá, dava ao Ferreira Torres, e juntavam-se umas massas do diabo

Muitos tipos que não eram actuantes arranjavam massa porque era preciso dar cinco contos a mim, dar cinco contos, por exemplo ao Manel, dar cinco contos ao Teixeira, foram as pessoas que mais alinharam assim juntamente comigo. Aliás foram eles que foram a Lisboa. A Lisboa também foi um indivíduo que é um parvalhão do diabo, aliás, acho que esse indivíduo divulgou muitas coisas que não devia ter divulgado. Era um tal Eu digo mais tarde para não estar a gastar fita! («Está preso?») Não, não, não está Por acaso devia estar!!! Isto agora, vingança pessoal,. mas eu depois digo.

Fomos a Lisboa, à embaixada de Cuba. Fomos a Lisboa com uma equipa: fui eu, o Manel, o Teixeira e esse gajo que trabalha na Efacec e ainda esse Décio Mas esse não interessa. Quer dizer, é um palermita! Não, não, não teve, nem sequer teve parte activa.. Fazia assim umas coisas. Bom rapazinho, mas nunca se meteu, não é! Uma vez foi comigo, quis meter uma bombita debaixo dum carro, e aquela merda não acendeu, e ele fugiu muito depressa.. Depois tive que andar eu a acender aquilo... Quer dizer, são pessoas que, quer dizer conotar assim tão longe, não é.. Bom se fosse assim, então havia meio Porto metido nesta história toda! (ri-se) Havia pelo menos meio Porto Porque essa era uma das pessoas. Era tudo anticomunismo! Era uma festa. Nós íamos para Lisboa, hospedávamo-nosss lá num hotel qualquer, às custas lá desses senhores. («Então levavam muito dinheiro para baixo?») Levávamos, levávamos uma importância qualquer, uma importância miserável Devo dizer que naquela altura tinhamos que actuar em Lisboa, tentar fazer mais qualquer coisa em Lisboa porque era para ser em duas embaixadas, e não se fez porque não havia dinheiro que chegasse. O único dinheiro que restava era para gasolina, para regressar, porque, senão, não regressávamos. («Qual era a outra embaixada, já agora?») Era a embaixada alemã. Eu ia falar nisso, na tentativa sobre a embaixada alemã. Há coisas que eu gostava que depois tivessem a franqueza de dizer se pensavam ou não que éramos nós.

Eu fui a Lisboa e fui à lista telefónica, para saber onde é que era a embaixada de Cuba. Eu sabia lá onde é que era a embaixada de Cuba! Bem, sabia que era ali na Avenida 'não sei quantos'.. Eu conheço Lisboa relativamente. Devo dizer que não gosto de Lisboa apesar de ter lá família. Mas nunca simpatizei muito com a cidade. Muito grande, muita confusão, aquilo, andar ali! (ri-se) Quer dizer nunca fui muito amante de Lisboa Embora goste de estar lá, com muita massa e tal... Mas como nunca tive muitas massas. E quando as tive gastei-as, que se lixe.. Tenho umas más recordações dumas gajas de Lisboa.

Cheguei lá para estoirar a embaixada de Cuba. Esta merda... A embaixada de Cuba!.. Aqui, quer dizer, era pôr bombas numa janela, na porta, era pôr bombas debaixo dum carro, e tal.. A embaixada de Cuba era um berbicachodo arco da velha! A embaixada de Cuba!!! Eu digo-lhes meus senhores e os senhores pensem lá o que quiserem, de mim Eu estive mesmo para desistir. Pôr uma puta de uma bomba na embaixada de Cuba!... Primeiro, e lá está a tal coisa que eu também peço que tomem em consideração, eu não queria matar ninguém A única possibilidade que havia de pôr uma bomba na embaixada de Cuba era de dia. Havia lá um porteiro, as portas estão fechadas, o gajo sempre ali.. Porque nós fomos dois dias antes para estudar a situação. Eu analisei a coisa pormenorizadamente, estive horas e horas a ver quem entrava e quem saía.. E disse: «A bomba lá vai matar gente.. e tal.. Até aqui não morreu ninguém» Porque até à embaixada de Cuba não tinha morrido ninguém. «Mas agora vai mesmo morrer gente. É uma merda! Foda-se.. e daqui e dacolá... morrer gente!...» E eu até passei lá duas noites que praticamente nem dormi a pensar naquela merda! Pus-me a pensar. Mas ao mesmo tempo ainda havia aquela minha vaidade pessoal de mostrar a toda a gente do que era capaz. Ao mesmo tempo, não sei se estupidamente se não, sei lá, achava que.. Eu sou vaidoso naturalmente! E achava que tinha que fazer aquilo Era uma coisa de que não podia desistir. Já não podia. Estava já duma maneira tal que não podia. E então concebi um plano Concebi um plano sem ter nada, concebi eu mesmo sem consultar ninguém, e um dia de manhã levantámo-nos e eu apareci à rapaziada todo bem fardado, de gravata. Sou muito vaidoso também no vestir. Até agora que estamos no Verão que se pode andar à vontade! Porreirinho, de fato, com uma mala, aquela mala igual à do senhor. E concebi o plano. Eu em tempos tinha trabalhado com um senhor que tinha relações com Cuba e que trabalhava em madeiras. Que importava umas madeiras de Cuba. Lembrei-me daquilo e fui lá ao porteiro entrei, todo perfumado, todo bem penteado, todo porreirinho, com óculos e não sei que mais. Sabe que eu tenho uns óculos de «ver» para quando vejo televisão e estou a ler porque tenho um problema na vista esquerda! E às vezes uso os óculos que dá assim um ar de pessoa mais civilizada e assim um ar de pessoa mais importante. Os senhores compreendem isto, não compreendem?!.. Cheguei lá.. e tal. Eu levava a mala completamente vazia, assim com uma papelada, uns papeis até relacionados com detergentes, nada relacionado com madeiras, para o caso de o gajo às vezes me mandar abrir a mala ou coisa assim no género E disse: «Boa tarde! A embaixada de Cuba em que andar é que é?» Farto de saber é claro Feito parvo E ele perguntou-me para que assunto era. «Trata-se de um assunto de importação de madeiras» E o senhor foi simpático e disse-me: «Faz favor! 5.º andar» Eu meti-me no elevador Subi ao 5.º andar. Tive a felicidade de subir sozinho Aliás, eu nesta minha acção tive uma sorte extraordinária. Não tive chatice, a não ser as dificuldades psicológicas que eu em mim mesmo encontrei. Dificuldades materiais, não as encontrei. Também se as tivesse não sei o que é que fazia. Eu inclusive a única defesa que eu levava era um esguicho de gás lacrimogénio. Porque eu tinha receio que até a arma me caísse.. Porque eu ia de camisa, gravata, casaco, assim todo muito coisa, assim, não tinha bolsos, tinha bolsos de chapa no casaco... Por isso levei só o esguicho. Bom: eu subi ao quinto andar. Carreguei no quinto andar. Saí no quinto andar e fui ao sexto. Porque eu sabia que no sexto é que me interessava porque era onde estava o embaixador, porque eles diziam que o embaixador estava no sexto andar. E subi a pé pelas escadas de serviço até ao sexto andar. Dei assim um bocado de tempo. Estive ali na escada de serviço bastante tempo, para dar tempo a que o porteiro não desconfiasse. A analisar! Como é que vou pôr aqui esta merda? Como é que vai ser? Quando fui lá a primeira vez não estava muito convicto e ia lá a segunda. Dei novamentte um certo espaço de tempo, desço novamente ao quinto andar pelas escadas de serviço Não sei se os senhores conhecem o edifício?! Meto-me no elevador e desço. Chego cá em baixo ao porteiro e digo: «Olhe muito obrigado Ainda vou voltar porque tenho que ir buscar uns documentos ao escritório, por isso ainda volto.» Quer dizer, para preparar o porteiro para a segunda vez não aparecer ali de «chofre» O porteiro muito simpático, acho eu que não notou nada..

E então foi nessa altura. Eu tinha o carro parado por trás, fui ter com a rapaziada e disse: «Bem vamos preparar imediatamente esta merda... Porque eu vou pôr a mala lá em cima». Eu já ia nessa altura também com a mala. «Bem eu vou pôr a mala lá em cima e isto vai ser uma merda do caralho! Vamos lá a ver o que é que vai resultar!» Prepara-se aquilo tudo, mesmo dentro do carro. Viémos cá para cima para a beira do estádio do Benfica, a preparar aquela coisa. Tínhamos que meter cinco quilos dentro da mala. Pus-lhe dois detonadores — é que podia falhar um detonador! Preparei tudo. Pus-lhe uma placa de cartão por cima e a mala ficou completamente na mesma. Exactamente na mesma! Levava os rastilhos para só ser preciso abrir a mala e acender o isqueiro. Vi o tempo que mais ou menos durei a ir, e sensivelmente três quartos de hora. Cheguei lá, estava o porteiro. «Olhe, vou então...» «Faz favor...» O porteiro acho que não desconfiou, até porque se desconfiasse... acho eu que não desconfiou nada. Subi rapidamente, ou seja meti-me de novo no elevador, e fiz exactamente a mesma coisa. Quer dizer, ninguém no coiso... Cheguei ao quinto andar, que também pertencia à embaixada de Cuba. Subi ao sexto andar. Mal cheguei ao sexto andar, o que eu queria era ver-me livre daquela merda. Acendi rapidamente não sei se acendi um ou dois rastilhos, tenho a impressão que só acendi um. Estava de tal meneira, eu sei lá... Eu parecia que... Estava debaixo duma tensão incrível. Eu só sei que acendi um rastilho, não sei se acendi os dois rastilhos. E vim para baixo. E os rapazes estavam à espera no carro. Quer dizer, eu actuei sózinho, sem qualquer espécie de... Até porque não convinha. Eles mesmo nem acreditavam que se fosse capaz de fazer uma coisa daquelas. Meti-me no carro e arranquei. Arranquei por trás, assim em direcção aquela rua por trás da maternidade, e quando ia mais adiante, ouviu-se a explosão. Pumba. Aquela merda foi do caraças! Aquilo foi mesmo! Eu não fiquei contente. Não fiquei contente... Não fiquei contente porque logo de seguida ouvi ambulâncias e merdas, e até fiquei bastante..., fiquei bastante... E ainda havia a embaixada da alemanha, porque convinha ser duas embaixadas, e eu... Primeiro só havia dinheiro para a gasolina... E a malta: «Bem, mas vamos lá num instante...» Mas eu não estava já em condições. Isto tinha sido arrazante para mim. Eu envelheci com isto. Incrivelmente até me dá a sensação que me começou a cair o cabelo, por causa disto. Agora só mais tarde é que eu comecei a ver realmente. Era uma vida, era uma vida estúpida, era uma vida digamos de mercenário, em que, embora eu reconheça que os cubanos estivessem em Angola intrometidos ilegalmente, essa é a minha opinião, embora achasse que devia ter feito aquilo, no fundo achava bem destruir a embaixada de Cuba mas não com as pessoas lá dentro. Porque continua-me a pesar de certo essa história, a pesar e bastante. Depois mais tarde eu vim a sentir isso por outras situações.

E pronto, viemos. Viemos mas não há dúvida nenhuma que cheguei aqui ao Porto e fui recebido de braços abertos. A embaixada de Cuba! De maneira que o senhor Joaquim Ferreira Torres, para festejar, deu-me 10 contos. Foi muito bom para mim, quer dizer tudo aquilo de que eu vinha mal disposto de lá de baixo, pelo menos aparentemente, de maneira alguma não há dinheiro algum que pague. Aquilo que eu fiz, nem isso é pago com dinheiro nem com nada. Parto do princípio que eu fiz, e eu sou na verdade o responsável porque fui eu que fiz, nessa altura já tinha trinta e quatro anos, como tenho agora, e não era nenhum menino, e não sou doente mental, e sabia bem aquilo que iria causar. Eu iria causar vítimas. Disso não tinha dúvida até porque sabia já a força da explosão. E as pessoas cá diziam: «É mesmo para matar a Puta que os pariu!» (desculpem o termo) É mesmo

— «Negócios de moedas, e negócios de outro, e negócios daquilo, mandar caixas para o Brasil, e mais isto, mais aquilo, importações assim, por baixo da 'cortina'...»

●

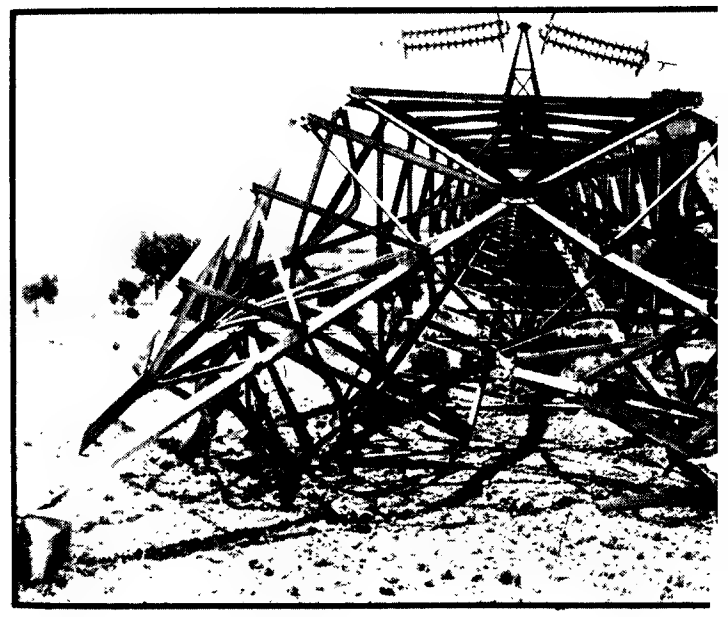
— «E o senhor Regadas chegou à minha beira e disse: 'estão aqui os trinta contos que deu o comendador...'».

— «Eu uma vez estava em Ponte de Lima e ele (Gonçalo Martins) estava lá a falar com uns indivíduos, mercenários da FNLA ou da Unita, ou coisa assim...»

●

— «O senhor Joaquim Ferreira Torres que delineava todas estas coisas...»

Bomba em S. Martinho do Campo: uma mulh



Na tomada de posse do Presidente da República em 14-7-76. de alta tensão, em Alverca

ulher morta

76. ete bombas destroem torres

trabalhador, a festa dos trabalhadores, nhé, nhé, nhé,..., e tal... Eu não sei exactamente as conversas todas, porque se soubesse as conversas todas saia cada uma daquelas de se lhe tirar o chapéu... Primeiro de Maio. Exactamente. Era preciso fazer qualquer coisa em Lisboa. Mas o quê fazer em Lisboa?! O que é que se há-de fazer, o que é que se há-de fazer? Sugestão. Sugerem a ideia de ir com o meu carro lá baixo. Fomos no meu carro, ou noutro qualquer indiscriminadamente, e decide-se colocar uma carga a sério na Avenida da Liberdade, junto do Partido Comunista, o mais próximo do Partido Comunista, para dar a entender... Vocês não sabiam desta! Vocês não ligaram isso a mim!

Lá se conseguiu um carro. Era um mini. Pôs-se na mala uma carga, uma carga boa, julgo que à volta de 20 quilos, não preciso bem, mas julgo que mais de 20 quilos não foi. Foi talvez 17. Era o resto que havia. Naquela altura arranjou-se o máximo que havia por aí e zuca, tudo na mala do carro e há que arrancar com o carro por aí abaixo. Foi o meu carro à frente e esse tal filho da puta que fala para aqui também me fez companhia nessa altura. O Rangel, da Efacec. Que mora não sei aonde na minha lista dos telefones. Eu posso-lhes dizer isso mais tarde porque há lá números de telefone que não interessam nada. Que são das minhas raparigas e outras pessoas. Uma coisa que eu estava preocupado é que estava lá um número de telefone do general Galvão de Melo e eu palavra de honra de homem que nunca tive qualquer relação no aspecto terrorista com o general Galvão de Melo. De resto é uma pessoa por quem eu tenho muita consideração porque já o conheci dos tempos da tropa. E várias vezes me ajudou a livrar-me... desenrascarmo-nos nos fins-de-semana e mais umas coisas! A malta arranca, a malta arranca para baixo e levamos o carro para baixo e nessa altura, não sou eu que faço. Eu também não fiz tudo embora contribuisse largamente. Levou-se o carro para baixo e fomos então os quatro, eu, esse tal Rangel que a mulher lhe batia nele e ele dizia que..., e a mulher dizia que ia fazer queixa de toda a gente..., e não sei que mais..., o Manuel e o Teixeira. Nessa altura eu cheguei lá, parámos o carro. O meu carro ficou do lado da Avenida, aliás, os dois carros, e fomos dar uma volta a pé, a ver o panorama da situação. «É uma chatice. Merda! Gente a passar para baixo e para cima... Gajos deitados no meio da Avenida... Que chatice!» Nós a conversarmos uns com os outros. Porque no fundo, éramos pessoas que, apesar de nos meter-mos nesta merda, queríamos evitar ao máximo qualquer chatice. Foi então que o Manuel e o Teixeira disseram: «Ó pá, isto não há problemas nenhuns. Há aqui uma zona por aqui acima, em frente ao... Não pára aqui ninguém. Aqui no meio da feira do livro, um gajo mete aqui o carro. Sai daqui o rastilho, pira-se, e isto não tem hipótese nenhuma de matar ninguém.» Quer dizer, andavam por ali assim pessoas, mas às cinco ou quatro e meia da manhã isto não magoa ninguém. Infelizmente matou um miúdo que se calhar nem tinha nada a haver com esta merda. E pronto. Quer dizer, foi o Manel e o Teixeira que foram lá com o carro. Eu fiquei com esse palerma desse Rangel, que tremia como varas verdes, cá quase um bocado mais acima, à espera que eles chegassem. Eles chegaram, calmamente para não alertar. «Então que tal está? Então que tal está? Vamos embora...» E viémos por ali acima, trrrrr... e ouviu-se a explosão quando vínhamos a chegar ali perto do jardim do Parque Eduardo VII. Já tínhamos passado o Marquês e vínhamos... («Você então ficou à espera cá em cima pela explosão?») — Eu não fiquei à espera. Deu-me a nítida sensação, isto é verdade, na altura exacta da explosão, eu parei o carro porque me deu a nítida sensação que eu vinha com um pneu furado. Mas mal ouvi a explosão... Arrancámos por ali fora. E estava mais uma merda feita. Ficámos chateadíssimos quando soubemos pelo jornal, através da rádio, no outro dia, que tinha havido... Merda! Uma coisa que era escusada, e essa coisa toda..., mas... Chegaram a dizer até que era um militante do PCP que andava ali a fazer guarda, não sei quê. Tivemos pena dele. Eu fiquei muito revoltado, porque quando estava cá em cima até disse: «Nunca mais faço destas merdas. Porque isto já me começa a dar cabo da consciência. Não faço mais destas merdas». Digo-vos francamente! Quer dizer, eles nunca me pagavam aquilo que prometiam. Eu se queria a,guma coisa tinha de andar sempre «eu preciso», «eu preciso», «não sei quê»... Eles sabiam que eu não pagava o aluguer... Eles sabiam todas essas coisas. Eu vivia com tremendas dificuldades. Com tremendas dificuldades. Muitas vezes ia comer a casa dos meus pais, à noite, porque não tinha dinheiro para comer. Eu e a minha mulher — minha mulher, de quem eu estou divorciado mas eu digo sempre minha mulher, porque é porreirinha! — é que me dava de jantar e todas essas coisas. Eu sentia sempre tremendas dificuldades. Eles nunca me davam, quer dizer... Tinham ludibriado de tal maneira e nunca me davam realmente aquilo que eu queria. Vim para cima, e tudo continuou na mesma. Quer dizer, as insistências continuavam. E novamente insistiam em Lisboa.

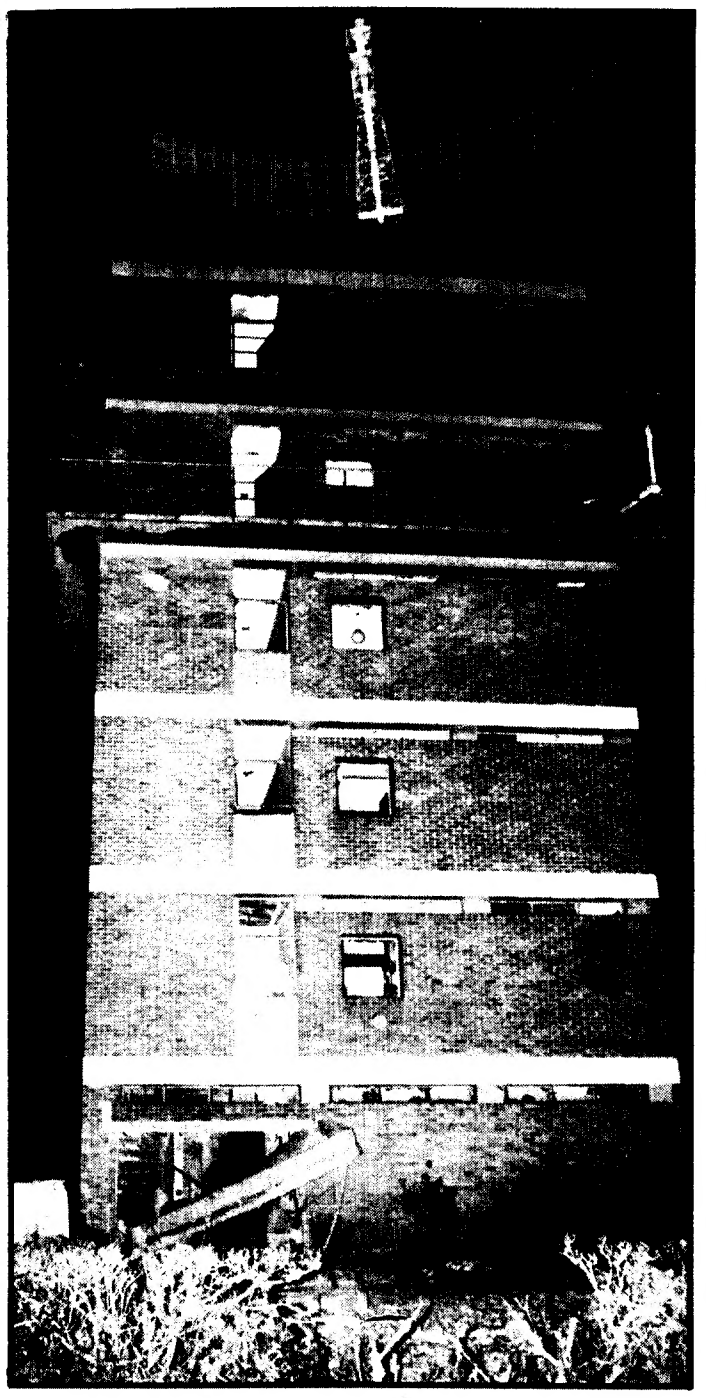
Com uma ou duas alternativas de menos importância cá no Porto, mas Lisboa é que era realmente o que interessava fazer. Bom, em Lisboa... O que se ia visar em Lisboa era o atentado contra a Embaixada alemã, República Democrática pois a democrática é a que fica do lado de leste?! Exactamente. Democrática Alemã. Que é lá no alto da Fonte Luminosa. Lá vamos os três mosqueteiros. Nesta altura, passámos só a ser três. Os três mosqueteiros: eu, o Manuel e o Teixeira. Andávamos sempre os «Roques e a amiga» ou «os dois Roques e as duas amigas», ou qualquer coisa... Metemos o material e essa coisa toda e chegámos lá. E notámos, depois de um estudo pormenorizado da situação, notámos que havia, que havia... Não era possível! Não era possível porque a Embaixada estava guardada. Aliás, elas ficaram todas guardadas após o atentado contra a Embaixada de Cuba. Mas estava fortemente guardada! Não só por um sistema policial, um polícia lá dentro, outro cá fora, como inclusive nós notámos pessoas civis que faziam por ali... Porque estavam à tarde, estavam à noite, estavam de manhã, à tarde e à noite, as mesmas caras. E nós passámos, umas vezes de carro, outras a pé, de óculos escuros, e tal..., por ali mais ou menos a ver. A ideia era pôr a coisa através da obra, duma obra que andavam lá a fazer, saltar rapidamente lá dentro, largar o brinquedo, como nós lhe chamávamos, e deixar aquela merda rebentar. Não se concretizou, quer dizer, a malta deliberou democraticamente porque nós não fazemos nada sem... Ah, deu-nos a certeza absoluta que havia uns tipos dentro de uma furgoneta com alguma metralhadora na disposição de chacinar fosse quem fosse. Fiquei com uma ligeira impressão que eles estavam avisados que ia acontecer alguma coisa. Fiquei com uma ligeira impressão... Nunca tive a certeza, mas, na minha opinião, a minha experiência, que havia qualquer coisa ali que não deu certo.

Telefonámos para o Porto. «Olhe e tal não se pode ir ao fado. Não se pode ir ao fado, e tal!...» «Bem não se pode ir ao fado, toca a ir ao outro fado». O outro fado era o Aeroporto de Lisboa. O Aeroporto de Lisboa, que era uma estupidez. Foi a coisa mais estúpida. Porque a bomba na Embaixada. Aqui dizia-se que deixavam entrar os cubanos, que deixavam entrar material para a república coiso... Agora a bomba dentro do aeroporto! Queriam que fosse posta dentro do próprio aeroporto! Eu recusei-me obstinadamente a uma coisa dessas. Era um disparate. Aliás eu vi aquela merda e vi logo que se iam matar pessoas inocentes. «Nem pensar numa coisa dessas. Eu não faço! Eu recuso-me peremptoriamente!» e os rapazes disseram: «Não, pois claro. Então vamos agora fazer isso?! Nós não somos assassinos nenhuns. Já estamos fartos desta merda e não levamos nenhum». Ultimamente, já era esta a nossa conversa. «Já não levamos dinheiro nenhum. Andam os gajos aqui a dar-nos uma merdas de fome nem dá para as despesas, e depois, mais dois contos e quinhentos para aqui, mais uma merda...» Era assim. Andámos lá, demos umas voltas... Novo telefonema para o Porto. «Não, no aeroporto não», eu disse. «Tem de ser qualquer merda dentro do aeroporto!..» E eu disse: «Não, eu dentro do aeroporto não faço isso». «Mas então, qualquer merda dentro do aeroporto. Todo o aeroporto...» «Mas qual todo?» «Todo!» «Então vamos à torre do radar...» Sabiam desta?! (Resposta afirmativa dos agentes): Vocês são fantásticos! (Ri-se). Eu pensei que não sabiam. Mas porquê?! Comecei a deixar uma determinada marca, não?... Havia um cunho pessoal, talvez... (agentes: **a determinada altura há um cunho pessoal**). Infelizmente. Infelizmente... Chego ao aeroporto. Tínhamos que pôr as bombas e tentámos entrar lá dentro. O melhor processo de entrar dentro do aeroporto, como é? É furar a merda da rede. Corta-se a rede, truca, truca, truca... e vai-se lá. Eu, primeiro eu, sozinho, rebente a rede. Rebentei a rede ali junto do coiso. Subi por ali a cima a correr pela outra rede. Rebentei a segunda rede da coisa, quando tinha uma porta (ri-se) a dez metros ou coisa!... Mas só depois de eu ter rebentado a rede e de termos entrado lá dentro, através da rede, é que descortinámos a porta. Nessa altura, saímos pela porta. Eu fui, fui eu que rebentei as duas redes... E fui analisar, a inspecção... Eu, eu, quer dizer, nunca sacrificava os rapazes às primeiras coisas. Eu gostava sempre de... E depois, não havia alternativa. Tanto um como o outro são extremamente valentes e porreirinhos e nunca nenhum se recusava. «Agora tu, ou tu?» O problema era sempre que queriam ir os dois. Mas, claro, não podiam... Por que tinha sempre de ficar um no carro. Foi nessa altura, o Teixeira que foi comigo. O Teixeira até fez muito gosto em pôr ele a bomba no radar e eu fiquei-lhe a fazer guarda. Quando de repente cheguei lá a cima estava a inspeccionar o radar à volta, porque eu rebentei a rede e mal tive a possibilidade ter as duas redes rebentadas, vim logo para baixo dizer que podíamos avançar para cima, e quando eu estava à espera: «Ó pá, uma puta duma porta! E estive eu com um trabalho do diabo!» Aquilo deu um trabalho dos diabos, com um vulgar alicate! (ri-se) Ali a «lixar» aquela merda... «Ó Teixas, então tu pões?... Queres pôr?» Quer dizer, tanto valia pôr eu como ele. Já que ele estava lá... Ele é que gostou daquela merda. Foi salvo erro dez quilos, ou coisa assim no género... Normalzita... Que levávamos num plástico. Encostou-se lá aquilo, lá num... no interior. Acendeu-se o... a carga. Imediatamente corremos para o carro, demos uma volta e scht! Fomos aliás sair ao Campo Grande para vir depois ali pela Avenida de Igreja ou coisa assim no género. E quando vamos ali à beira do jardim do Campo Grande PUM... Pronto! Um estrondo!... Foi um buraco do arco-da-velha. Bem, desta vez não morreu ninguém. Porque eu tenho a certeza absoluta que não estava lá ninguém. A menos que os gajos entretanto tivessem chegado. Coisa que eu não prevejo. Foi das que eu mais ▶

— «Houve uma quando foi da tomada de posse do general Ramalho Eanes. Essa foi feita para chatear. Para tentar virar o general Ramalho Eanes contra a malta de esquerda...»

●

— «Eu conheço muitas pessoas que gostam do Kaúlza de Arriaga e perfilham as ideias do Kaúza de Arriaga...»



Bomba nas instalações de radar do aeroporto. Esteve para ser no cais de desembarque!...

— «Nesse mesmo dia o senhor comendador Abílio de Oliveira deu seiscentos contos ao MDLP para a compra dumas armas...»

●

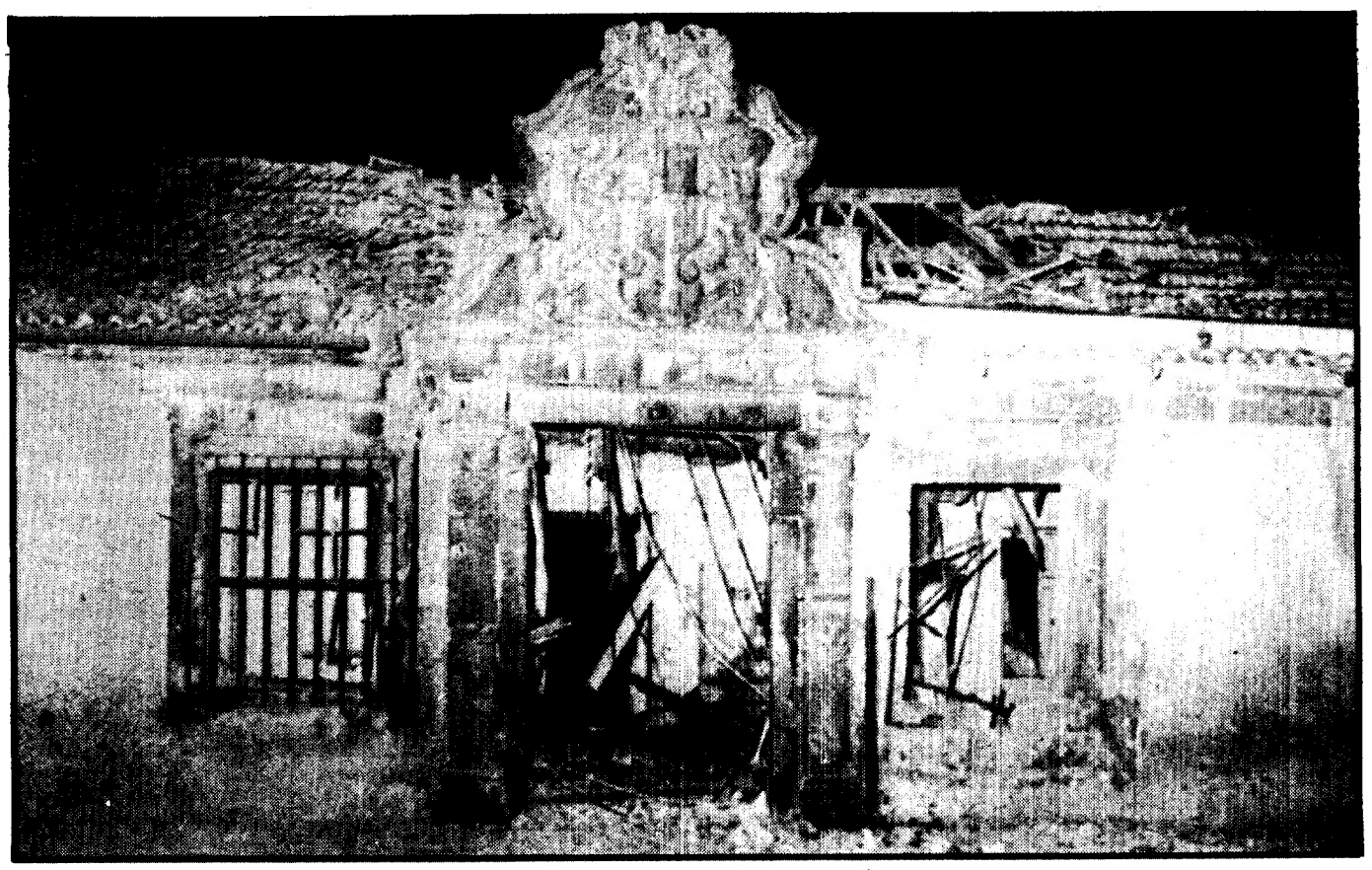
— «As armas foram guardadas primeiro em casa do sr. Joaquim Torres e depois transportadas para o Comando da Polícia...»

para matar! A malta cá. Até porque os rapazes que iam comigo: «Chato, e tal, matar gajos!..» A malta, a malta do meu nível, do meu nível moral não estavam assim bem preparados.

Porto. E pronto. No Porto houve assim mais umas barracazitas, mais umas chaticezitas por aí... Mas nada de nomeada, que eu me recorde. Mas no entanto continuavam a haver as pressões para que houvesse mais coisas. Entretanto surge o primeiro de Maio. Isto já lançado, já este ano em 1976. E a embaixada de Cuba foi um mês antes provavelmente. Entretanto eu dedicava-me, sei lá, a chatear um gajo, já não sei quem.

Ultimamente os rapazes, duma maneira geral, acompanhavam-me. Eram levados por mim, eu tinha uma influência bastante forte sobre eles. Como se sentiam em certas dificuldades financeiras e como eu dividia sempre o bolo, como eles poderão provar, puderam sempre comprovar que era assim, fui sempre honestíssimo para com eles. Eles podem provar... Eu dizia: «Ó pá, vamos a uma missão 'tal', isto dá 'xis', claro, e o que der dá...»

Agora chegámos a um ponto, e eu não sei se vocês sabem desta ou não sabem, o centro da confusão. Surge o primeiro de Maio e era preciso fazer qualquer coisa em Lisboa. Era preciso fazer qualquer coisa em Lisboa... Ora eu não tenho bem a certeza... Surge o primeiro de Maio, dia do



Bomba na Cooperativa «Árvore» do Porto

◀

gostei de fazer. E fiquei mais descansado porque pessoalmente analisei, e até disse cá para mim: «Bem isto é uma merda!... (ri-se). Um aeroporto assim! Estes gajos são uns camelos!» Eu disse cá para mim: «Então um aeroporto assim?! Estes gajos estão mesmo...» Não, eu digo-lhes uma coisa, eu digo-lhes uma coisa: Se nós tivéssemos o aeroporto completamente devassado, e até se tivéssemos, se tivéssemos naquela altura, — isto já de mote próprio, de mote próprio a nível dos três, porque nós chegámos a falar, depois de se ter rebentado a coisa — éramos para ter rebentado um avião russo que estava em plena coisa. Somente não tínhamos era rastilho suficiente porque estava a certa distância. Porque o aeroporto esteve completamente devassado. Eu fui depois, antes de rebentar a carga, passear ali em toda aquela área a analisar e até achei uma certa piada. Pronto! E aqui finaliza a história do aeroporto. Arrancámos para baixo. A do aeroporto foi francamente a que eu gostei mais de fazer. Porque achei que... até que ponto os homens dão facilidades a outros homens! E viémos embora e ficámos muito satisfeitos... Até porque aquela não causou mal nenhum.

Entretanto, dá-se a do aeroporto e surge o contacto com o senhor comendador Abílio de Oliveira. Oue nos chama lá porque tem uns trabalhos a fazer. Uns gajos que o andam a chatear e não sei que mais, e tal... E é nessa altura que ele indica S. Martinho do Campo. Ponha aí um parentesis para eu falar sobre Alcobaça. Já agora, digo tudo. Alcobaça... depois... Não se esqueçam!... Fui falar ao senhor comendador Abílio de Oliveira e tal, pessoa que eu já conhecia, que deu as massas para a coisa e tal... Havia uma série de merdas a executar: «É tudo o que for preciso, e mais isto, e aquilo, e mais aqueloutro!...» E vamos a S. Martinho do Campo. Oue foi muito chata. Para mim, pessoalmente, foi extremamente chata. Primeiro, porque foi uma borrada em três tempos. Com a precipitação toda, acabaram por detectar a matrícula do meu carro, que não era o meu carro, mas sim um carro que era utilizado naquelas coisas, mas que às vezes circulava com a matrícula do meu carro dum lado para o outro, para... não sei porquê. E chegou-se lá, e não se fez a matrícula como se devia, em vez de se pôr uma pôs-se outra. Foi uma merda! Aquilo correu tudo mal! Mas nós só nos apercebemos disso mais tarde quando até veio no jornal. Fiquei doido com aquilo. Claro, e mais quando soube da morte da mulherzinha fiquei horrorizado. E a partir dali comecei a pensar seriamente em... (perguntam os agentes: Mas a finalidade quando lhe pediram para pôr a bomba, não era para matar ninguém?) Não, não, de maneira nenhuma! Quer dizer, não foi pedido isso. Oue fique bem assente. Era chatear. Chatear, chatear sem... Aliás o comendador, pois isso, verdade seja dita, ficou muito chateado, e até disse: «Ó pá, estas coisas... Assim não!» Isso é verdade e a verdade também deve ser dita. Aquela história... Não percebo. Ainda hoje digo. Foi uma carga relativamente pequena, foi um quilo daqueles de geolite, chamado plástico. E não percebo. Não percebo francamente como é que aquilo deu aquele buraco. Tenho a impressão, tenho a impressão que havia umas garrafas de gás. Até porque digo-lhes mais, a geolita foi atirada assim para a entrada da porta e de passagem com o carro a deslizar, e foi atirado assim... Uma coisa. Um quilo não é nada de especial. Não era de maneira nenhuma. Eu tenho... A explosão foi de tal ordem violenta que eu disse: «Porra! Mas o que é que se passa?!» E o incêndio logo! Logo um incêndio! Dá-me a nítida sensação que houve explosão de garrafas de gás. Porque eu pareceu-me ver, pareceu-me ver qualquer coisa, e posteriormente vim a saber que eles realmente parece que eram agentes de gás, ou que havia ali umas garrafas. Não houve de maneira nenhuma, ali, qualquer intenção. Aliás como em nenhuma, para além da Embaixada de Cuba em que sabia que iamos matar pessoas. Eu fiquei horrorizado com aquilo. Porque parece que a mulherzinha até nem tinha nada a ver com a situação, e sobretudo não gostava que ela morresse.

. E depois parei um bocado. Parei porque comecei a ver certas merdas e certas confusões e outros a fugirem com o rabo à seringa. Ficou toda a gente horrorizada com aquela história. Aquela história de aparecer no jornal... Eu fiz um bocado de pressão: «Vocês vejam lá!» — «Não, isso não é problema! Deixas correr, deixas correr, e coisa...» E começámos assim. Foi aí que eu notei francamente o começar do afastamento. O afastamento das pessoas. Assim!... Assim, serviram-se e depois deixaram a coisa!

Depois fez-se qualquer coisa aqui mais no Porto, também para chatear. Assim no género de chatear. Não não foi para chatear. Foi um gajo, e esse gajo eu até tive um certo prazer em fazer isso. Lembro-me que... Porque foi um gajo que destruiu a sede do CDS. Eu sei quem é o indivíduo. E foi ele que pôs a bomba na sede do CDS. Eu tenho o nome do gajo aí num lado qualquer e sei exactamente onde ele mora, que é ali para cima, para Campanhã, para a rua não sei quê,..., do Lagarteiro. Uma bomba que... esse filho da puta, foi ele que pôs a bomba. Aliás foi identificado pela nossa malta que o gajo viu-se passar no carro que ele tinha. Mal ele pôs a bomba o carro passou. Passou naquele momento e foi o gajo que tinha posto uma bomba no CDS. E eu, por uma questão de vingança, até pessoalmente... Que chatice, uma bomba no CDS... Não achei bem. Não achei bem aquilo. E pus mais umas bombitas à porta do Partido Comunista, uns carros que foram ao ar... dois «volvos»... Uma vez um carro «volvo» e outra vez mais outro carro «volvo»... (os agentes perguntam: E o do emigrante? Porque é que deitaram uma bomba no carro de um emigrante?) Era do Partido Comunista. Trazia uma bandeira mesmo do Partido Comunista o emigrante! Era um carro sueco.

Houve uma muito próxima, quando foi da tomada de posse do general Ramalho Eanes (agentes perguntam: Via Longa?) Exactamente. (ri-se) Foi essa. Essa foi feita para chatear. Para criar..., para tentar virar o Ramalho Eanes, o general Ramalho Eanes, contra a malta de esquerda, e tal... chateando. Essa bomba correu muito bem. Somente não sei como aconteceu, isto há coisas incríveis que acontecem na vida das pessoas. Acontecem coisas incríveis na vida das pessoas! Foi o seguinte: no sítio exacto onde nós deviamos desembarcar para ir pôr as cargas, quando chegámos lá, estava um camião da TIR parado com uma avaria que esteve quase durante hora e meia sem andar. Depois, quase ao romper da aurora é que ele arrancou e nós não pudemos fazer todo o trabalho. Todo porque era para irem a linha dos seis postes todos abaixo. E aquilo foi feito muito à pressa, dentro do melhor que se pôde fazer, e foi só a razão porque só foram aqueles postes abaixo. Nessa altura fui eu e o Manuel e actuou um outro rapaz pela primeira vez. Aliás, dois rapazes pela primeira vez, que ficaram de tal maneira apavorados que nunca mais quiseram ir. (Os agentes interrogam: E são daqui também?) São, são cá do Porto. Mas não interessa... E nunca entraram em nada... Entraram daquela vez, a pedir e tal... Sabiam mais ou menos e era malta porreirinha que nunca se meteu nestas andanças e meteram-se naquela vez... E aliás ficaram lá, um vomitava e o outro tremia!... E fui eu praticamente o Manel. O Teixeira não entrou porque o Teixeira entretanto abandonou completamente porque se estava para casar, e não queria. A miúda dele sabia mais ou menos certas andanças em que ele andava metido e recusou-se... não deixava que ele andasse. E pronto.

— «Entretanto eu alternava isto com umas seguranças ao CDS. Ia aos comícios do CDS com o general Galvão de Melo, pessoa que eu conheço dos tempos do serviço militar... simpatizava muito comigo...»

E à parte duma ou outro lição que por falta de memória...: (Os agentes: Falta Alcobaça!...) — Alcobaça? Mas fica aí também? (agentes: Pode ficar.) — Alcobaça, exactamente. Vocês dizem que foi um engano... Aquilo era antigamente uma casa dum tipo que era comunista. Mas depois... Entretanto disseram isso muito antes, e depois nós um dia passámos... Tinham dado essa indicação de Alcobaça, que era um gajo muito chato, ou uma gaja muito chata lá de Alcobaça, que eu nunca cheguei a saber. E nós um dia, de passagem para Lisboa... Até havia um indivíduo que nos tinha prometido umas massas e tal, que era um gajo ligado aqui a esta malta do Porto, lá de Alcobaça. E... finalmente depois o homem acho que já tinha passado aquilo, ou não sei quê. De qualquer das maneiras eu lamento imenso. Não sabia e pronto. Era mais uma menos uma. Também foi um estar-dalhaço do diabo! Foram cinco quilos que foram lá postos...

De caminho, houve uma vez um gajo em que o Manel foi mijar à beira de um gajo de louças. Mas tipicamente parados para mijar! E houve um gajo que veio dar um tiro a janela!!!... Vocês não sabem duma grandada de tipo... que rebentou? Uma vez, nós chateados com o gajo, «Ah este gajo dá tiros?!», nós passámos, numa daquelas nossas idas e vindas a Lisboa, mas só metemos uma granada daquelas ofensivas lá para o meio. Escacou-lhe aquela merda toda ao gajo... (agentes: As granadas ofensivas tinham sido fornecidas pela Polícia?) — Quase todas.

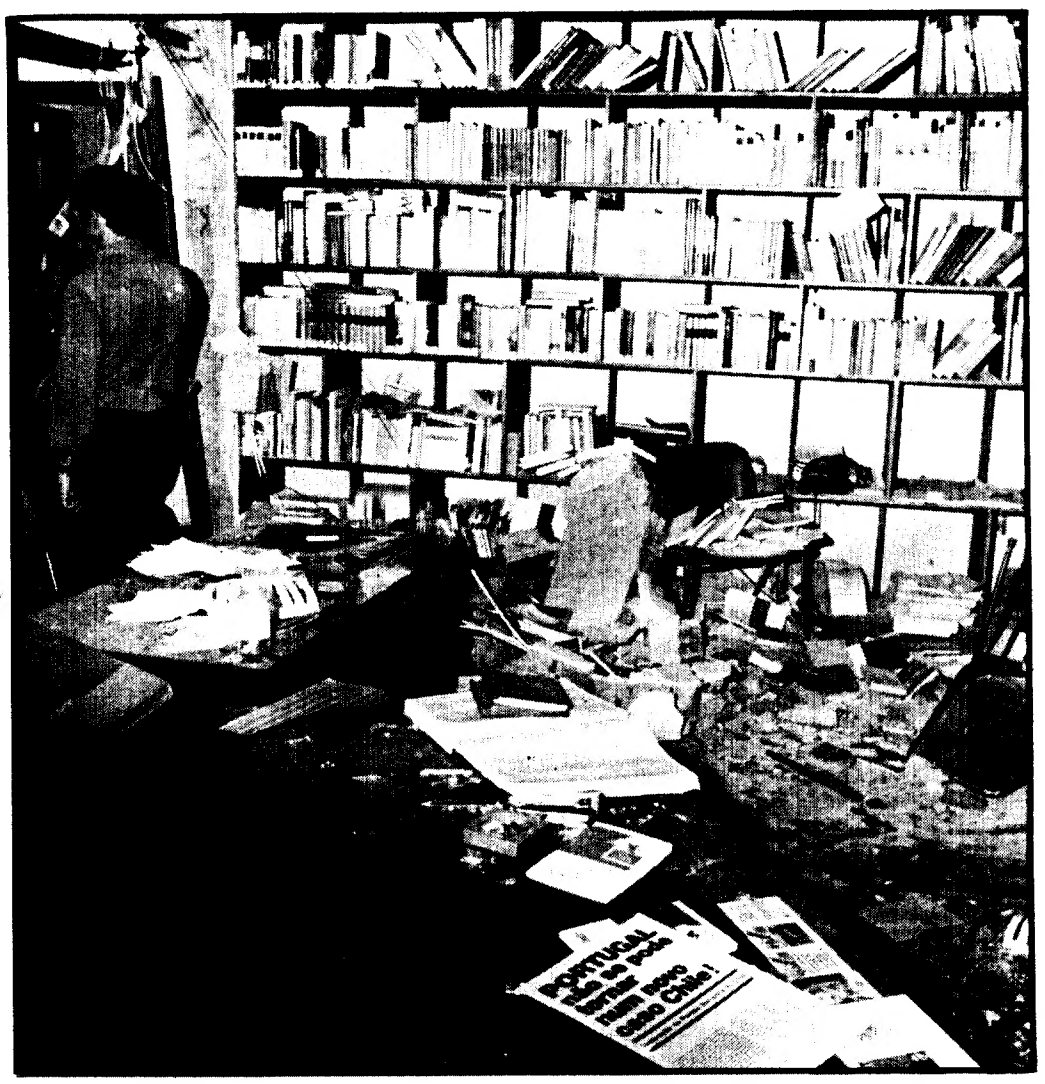
(Agente) — Agora só não percebo uma coisa. Você falou aí que o Cardoso da Soudade também estava ligado a vocês em Braga...

(Ramiro) — Bem, quer dizer, ele estava ligado...

(Agente) — Porque é que rebentou também a casa dele?!

▶

Documento DL



Bomba na Associação de Amizade Portugal-RDA, em 23-7-76

Documento

Foi por tipos do seu grupo?

(Ramiro) — Não. A casa dele foi mesmo por tipos de lá...

— Não actuaram vocês?

— Não, não! Foi uma carga sem significado. Quer dizer, aquilo foi mais os vícios partidos.

— Então é outro grupo para além do vosso?

— Sim, eu estou convencido que havia grupos de esquerda a actuarem embora numa dimensão muito mais... muito menor.

Posso ter omitido uma ou outra que... se lembrando... Que é o caso de Miramar. É que havia lá um indivíduo em que nós pusémos ao mesmo tempo uma carga na casa do indivíduo, que era um famigerado comunista... Não é?!... Esse eu conhecia-o mesmo. Pusémos também numa «Citroen» de «dois cavalos», e, quer dizer, as pessoas estavam todas doidas porque não sabiam como é que tinha rebentado a «Citroen» (ri-se) e a casa ao mesmo tempo... E eram as mais variadas versões sobre a situação. E assim de momento, que me lembre... não tenho mais nenhum assim... (agente: O indivíduo que lhe dava mais dinheiro foi sempre o senhor Joaquim Torres?) — Sim. Quer dizer. Ele foi o indivíduo que mais estava interessado em todas estas coisas. Em relação ao comendador, deu uma vez dinheiro para o MDLP, e quando foi da de S. Martinho do Campo prometeu mundos e fundos para desencadear uma determinada... a chatear uma série de pessoas. Chatear... Não era para tentar do género de... mas chatear, até inclusivamente empregados dele, e mencionou: «isto não há problemas nenhuns, e tal. Até porque são quinhentos ou seiscentos... E o que for preciso, e não sei que mais...» E depois acabou por entregar ao senhor Regadas, que foi lá buscar trinta contos. Não tenho dúvida nenhuma porque o senhor comendador confirmou-me isso no domingo passado, em que eu fui lá dizer que estava sem massa e que precisava de massa que ele tinha prometido, e que ma devia dar. E o senhor Regadas chegou à minha beira e disse: «Estão aqui os trinta contos que deu o comendador». E o senhor Regadas ficou com quinze contos e eu fiquei com quinze contos também. E pronto, e foi isso.

(Os polícias mostram fotografias para ele identificar)

— Não.

— Também não.

— Não, francamente. Não pense que eu estou a...

(Agente) — Por amor de Deus...

— Talvez seja um gajo que eu conheci através do Gonçalo. Não cheguei a frisar sobre esse problema! Que eu uma vez conheci uns gajos...

(Agente) — Este conhece?

— Só se é também do género do Gonçalo... Mas não tenho bem a certeza. Francamente deste não tenho bem a certeza.

(Agente) — Este também não?

— Este não, este nunca o vi.

(Agente) — Eu estava muito esperançado de que conhecesse este...

— Não, não posso. Digo-lhe com toda a certeza. Eu conheci uma série de indivíduos... As fotografias também não estão assim muito, muito...

(Agente) — Esta é reçente.

— Umas vezes usam barbas, outras tiram as barbas muito rapidamente!... (Nova foto) foi malta nossa, não foi?

(Agente) — Foi o Teixeira. E antes aparece o tal gajo, o tal que eu já tinha perguntado se costumava estar com vocês?

— Ah, não. Sem querer omitir uma de menor importância... Se às vezes se lembrar!... Mas estou convencido que as de mais importância... todas não me esqueci.

(Agente) — Deve ser daqueles que foram a uma e que se cagaram e fugiram.

— É. Coisa assim no género...

(Agente) — Gajos de massa que contribuiam, lembra-se de alguns?

— Que me tenham dado a mim pessoalmente, não. Era a malta à volta do Ferreira Torres. Havia um tal... como é que se chamava o gajo...

— Tudo aqui do Norte?

— Sim, tudo aqui do Norte. Havia um indivíduo de Valongo, dos pneus, que era... como é que se chamava o homem... um tipo porreiro. Que esse dava ao Ferreira Torres! Esse aliás era uma das vítimas do Ferreira Torres, que ele uma vez até se esteve a queixar a mim e muitas pessoas. O Ferreira Torres recebia dinheiro de toda a gente. Era um ricaço! Inclusivé fazia reuniões e «é preciso tanto, é preciso tanto». E pronto. E por exemplo vendia automóveis e dizia «vocês compram os dólares mais caros, porque são do MDLP»... O MDLP tem dinheiro que até chateia!

— Aquelas bombas de Braga... Houve aquela reunião prévia de que você me falou... E entrou muita gente naquilo? Foi tanta bomba por todo o lado, que foi muita gente!...

— Foi muita gente. Foi muita gente que eu até já nem me recordo quem era. Tantas bombas...

— Então não eram só vocês os três! Não queiram arcar com as responsabilidades todas!

— Ah, não, de maneira nenhuma... Não, de maneira nenhuma.

— Então mas quem é que foi mais?

— Sei lá. Foi muita malta ligada o MDLP que eu agora... quer dizer... Aquilo era tanta malta... e foi nos inícios em que eu fui integrado no MDLP que eu... Era muita malta! Era o Pedro do MDLP, eu sei lá... Uns capitães quaisquer, eram uns tenentes, era muita malta!...

(Agente) — Capitães e tenentes!

— Pois, intitulavam-se de capitães e tenentes...

— Não sabe o nome de nenhum, não?

— Não... O Teixeira e o Manel sabem essas coisas todas...

— Eles sabem nomes, não é?

— Sabem os nomes... Eles sabem. O Teixeira e o Manell sabem muito mais do MDLP que eu mesmo. Eu fui para o MDLP através do Ferreira Torres. E o Teixeira e o Manel, por exemplo, não sabem nada do Ferreira Torres. Sabem através de...

— Qual é a actividade que você conhece do Gonçalo Gonçalves Martins?

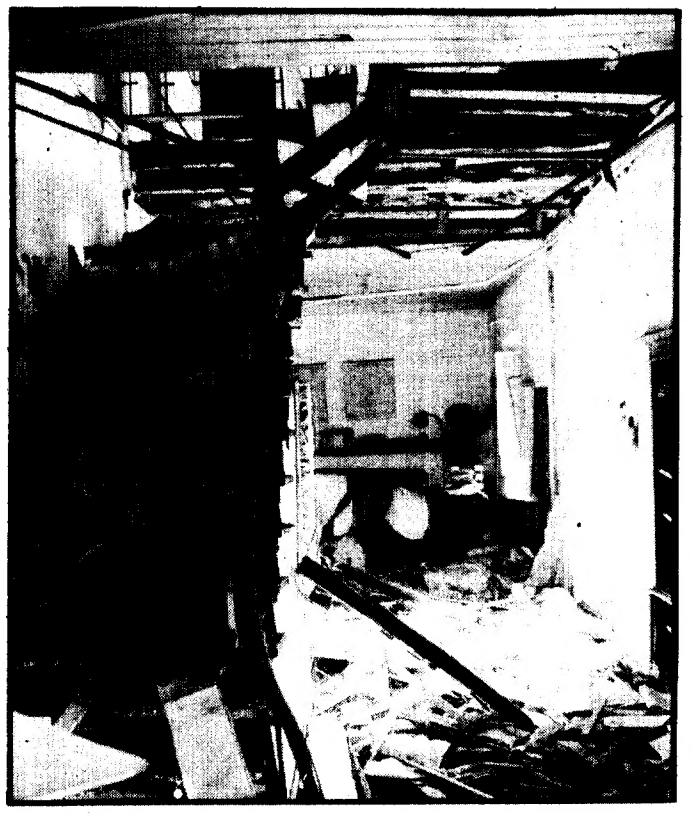
— O Gonçalo, foi-me apresentado uma vez pelo tal Tó Zé, que é o Silva Santos, na Confeitaria Cunha. Eu penso que... Que é um indivíduo muito chaninha, quer-se meter em tudo, em todos, arvorar-se em comandante de tudo e de todos. Foi-me apresentado por esse Tó Zé, que também lhe foi apresentado, eu soube posteriormente, por outra pessoa, não sei, uma ligação qualquer, e... Sabia que ele é que arranjava cargas plásticas e que tinha bastantes interesses materiais. E soube uma vez que ele tinha uns conhecimentos que mais tarde, também posteriormente, vim a saber,... Eu uma vez estava em Ponte de Lima e ele estava lá a falar com uns indivíduos... Que se intitulavam FNLA, ou não sei quê, mercenários do FNLA ou da UNITA ou coisa assim!!... Que julgo que foram esses indivíduos que estiveram relacionados com o roubo da Standard Electric, ou coisa assim parecida. Esses indivíduos, no dia em que eu os encontrei, o Gonçalo até me pediu para eu preparar um explosivo, que esses dois indivíduos, eu falei com eles dois ou três minutos só, diziam-se capazes de destruir completamente a sede do Partido Comunista, em Viana do Castelo, e depois parece que a única coisa que fizeram, eu vim a saber através dos jornais, foi chegar ao meio da rua e atiraram aquilo para lá, e estragaram tudo menos a sede do Partido Comunista. Partiram vidros por todos os lados, e na sede do Partido Comunista parece que nem um vidro ficou partido (ri-se)! Esses dois parvalhões, quer dizer, se os vir agora sou capaz de os reconhecer. Cabeludos... Muito armados em não sei quê! Soube que o Gonçalo, depois, estava ligado muito ao tal Manuel Macedo, que era... E esse Manuel Macedo, por sua vez muito ligado também a esse tal Ferreira Torres. Enfim, uns jogos de interesses muito confuso que nunca percebi, talvez moeda!, negócio de moeda ou negócio de ouro! Aquilo era... Esse tal Manel Macedo era um tal gajo que inclusive me aliciou, coisa que eu me recusei, porque quer dizer, uma coisa era uma coisa, outra coisa era outra, não é? E recusei-me, e até digo-lhe honestamente, até não via que a recompensa fosse realmente válida, que era o caso de eu ir incendiar uma casa que ele tinha em Lisboa, e tal, para ele receber o seguro. O senhor mostrou-se uma pessoa bastante depois chata, e tal, porque queria que eu lhe fizesse sempre, queria que eu servisse para tudo, e eu não estava para isso. Aquelas vinganzazinhas pessoais começaram a chatear-me e eu não estava para...., não estava para... Também, e com toda a franqueza, nem sequer era compensador. Eu... eu dava-me uma certa... dava-me a sensação que houve uma certa altura eu me sentia... eu me sentia manietado por essa malta e até tenho um facto bastante interessante para lhes contar.

Há bem pouco tempo, aqui há cerca de um mês e qualquer coisa, o Regadas chegou à minha beira e disse: «Oh, Ramiro, olhe que o Ferreira Torres quer que você se pire daqui para fora.» E eu: «Mas a que propósito?» — «Bem, parece que ainda aí qualquer coisa, a Polícia Judiciária Militar, e não sei que mais, e isto e aquilo, e eu tenho de lhe dar dez contos para você ir». Andava completamente teso, completamente teso. E o Regadas sabia isso. «Dou-lhe dez contos e você vai ali para Espanha, e o carago, para Frim, para Frim, lá para uma pensãozeca. Você aguenta ali uns dias... » Eu tinha muita confiança com o Regadas, e disse-lhe assim: «Oh Regadas! Você é meu amigo ou não é meu amigo?» O Regadas ficou... O Regadas sempre tinha assim um bocado de respeito por mim. Sabia que eu não era para brincadeiras no aspecto de... Não era respeito, era admiração. E, quer dizer, podia ter falado mal, mas no fundo tinha... tinha, quer dizer... Zelava pelos interesses dele, mas está bem. Não quer dizer que não zelasse pelos meus interesses, não quer dizer que não tivesse... Enfim, tem certas culpas no cartório, e nunca foi... nunca foi muito da linha do Ferreira Torres. Nunca foi, antes pelo contrário. E eu disse: «Oh Regadas, vocês estão-me a foder! Claro, o Ferreira Torres está-me a foder! Então o Ferreira Torres quer-me mandar assim para Frim com dez contos!!... Então, se quisesse despachar-me daqui para fora dava-me uma boa maquia, mandava-me para o Brasil. O que é que é que você diz? Diga-me como amigo o que é que você pensa da situação?» O Regadas pensa daqui, pensa dacolá!... «O Ferreira Torres é um filho da puta!... É um filha da puta, e tal!» E eu disse ao Regadas: «Ele não me quererá mandar desta para melhor, apanhar-me do lado de lá e «truca»?!»

Eu sabia, nunca tive a certeza,... Constou-me que um pide bufou e eles deram cabo do pide. Nunca tive a certeza, mas deu-me a sensação. Ouvi muita conversa sobre isso. Um pide, uma vez, deu duas bufadelas do que se passava e não passava, ligado ao MDLP, e o pide desapareceu. O certo é que eu nunca mais ouvi falar no gajo! Também não sei exactamente o nome dele. E eu disse ao Regadas, e ele: «Aquele gajo é um filho da puta! E tal... Olhe, você faça o que quiser, que eu faria o mesmo...» Até pedi o conselho desse Tó Zé, que era uma pessoa que estava, embora nunca fosse activo nestas histórias todas, nunca, limitava-me pura e simplesmente... Porque esse é uma pessoa minha amiga e mostrou-se sempre... Eu fui sempre recebido em casa dele, com coisa... E era uma pessoa que sente bastante, e achava certos exageros em certas coisas... E até esse Tó Zé disse: «Oh caralho, esse filho da puta desse Ferreira Torres, e tal!!! Você se quiser eu vou falar lá com ele. «Porque era um tipo que, quer dizer, tinha assim um certo interesse... O tipo tem dois miúdos pequenos, sabe que eu tenho um miúdo e tenho poucas possibilidades. Ele é empregado na Mabor, ganha o seu ordenado, a sogra é rica, e ele anda ali assim enconstado. Mas é um tipo da extrema-direita, e tal, e que gosta de ver os comunistas a andar para aí de qualquer das maneiras. O que é nunca tomou parte activa em nada, nem nunca houve assim, nunca fez parte de nada... Tinha uns conhecimentos, e tal, apresentava este, apresentava aquele, de vez em quando dizia: «Ah, e tal, um amigo meu, falei-lhe em si.. Você seu revolucionário do diabo! O gajo deu quinhentos paus, ou um conto de reis! E de vez em quando... Se calhar isso até nem era verdade, era ele é que queria dar. E para não ser ele a dizer que dava, ou coisa assim no género, arranjava e inventava um outro, um outro amigo dele. E..., quer dizer, estávamos a falar era do Gonçalo, a continuar a falar do Gonçalo. Eu conheci o Gonçalo assim, não é?! E depois o Gonçalo, enfim, aparecia em todas as coisinhas, aparecia aqui... Ah, eu estava era a falar na tal saída. Que baralhação!!! E depois, claro, o Tó Zé foi falar com o Ferreira Torres. Conhecia o Ferreira Torres através do tal indivíduo dos pneus de Valongo, que era um gajo porreiro. Também não estava nada envolvido. Que foi lixado pelo Ferreira Torres, porque lhe vendeu dólares muito caros e ele comprou...

Que eu agora não me recordo o nome do homem, e o Tó Zé sempre foi contra o Ferreira Torres: «Esse gajo é um explorador! Você vai levado na onda. O Ferreira Torres é um filho da puta! Só quer... Estes gajos, estes capitalistas só querem é o bem-estar deles! Eles não querem nada a democracia!» E de certo modo até criticava certas acções de... que se faziam. E foi falar com o Ferreira Torres. E: «O Senhor quer que o rapaz vá daqui para fora, e tal, mas é preciso que... descoser-se. O senhor mete o rapaz nas alhadas e ...» Eu tenho a impressão, tenho a certeza absoluta, que ele teve essa conversa. Ele e o Regadas com o Ferreira Torres. O Ferreira Torres ficou assim um bocado... «Bem, e tal, é só uns dias, para coisa... » Mas viu-se muito pressionado. «Bem, se ele não quiser ir não vai, e tal. Se ele não quiser ir não vai... Bem eu podia-o mandar para o Brasil, e tal. Vocês falem com ele a ver se ele vai para o Brasil ou se não vai para o Brasil!» Mas, entretanto, eu, sim senhor, disse que lá. E ele ficou de telefonar ao Tó Zé, ao Silva Santos, que é Tó Zé ou Silva Santos, é a mesma coisa, ou ao Regadas, para dar as massas para eu me pirar para o Brasil. Mas nunca mais falou na situação!

E entretanto começou, eu comecei-me a sentir perseguido pelo Polícia Judiciária. E disse ao Regadas: «Oh, Regadas, então como é!?... Isto, a Polícia Judiciária atrás de mim?!?!» — «Bem, e tal, e tal...», E eu disse: «Mas o que é que eu hei-de fazer?» E ele aconselhou-me: «Convèm não ter nada lá em casa, material nenhum lá em casa...» E eu disse: «Mas, oh pá! mas eu quero saber da minha situação!...» — «Bem, Ramiro, não sei de nada. É muito perigoso um gajo meter-se numas certas coisas!» Fugiu um bocadinho com o rabo à seringa. Nem lá vou nem faço míngua. Nem a dizer que sim, nem a dizer que não! A dizer que sim do género «desenrrasca-te, desenrrasca-te, desenrrasca-te!» E, até hoje! Até que na verdade ontem, anteontem de manhã, foram lá três senhores a minha casa e eu antes que eles me virassem a casa do avesso, dei-lhes tudo. Não lhes dei os detonadores por... por falta de esquecimento. Senão..., foi a



Bomba no Sindicato da Construção Civil, em Braga, no dia 29 de Janeiro de 1976

— «Esses explosivos eu ia buscá-los ao Comando da Polícia... directamente ao Comando da Polícia.»

●

— «O major Cerveira... até fez um esquemazinho para eu atacar o Rádio Clube Português.»

— «Havia quem me dissesse que eu estava a andar muito bem, que certas pessoas estavam a gostar, mesmo até a nível militar... que sim senhor, que me apoiavam.»

●

— «... e o senhor Joaquim Ferreira Torres disse-me que não havia problemas, que desde que eu fosse um tipo com juízo, que podia dispor de toda a massa»...

Documento

única coisa assim mais..., mais agressiva que faltou. Do resto, lembrei-me. Só me lembrei posteriormente dos detonadores. E depois disse-lhes logo.

— Mas o Gonçalo fazia reuniões em casa dele?

— O Gonçalo continua a ser... Os senhores continuam-me a perguntar... O Gonçalo tinha realmente..., era visitado por muita gente. Eu tenho a impressão que o primeiro contacto que o Gonçalo teve foi através do ELP. Ele, aliás, intitulava-se mesmo agente do ELP. Ele intitulava-se chefe não sei de quê do departamento qualquer do ELP. Com ligação com um indivíduo que havia em Valença, com quem eu falei uma vez, com o Gonçalo. O Gonçalo foi lá, e ele tinha lá umas cargas plásticas, ainda daquelas mesmo que eram fornecidas pelo ELP, que eram daquelas maiores, daquelas grandes, pretas, das de dois quilos e meio. E eu fui lá com o Gonçalo. E falei lá com um senhor qualquer que agora não me recordo, lá em Valença. Só uma vez e muito pouco tempo. Esse indivíduo era um indivíduo para poucas falas. E até parece que ficou chateado por o Gonçalo me levar lá... Ainda nessa altura, muito logo no início que eu conheci o Gonçalo. E o Gonçalo, não há dúvida nenhuma, que tinha muitas ligações. Eu nunca cheguei a perceber a vida do Gonçalo. Nunca cheguei, francamente. Arranjava umas armas, e andava sempre com umas pistolas, e daqui e dacolá... Pistolas para aqui, pistolas para acolá, tudo sempre muito coiso, mas activamente, activamente, assim em qualquer atentado, pelo menos comigo, pelo menos comigo (ri-se), nunca entrou. Pelo menos comigo esse senhor nunca...

— Oiça, aquela bomba na Associação de Amizade em Lisboa, Portugal-Moçambique, não foram vocês?

— Não, não senhor.

— E esta última agora, na Associação de Amizade Portugal-República Democrática?

— Também já não fiz parte disso.

— E na DETA? Também não?

— Também não fiz parte disso.

— E nesta da Casa de Angola?

— Também não fiz parte disso.

— E não tem ideia nenhuma?!

— Não faço ideia. Até fiquei de certo modo, fiquei de certo modo espantado quando elas começaram a surgir. Entretanto, entretanto, acredite: a última que eu fiz foi a da Vialonga. E já digo-lhe, foi mesmo porque estava miseravelmente à espera que me dessem qualquer coisa. Porque a partir do atentado de....., da coisa, eu assim coisas... Lá mandava um carrito ao ar, ou coisa assim, mas coisas que já incluam uns certos riscos e uma série de merdas, eu, eu... Inclusive disseram-me que... Eu não acredito, quer dizer, e até esta coisa não... que havia todo o interesse... Que o general Eanes talvez tivesse interesse, talvez tivesse interesse que realmente se fizesse a coisa da Vialonga muito bem feita, para ele poder tomar uma titude. Eu não acredito! Isso talvez... foi, foi uma boca que fosse lançada. Eu também não acredito. E até quem me disse, nem foi o Ferreira Torres. Nem foi o Ferreira Torres. Nem foi o Ferreira Torres. Aliás, essa já foi feita, essa já foi feita, embora o Ferreira Torres soubesse muito bem que ela se ía fazer, foi mais pressionada pelo Regadas. Porque eu depois desliguei-me. Quando o Ferreira Torres... Porque essa da Vialonga foi muito próxima, foi há meia dúzia de dias, quando eu me desliguei... quando o Ferreira Torres queria mandar-me para o Brasil e finalmente, e finalmente..., eu desliguei. E essa Vialonga era uma que já estava preparada já quando... Foi logo preparada mal o general Eanes foi eleito, e tal... Não sei quem é que teve a ideia, francamente não sei quem é que teve a ideia. E, claro, foi-me sugerida a ideia e eu disse: «Está bem!»

— Mas quem é que, então, quem é que o mandou fazer esse trabalho?

— Esse trabalho foi, quer dizer, o Regadas disse: «E tal, era preciso fazer qualquer coisa à entrada de Lisboa, e tal, e coisa.. Cortar a luz àqueles gajos. Gerar lá um bocado de confusão... » foi até uma conversa mais assim entre mim e o Rego, o chamado Rego. Eu quando estava teso tratava-o por «Rego»! Mas eu não sei bem de onde é que a coisa nasceu. Eu já lhe disse, eu estava saturado, estava mesmo!... Não sei, eu pressentia qualquer coisa... E, sobretudo, via que começava a ter sérias dificuldads financeiras e que ninguém me ligava «puto», a ponto de eu pessoalmente me encher de coragem e ir ter com o senhor comendador Abílio de Oliveira lá a casa dele, na Póvoa, e dizer-lhe assim: «Oh meu amigo, você, ou passa para cá umas pastas... (Porque nós precisamos de dinheiro, a rapaziada precisa de dinheiro...) ou... Bolas, caramba!» Não o ameacei. Mas disse-lhe: «O senhor prometeu, dá. Dá! «Ele disse: «Está bem! E tal. Então eu vou arranjar algum dinheiro. «E ficou de arranjar, e ficou inclusive de o entregar ao Regadas, que eu até hoje não sei se ele entregou ou não entregou. Tenho a certeza absoluta que o comendador disse que entregava e entregava mesmo. Mas entretanto... E devia tê-lo entregue exactamente no dia em que eu vim cá parar, que é o dia que tinha ficado combinado. Ele ía para a «Mantex», que ele vem sempre à sexta-feira à «Mantex», vem sempre à sexta-feira à Mantex..., e por isso... Ele ficou combinado telefonar-lhe para ele ir lá receber a massa. Que ele não queria que eu aparecesse. A coisa ficou assim combinada, e eu não tinha dúvidas nenhumas que isso ia acontecer. Porque era uma mssa que me vinha rapazes foram como? Foi você que os convidou?

— Fui eu, fui eu que os convidei. Eu pessoalmente.

— Porque já os conhecia?

— Sim, conhecia-os. O que eram... Por exemplo: um era do género daquele rapaz, o Décio, que era um colega que fazer um jeito... Embora eu não a recebesse toda, ía receber pelo menos metade. E alguma dessa massa ía distribuir pelo menos ao Manel, porque o Teixeira já não fez parte desse assunto, e aos outros dois rapazes que foram, são rapazes bem instalados na vida e que não actuaram. E também não precisavam das nossas esmolas para nda. Foram por carolice, e chegaram lá... Eles quando se viram embrulhados em semelhante coisa...

— E diga lá: e esses dois tinha sido alferes aqui no Quartel General, e eu uma vez quando fui ao Quartel General, por causa do «Povo Acusa», conheci lá esse rapaz e conheci o Décio. E sabia que eles perfilhavam até porque o Décio é sobrinho dum senhor meu amigo, um tal Sotto Mayor que não está ligao a nda disto.

— Esse quem é?

— Sotto Mayor... José Sotto Mayor.

Tem-me dado possibilidade de eu lhe angariar umas obras. Tenho sido mais ou menos empregado dele, a vender uns papéis pintados. Ele tem um estabelecimento que é representante da marca «Clark». Porque eu ultimamente tenho dito mesmo que andar da perna, porque senão.. Tenho-me visto quer dizer tenho-me visto desperado a ponto de estar na disposição de começar a enveredar por caminho de disparates. Primeiro, não se arranja emprego com facilidade, e depois eu tenho que resolver os meus compromissos, a vida que levo, e tenho-me servido da venda de papéis, servido daquilo servido dali... Tenho andado para aí, inclusive até envolvido em certas merdas que se calhar até estou a meter... Assim muito recentemente estou-me a envolver em coisas até muitas chatas, que não têm nada a ver com matérias de política, não é?

— Automóveis?...

— Automóveis.

— Infelizmente. Infelizmente serviu assim para umas coisas. Pense o que quiser. Sabe Deus, sabe Deus,... só Deus e eu... Não quero que tenha pena de mim, até porque eu já sou crescidinho e sou responsável pelos meus actos, mas sabe Deus as vezes as necessidades que eu tinha, porque também queria levar a vida de certo modo «bon vivant». Não é? E claro, nunca queria parecer mal... Sabe Deus às vezes. A tal história que eu contei. Jantar em casa do pai, e ir a correr a casa da mulher tomar uma refeição também, e tudo... Havia dinheiro para gasolina, aquele estúido daquele carro gasta gasolina que nunca mais acaba..., dinheiro para a mulher das limpezas e limpar lá o apartamento, e para ir uma vez por outra ao cinema com as raparigas... Ultimamente não havia dinheiro, nunca houe, e então ultimamente é que havia falhas.

Mas de que maneira.

— Você lá em cima na sua casa tinha uns papéis de uns discursos: uma coisa do Galvão de Melo, outra coisa do Kaúlza,... Quem é que lhe deu aquilo?

— O Galvão de Melo, admiração pessoal pelo general Galvão de Melo. O Kaúlza de Arriaga pela minha linha ideológica tenho simpatia pelo Kaúlza de Arriaga. E assisti uma vez aqui a uma conferência de Imprensa. Não há nada mais. Pelo menos nunca fui contactado. Nem houve tentativa nenhuma. Muitas pessoas minhas conhecidas, eu sei que são simpatizantes do Kaúlza de Arriaga, mas nunca o nome de Kaúlza de Arriaga foi mencionado para... sei que ele tinha um grupo qualquer, mas nunca... Um grupo não activo para colaborar no partido. Eu conheço muitas pessoas que gostam do Kaúlza de Arriaga e perfilham das ideias do Kaúlza de Arriaga. Primeiro era do Galvão de Melo, depois o Galvão de Melo parece querer resolver desistir e viraram-se para o Kaúlza de Arriaga. E eu simpatizo, quer dizer, simpatizo de uma maneira geral com todas as pessoas mais ou menos da linha direita. Continuo a simpatizar, mesmo depois de tudo isto e de ter sido... ter sido vá lá enganado por malta que se intitula de direita mas que de direita só tem os interesses mesmo deles e mais nada E que se estão a marimbar para o País. E o que eles querem — que eu chegue à conclusão — é que o País entre em convulsão porque quanto mais confusão houver mais eles ganham. Eu sei que certos indivíduos, são assim.

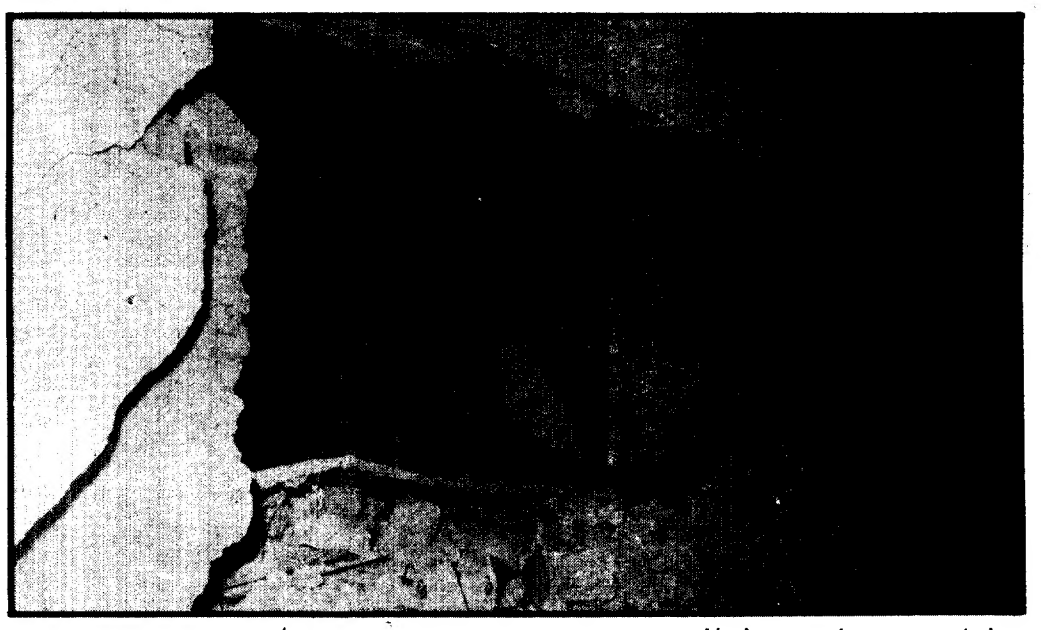
— «O Regadas chegou à minha beira e disse: 'Oh Ramiro, olhe que o Ferreira Torres quer que você se pire daqui para fora ».

— «Foi aí que eu notei o afastamento das pessoas... Assim, serviram-se e depois deixaram a coisa...»

Caso dum Joaquim Ferreira Torres, desse Manuel Macedo, e doutros, não é? Que entretanto não estavam envolvidos nisso mas que sabiam de negócios de moedas, e negócios disto, e negócios de outro, e negócios daquilo, mandar caixas para o Brasil, e mais isto e mais aquilo, importações assim, importações por debaixo da cortina, tudo este coiso de indivíduos que gostavam que houvesse muita confusão, muitas bombinhas, e quantas mais bombinhas houvesse os tipos pensavam nas bombas, não pensavam nas falcatruas que estavam a fazer por detras, e não tenho dúvida nenhuma que vi que essa camarilha toda estava interessada não na democracia, que isto fosse por diante mas antes pelo contrário gostavam é que a coisa continuasse bastante... bastante agitada. E faziam tudo... Até davam a sensação que... Inclusive chegaram a sugerir-se ideias de pôr-se bombas nas igrejas. Eu não sou católico praticante, mas tenho o meu respeito lá pelas coisas sagradas. Os meus pais sempre foram assim, e eu recusei-me obstinadamente: «Não. Em igrejas não, nem pensar numa coisa dessas. Não fomos agora também andar a ponto...» Uma vez: Ah, para lançar a confusão. Numa igreja...»

— Quem é que propôs isso?

— Prpôs-me o sr. Joaquim Ferreira Tores. Achava que isso era uma ideia, uma ideia muito boa para manter essa chamada confusão. Esse senhor é uma pessoa diabólica. E lamento imenso, lamento imenso e faço fé em qualquer altura e na presença de seja quem for, que o cunhado, o sr. major Mota Freitas, se tivesse envolvido nisto... Mas tenho a certeza absoluta que esse homem tem um medo incrível do cunhado. Primeiro porque enfim, casou-se com uma irmã. Ele domina-o como quer. Até porque tenho outras referências do major Mota Freitas em que ele é uma pessoa honesta, vertical, nunca foi coisa, mas casou-se com a irmã do Ferreira Torres, e tal, e o Ferreira Torres exerce uma... Exerce sobre ele uma coisa... O cérebro de toda esta história é o Ferreira Torres. Até porque ele sabia muito anteriormente... Quando eu me meti nestas andanças, aquele rapaz o Ludgero disse-me: «Oh pá tu sabes, eu havia de te levar ao Ferreira Torres. Porque ele dá umas massas, e tal...» Porque o Ludgero conhecia Ferreira Torres. Duns negócios de moedas de carros e de não sei que mais... «Ele há-de-te dar umas massas». E eu uma vez cheguei ao major Mota Freitas e disse-lhe assim: «Então o seu cunhado!...»



Uma das recentes bombas contra a Reforma Agrária. Há nomes já de suspeitos, mas ainda ninguém foi preso!... Trata-se de outra rede?

No lar universitário, «Domus Nortrun», em Lisboa, em 25-2-77